

Projeção astral

Um registro de experiências fora do corpo

Nota de Wagner Borges:

Alguns textos deste livro foram publicados esporadicamente como artigos soltos na década de 1920 (há alguns comentários sobre eles na excelente introdução de Hereward Carrington (1880-1958) para o livro “A Projeção do Corpo Astral”, editado por ele e Sylvan J. Muldoon em 1929, nos E.U.A.). Posteriormente, já durante a década de 1930, Oliver Fox finalmente publicou-os em forma de livro completo na Inglaterra.

Trata-se de um clássico das saídas do corpo e dos sonhos lúcidos, além de mencionar bastante a glândula pineal (epífise).

Oliver Fox (pseudônimo do inglês Hugh Callaway, 1886-1949), Yram (pseudônimo do ocultista francês Marcel Louis Fohan, autor do excelente livro “Le Medecin de L’âme”) e Sylvan J. Muldoon (1903-1971) são os principais autores projetivos das décadas de 1920 e 1930, com obras lançadas em aberto sobre o tema, e muito contribuíram na divulgação do tema entre os leigos.

Esses três caras, aos quais cada um de nós, projetores e pesquisadores dos temas projetivos, devemos bastante pela abertura mencionada, são chamados por alguns pesquisadores de o “triumvirato” de projetores.

Um inglês, um americano e um francês tocaram bem a bola projetiva lá atrás. Oxalá, possamos tocar bem a nossa bola projetiva também nos dias de hoje, sempre estudando com modéstia e vontade de crescer, e nunca com a presunção de que sabemos muito sobre essa bela arte das experiências fora do corpo.

Não somos mestres projetores. Somos apenas projetores.

E, antes de tudo, somos consciências espirituais estagiando em corpos densos necessários ao nosso aprendizado e evolução.

Logo, seja dentro ou fora do corpo, possamos aproveitar a todas as oportunidades de crescimento que se nos apresentam na existência cotidiana.

Dentro ou fora do corpo, sejamos felizes!

Em tempo: agradecimentos especiais ao Ricardo Schimidt, nosso amigo, que gentilmente aceitou o meu pedido de traduzir o livro do inglês para o português, e assim nos permitiu o acesso a esse material em nosso idioma.

Paz e Luz.

OBS.: O livro “Le Medecin de L’âme” (“O Médico da Alma”), do projetor francês Yram, saiu nos E.U.A com o título de “Practical Astral Projection” - Ed. Samuel Weiser – Esse ótimo livro de relatos projetivos também tem uma tradução para o Castelhana editada na Argentina na década de 1980: “El Medico Del Alma” - Ed. Kier - Buenos Aires.

Projeção astral
Um registro de experiências fora do corpo

por **OLIVER FOX**

(Este livro foi publicado pela primeira vez na Inglaterra, provavelmente por volta de 1938-1939. Nos E.U.A. foi publicado em 1962)

Para Minha Esposa

Ó Alma, tu que és pássaro vivaz e radiante!
Livra-te de tua casa-prisão: Deus te concede velocidade.
Sabedoria e alegria muito além da palavra falante
Aguardam-te, na liberdade.

PREFÁCIO

Devo meu conhecimento deste livro a Hereward Carrington. Em sua introdução para o livro de Sylvan Muldoon sobre o mesmo assunto, o Dr. Carrington diz: “A única narrativa detalhada, científica e em primeira mão sobre uma série de projeções astrais conscientes e voluntariamente controladas que eu jamais encontrei é aquela do Sr. Oliver Fox, publicada no ‘Occult Review’ de 1920.” Isso é, realmente, um grande elogio. Isso me levou a buscar os artigos originais, os quais eu achei que valeriam à pena ser lidos. Isso foi em 1929, logo depois do lançamento do livro do Sr. Muldoon. Mas, não foi até bem mais recentemente que eu descobri – aparentemente havia sido publicado do lado escuro da lua – que Oliver Fox havia mais tarde ampliado o seu artigo para um livro, este que você tem agora diante de seus olhos. O livro em si não tem qualquer data de publicação. Mas, como o leitor perceberá na página 117, há um comentário feito pelo autor datado de Março 1, 1938, portanto o livro deve ter sido publicado por essa época. Tudo leva a crer que foi publicado somente uma única vez, na Inglaterra. Esta é a primeira vez que é publicado nos Estados Unidos.

Se eu tivesse algum controle sobre essa situação, preferiria não usar o termo “Projeção Astral.” Muito mais simples e correto seria o uso do termo “Experiências Fora do Corpo.” Tanto quanto foi possível certificar-me, Oliver Fox, ele mesmo, nunca usou o termo “Projeção Astral.” Seus artigos originais no ‘Occult Review’ em 1920, pelos quais ele é com toda justiça considerado o pioneiro nesse campo, eram intitulados “A Porta da Pineal,” e “Além da Porta da Pineal.” (Conforme explica no seu livro, não se deve entender que ele tenha usado o termo ‘pineal’ no sentido anatômico.) No texto desse livro, também, não encontro nenhuma passagem na qual ele fale sobre isso como “Projeção Astral.” Acho que o termo lhe foi imposto pelo seu editor inglês, numa imitação do termo usado por Sylvan Muldoon. A questão é que o termo, “Corpo Astral,” que foi tão popularizado pelo Sr. Muldoon, pertence de fato à doutrina da Teosofia, onde tem um outro sentido completamente diferente, sendo um dos cinco corpos, e nem por isso o mais espiritual deles. Deve-se reconhecer, no entanto, que pelo menos por ora, o uso do termo “Projeção Astral” pelo Sr. Muldoon é o mais familiar para as pessoas hoje em dia, e vamos ter de nos contentar com ele.

Neste uso do termo, o Corpo Astral é o Duplo, ou a contraparte etérea do corpo físico, ao qual se parece e com o qual normalmente coincide. Cada um de nós tem um. Existe um número substancial de casos na literatura da pesquisa psíquica relativa a situações em que uma pessoa encontrou-se tendo uma experiência Fora do Corpo. Algumas vezes isso se originou de um acidente muito sério. Algumas vezes veio em decorrência de uma doença profunda. Outras vezes resultou de um choque por causa de notícias trágicas ou de uma experiência angustiante. O leitor interessado encontrará um breve resumo de tudo isso na introdução de Hereward Carrington para o livro de Sylvan Muldoon. Aqueles que desejarem ir mais fundo encontrarão uma quantidade considerável de material em dois livros que já publicamos: “A Personalidade Humana e sua Sobrevivência sobre a Morte Física” de F. W. H. Myers e “Fantasmas dos Vivos” da Sra. Sidgwick. Existe também um resumido capítulo, relatando casos típicos, no livro “Ciência e Fenômenos Psíquicos e Aparições” de G. N. M. Tyrrell, que ele intitula como experiências “Fora-do-Corpo.”

Todos esses casos incluem muito pouco trabalho experimental na indução de experiências fora do corpo. É por essa abordagem experimental consciente que Sylvan Muldoon é com justiça, famoso na sua “A Projeção do Corpo Astral.” Muito menos conhecido, conforme já mencionei anteriormente, é o trabalho de Oliver Fox, o qual, na forma de artigos no ‘Occult Review’, precederam a obra de Muldoon.

Existe uma quase excessiva modéstia nos escritos do Sr. Fox sobre esse assunto. É claro que ele sente profundamente a necessidade de não sublinhar aqueles entre os seus experimentos que carregam um peso maior de evidências do que os

outros, ele registrou suas falhas e experiências inconseqüentes na mesma medida. Aliás, o leitor acostumado com outros relatórios ostensivos poderá até voltar ao início desta introdução e novamente ler com alguma perplexidade o poderoso elogio de Hereward Carrington a respeito deste livro. Mas o leitor paciente, e acima de tudo aquele realmente interessado, irá finalmente despertar para o fato de que debaixo da aparentemente casual descrição dos seus experimentos, o Sr. Fox oferece uma metodologia bem precisa para a indução de experiências fora do corpo. Como isso é tão impar na literatura, e é bem conhecido por aqueles de nós que tivemos que mascar uma boa quantidade de palha sem obter qualquer resultado.

Conforme ele nos conta, o Sr. Fox evitou tanto quanto possível tudo aquilo que não fosse diretamente pertinente ao problema das experiências fora do corpo. Inevitavelmente, no entanto, ele precisou indicar suas próprias origens teosóficas. Mas nós podemos compartilhar de seus experimentos e experiências sem abraçar os seus pontos de vista teosóficos. Existe um lugar comum sobre a questão das experiências fora do corpo para pessoas com as mais variadas visões religiosas ou até mesmo sem nenhuma visão religiosa. Para tornar ainda mais simples, experiências fora do corpo são "fatos" não importa como cada um de nós as explique para si mesmo. Nenhuma mente genuinamente aberta questionou isso desde a "Personalidade Humana" de Myers e de "Fantasmas dos Vivos" da Sra. Sidgwick. Pode-se ainda, naturalmente, questionar a técnica para induzi-las oferecida por Oliver Fox. Mas seja qual for a conclusão final, a técnica dele merece o nosso estudo. Este ponto fascinante, para o qual a minha mente se volta, e para o qual a mente de qualquer leitor sério deve se voltar da mesma maneira, é sobre o modo sem paralelo do depoimento do Sr. Fox sobre a sua técnica.

JOHN C. WILSON

ÍNDICE

Capítulo		Página
I.	Sonhos Antigos e Experiências de Transe	05
II.	Prelúdio para a Pesquisa	09
III.	Consciência do Sonho e Primeiros Ensaios para a Projeção	12
IV.	O Falso Despertar e a Condição de Transe	16
V.	A Projeção de Elsie	21
VI.	Sonho do Conhecimento Não Essencial: Um Outro Método	24
VII.	Oito Registros	28
VIII.	A Porta se Fecha: Projeção Ainda Possível: Mais Onze Registros	38
IX.	As Duas Maneiras de Abordagem: Algumas Dicas Práticas	46
X.	Alguns Problemas e Comparações: Pseudo Projeções (?)	51
XI.	A Mente Subconsciente. O Tempo. A Última Projeção	58

CAPÍTULO I

Sonhos Antigos e Experiências de Transe

Devido ao interesse peculiar que os sonhos teriam mais tarde em minha vida, acredito que seria bem melhor começar este relatório lá atrás nos dias quando eu era muito jovem e os divertidos bondinhos puxados por cavalos, com seus alegres sinos, passavam pela minha casa na Rua Seven Sisters. Alguns pontos de importância serão trazidos à luz, embora naturalmente muitos anos passar-se-iam antes que seu significado pudesse ser apreciado por mim. Talvez ajude também a solucionar a questão se meus experimentos de projeção foram possíveis devido a alguma anormalidade psíquica congênita; mas devemos lembrar que, embora geralmente descartadas como bobagens ou faz-de-conta, as experiências não são nada incomuns na primeira infância.

Quando criança, eu passei de doença em doença – em verdade, as primeiras palavras que tenho lembrança de ouvir são, “É a crupe outra vez” e a vida me era temporariamente embargada por períodos na cama, porém animada por cataplasmas muito quentes e remédios muito ruins. Sim, eu era certamente delicado e altamente estressado. Embora não fosse esse originalmente o propósito, uma cruz de latão enfiada na calçada em frente à Igreja Holyrood em Southampton, ainda marca o local onde um dia eu deitei de costas e esperneei, para o desespero de minha mãe e em detrimento do meu terninho branco de marinheiro. Disso pode-se entender que eu era também um pouco temperamental.

Ao olhar para trás, parece-me que naqueles anos iniciais, até meus sete ou oito anos de idade, meus sonhos eram principalmente uma variedade de pesadelos. Suponho que tenha havido alguns felizes também; mas com poucas exceções, estes últimos não deixaram gravada nenhuma impressão permanente em minha memória, e eu sei que quando ia para cama, tinha medo de sonhar. A maioria desses pesadelos era do tipo comum; mas havia dois de um tipo repetitivo que têm um suporte muito especial dentro do nosso assunto de projeção astral.

O primeiro deles eu chamei de sonho do Duplo. Nesse sonho minha mãe e eu estaríamos sentados juntos na sala de jantar; e quase sempre era noite, e o lampião estaria queimando e talvez um fogo aconchegante na lareira. À primeira vista as coisas pareciam bem normais, mas logo uma mudança estranha cobria a cena pacífica. Minha mãe parava de falar e me olhava fixamente com seus lindos e implorantes olhos, e ao mesmo tempo o lampião e a chama da lareira ficavam menos claros, enquanto uma outra luz – dourada e vindo aparentemente do nada – enchia a sala. Então, a porta se abria e outra mãe, vestida exatamente da mesma maneira até o menor detalhe, entrava e caminhava até mim; e ela, também, me fixava silenciosamente com olhos lindos e hipnotizadores. Aí então, aquele medo horrível do sonho me engolfava; e depois da usual luta para gritar, eu acordava, normalmente gritando.

Agora, minha mãe – a quem eu estava fadado a perder tão cedo, pois ela morreu quando eu tinha treze anos – parecia ser a coisa mais linda no meu mundo. Por que, então, deveria eu ficar tão aterrorizado porque havia duas mães? Verdade, esse acontecimento era contrário ao decorrer dos eventos normais na vida acordado, porém coisas miraculosas ocorriam freqüentemente nos meus sonhos, sem, contudo me amedrontarem, aceitos normalmente e não reconhecidos como anormais enquanto eu ainda sonhava. Parecia-me naquele tempo, e por muitos anos depois, que o meu medo se originava do dilema: eu era confrontado com duas mães, iguaizinhas como duas ervilhas, e eu não conseguia dizer qual era minha mãe *verdadeira*. E, no entanto, por que deveria essa incerteza produzir tanto pânico? Hoje em dia estou inclinado a acreditar que esses sonhos “duplos” eram diferentes dos pesadelos normais, que meu corpo estava num estado mais profundo de transe do que no sono comum normal, e

que algum grau de descoincidência teria ocorrido, para que minha consciência fosse invadida pelo terrível medo sem razão tão seguidamente associado à condição de transe.

Durante minha infância o sonho do Duplo ocorreu, imagino umas três ou quatro vezes ao ano, embora com intervalos irregulares. Enquanto minha mãe era viva, ela quase sempre aparecia nele, embora ocasionalmente a cena fosse diferente e seu lugar seria ocupado por meu pai ou outro parente ou amigo. Neste momento eu não tenho certeza se alguma vez sonhei com ela dessa maneira depois de seu falecimento, mas esse sonho foi rareando, rareando cada vez mais, e já faz anos que não se repete. Somente uma vez minha esposa foi o personagem principal, e uma vez eu vi o meu próprio duplo. Nesse último caso eu parecia perceber o meu Gêmeo da Escuridão, pois eu parecia muito velho e incrivelmente mau; mas é interessante notar que, embora chocado pela aparência maquiavélica do meu duplo, eu não sentia medo dele.

O outro pesadelo, que eu encaro como tendo um significado peculiar, foi muito mais raro e tomava várias formas, embora o mesmo princípio básico estivesse manifestado em cada um. Eu o chamei de medo da Extensão. O exemplo mais antigo do qual posso lembrar sobre esse sonho é de uma procissão sem-fim de trabalhadores do carvão esvaziando sacos de carvão sobre uma pilha que lentamente cresce cada vez mais. Alguma coisa dentro de mim parece estar unida com a negra coluna crescente e de pouco em pouco vai se esticando cada vez mais apertada. Existe um terrível senso de destino, de inevitabilidade: os carvoeiros nunca vão parar de esvaziar seus sacos, a coluna negra nunca vai parar de crescer até o céu, e o tormento dentro de mim vai crescer e crescer até ...? Então, segue-se o pânico, a luta para gritar, e a interrupção do sonho.

O último exemplo desse sonho do qual posso me lembrar aconteceu quando eu tinha aproximadamente dezoito anos. Eu sonhei que meu avô e eu estávamos sentados à mesa do jantar. Repentinamente ele pegou uma moeda de três “pennies” de seu bolso e segurou-a entre o indicador e o polegar sobre a mesa para que eu pudesse ver. “Uma moeda de três “pennies”! ele exclamou, “mas ela vai crescer e crescer e crescer e nada poderá jamais pará-la!” Sua voz foi aumentando até terminar num grito: “Ela vai crescer e crescer e crescer até cortar o mundo em duas partes!” Agora, no meu sonho, embora a moeda de três “pennies” não tenha aumentado de tamanho, alguma coisa dentro de mim parecia estar unida à uma moeda invisível e estava sendo espichada conforme aumentava e aumentava em obediência ao horrível monólogo do meu avô. Havia o mesmo terrível senso de inevitabilidade e desamparo, terminando em pânico. Eu ecoava o seu grito, e isso quebrava o pesadelo.

Quando eu era bem pequeno, quatro ou cinco anos, esse sonho de Extensão se intrometia vez ou outra na minha vida que se iniciava. Como a maioria das crianças, eu volta e meia caía dentro de um sonho-acordado quando brincando com meus brinquedos e ficava sentado com o olhar parado, não vendo nada em particular. Repentinamente, uma mudança sutil acontecia no quarto, embora tudo parecesse igual, e eu começava a ficar com medo. Eu não podia entender a natureza dessa mudança e somente conseguia explicá-la ao meu pequeno eu mesmo dizendo que “as coisas ficaram erradas”. Eu poderia, digamos, ter uma mão descansando sobre a mesa e a outra no espaldar da cadeira. A ilusão era que eu não conseguia mover minhas mãos e que a mesa e a cadeira estavam vagarosamente me separando e me espichando, mas ao mesmo tempo eu sabia com uma parte da minha mente que elas não estavam *realmente* se movendo. Era talvez esse conhecimento que evitava que o medo alcançasse dimensões de pesadelo e que terminasse em pânico. Eu lutava para mover minhas mãos e então, subitamente, as coisas ficavam “corretas” novamente. Eu estava livre, mas muito admirado com o que tinha me acontecido. Numa ocasião, quando minhas mãos estavam descansando sobre o pano de crochê da minha caixa de brinquedos, a tela parecia estar se expandindo e separando meus dedos. Quando

as coisas “ficavam erradas”, seja à luz do dia ou da noite, a luz mudava de uma maneira semelhante àquela descrita no sonho do Duplo.

Penso que esses pesadelos da Extensão também poderiam ser resultado de um estado físico anormal – o corpo estando num transe profundo não usual – e invadido pelo medo peculiar àquela condição. Aqui, também, algum grau de descoincidência dos veículos poderia ter acontecido, a exteriorização criando na minha consciência a idéia de esforço ou extensão. As experiências de Extensão de vigília foram obviamente produzidas por auto-hipnose.

Neste ponto, é possível que alguns dos meus leitores com mente psicanalítica estarão tentados a imaginar: “Este cara Fox parece ter pirado com seus experimentos sobre projeção! Já tão cedo na sua infância ele foi dominado por idéias do Duplo e Extensão, e tudo o mais tem continuidade a partir desses dois fatores. Suas assim chamadas aventuras fora do corpo foram puramente imaginárias.”

Pois bem, se eu fosse só a *única* pessoa a ter tido tais experiências, esta linha de crítica seria merecedora de uma séria atenção, embora mesmo assim eu penso que seria muito difícil fazer com que uma psicanálise cobrisse todos os fatos deste caso. No entanto, basta pegar o “Mistério do Duplo Humano”, pelo Hon. Ralph Shirley, para ver a grande quantidade de evidências certificadas que se seguiram à publicação do meu artigo, “O Portal da Pineal”, no “Occult Review” de Abril, 1920. Enquanto que na minha opinião as experiências narradas neste capítulo são sem dúvida nenhuma de interesse pela luz que elas jogam sobre a minha constituição psíquica, eu não creio que elas possam ser tomadas para invalidar os resultados da minha pesquisa. Pessoalmente, estou disposto a consultar meu horóscopo, ao qual me refiro mais adiante, para a verdadeira explicação daquelas forças que se manifestariam em minha vida, primeiro o sonho do Duplo e a Extensão e mais tarde aos experimentos que formam o assunto deste livro.

Algumas vezes, logo antes de cair no sono, eu via através das minhas pálpebras fechadas um número de pequeninos círculos vibratórios azul-enevoados ou roxos. Eu deveria descrever essa estrutura como algo parecido a uma massa de ovos de sapos, e apenas no limite da visibilidade. A princípio esses círculos estavam vazios, mas logo uma carinha sorridente, com penetrantes olhos azul-aço, apareceria dentro de cada círculo, e eu ouviria um coro de vozes zombeteiras dizendo muito rapidamente, como se estivessem em sintonia com a vibração, “É isso, você vê! É isso, você vê!” Sempre diziam a mesma coisa, mas eu nunca consegui encontrar a origem dessas palavras ou a sondar o seu significado, se é que havia algum. E como a aparência desses rostos sempre anunciava um mau pesadelo em particular, eu acabei por recear suas chegadas.

Esse estado de coisas continuou durante dois ou três anos, embora seja bom lembrar que eu somente conseguia ver esses círculos em intervalos irregulares de várias semanas, e então aconteceu uma coisa muito inexplicável. Os círculos vibratórios apareceram, vazios no início, e meu Deus, eles foram preenchidos por pequeninos tinteiros de vidro! E não havia qualquer pesadelo! Daí em diante eu realizava uma proeza de mágica de criança. Quando os círculos vazios chegavam, eu dava o comando, “Que sejam estantes de tinteiros!” pois eu confundia o pote com a estante naqueles dias. Com certeza, os tinteiros de vidro apareciam e não havia qualquer pesadelo. Mas eu precisava ser muito rápido, senão as carinhas sorridentes chegariam em primeiro lugar, eu ouviria suas palavras sem sentido, e o pesadelo aconteceria logo a seguir. Esse incidente esquisito dá uma boa ilustração do poder de sugestão, mas ele também tem um significado mais profundo; pois em minhas próprias experiências fora do corpo eu percebi em várias ocasiões, debaixo da névoa dourada penetrando o quarto, essa cortina vibratória de células circulares, mal e mal visíveis. Eu não sei o que é, mas acredito que esteja sempre presente atrás das coisas, caso concentremos nela, embora muitas vezes permaneça despercebida por causa da

natureza mais reprimida de outros fenômenos. Mas em minhas experiências de projeção, esses círculos vibratórios permanecem vazios. Foi somente durante a minha jovem meninice que os rostos moleques ou os tinteiros amigáveis apareciam dentro deles.

No quarto onde eu dormia havia sempre o que chamavam de um queimador de rabo-de-peixe – agora, como o acendedor de lampiões, uma coisa do passado. Através do vidro claro do globo, eu podia ver a chama brilhante em forma de leque, com seu cone central roxo quase preto, ou azul escuro, no qual pequenos pontos vermelhos faiscavam para cima. Na minha condição sonolenta eu costumava observar esses pontos que subiam, conforme eles atravessavam o espaço escuro e perdiam-se na luminosidade externa, e algumas vezes as coisas repentinamente “iam mal”. A luz da chama do gás ficava mais difusa e aquela misteriosa luz dourada pálida que vinha de lugar nenhum derramava-se pelo quarto. Eu ouvia barulhos estranhos, ruídos de crepitar e estalar, enquanto pequenos dardos de chama azul, como relâmpagos em miniatura, arremessavam-se dos cantos do quarto. E então, chegou uma aparição: um homem com uma face horrível e grotesca, um lobo com olhos de fogo, um leão, uma enorme serpente, um grande urso negro em pé ereto de maneira que chegava até o teto – eu os via a todos em momentos diferentes. E eu simplesmente gritava e gritava. A aparição ficava bem quieta, me encarando, e eu podia ouvir minha mãe subindo as escadas correndo, atendendo ao meu frenético SOS; mas assim que ela virava a maçaneta da porta, a besta amedrontadora sumia e as coisas “voltavam ao certo” novamente.

Deve ter sido muito irritante para minha mãe, mas ela era sempre doce e gentil comigo. Ela, é claro, pensava que eu estivera sonhando, e insistia comigo que era somente um pesadelo. Bem, eu agora sei que não era. Essas experiências, que eram bastante raras e provavelmente terminaram quando eu estava com seis anos, foram sem dúvida o resultado do transe auto-induzido causado pela fixação na chama de gás. Tais aparições, luzes e sons são acontecimentos comuns naquela condição de transe que forma o prelúdio para uma projeção consciente. Há uma coisa, entretanto, que ainda me intriga: eu não consigo entender porque meus gritos não quebravam o transe antes de minha mãe entrar no quarto. Pode bem ser que minha memória não seja confiável a respeito do momento preciso no qual a aparição se desvanecia, mas eu não sinto que essa seja a explicação.

Apenas uma experiência de natureza prazerosa se encaixa nessa categoria. Um homenzinho engraçado vestido de marrom – meio parecido com aqueles gnomos de jardim que a gente se cansa de ver hoje em dia – encarapitou-se sobre minha cama e sorriu para mim me tranquilizando. Ele apontou para uma tela que estava próxima, e então um círculo brilhante de luz apareceu que poderia hoje ser comparado a uma lanterna mágica, embora eu não creio jamais ter visto uma na época em que isso aconteceu. Nesse círculo, de início enevoadado, foi surgindo gradualmente uma encantadora, vivamente colorida pintura de uma cena de sítio. E tudo estava se *movendo*. Cavalos, vacas, cachorros, etc., todos em movimento; patos nadando no lago; e uma mulher num vestido azul acenando com a mão desde a porta da casa do sítio. Logo a seguir o quadro desvaneceu-se, o gnomo desapareceu com um aceno e um sorriso de despedida, e eu fui deixado aparentemente acordado e grandemente surpreendido. O ponto-chave de interesse aqui é o círculo de luz; pois nos anos que se seguiriam, eu o veria novamente, embora sem o gnomo e a cena da chácara, e outros investigadores já perceberam um fenômeno semelhante.

Estou tentado a relatar mais uma experiência da minha meninice, embora não tenha nenhuma conotação com o assunto da projeção. Eu estava deitado na cama durante o dia claro e me sentindo descontente – talvez eu tenha sido muito desobediente e fui mandado para cama mais cedo do que o normal. A vida era uma chatice, os pais eram injustos, e ir dormir significava sonhos e possivelmente sonhos

maus. Mas não se podia fazer nada a respeito, então fechei os olhos. Imediatamente ouvi o som mais delicioso, como uma grande fanfarra de trombetas de prata celestiais. Abri meus olhos outra vez extasiados e fiquei deitado piscando na luz da manhã; pois a noite já havia passado! Havia passado no que parecia um segundo, e depois de quase cinquenta anos isso ainda permanece como a única experiência que tive dessa natureza. Pois embora eu tenha acordado sem qualquer lembrança de ter sonhado, ainda tenho a impressão de ter estado na cama por muitas horas, e o clima do sonho não lembrado ainda perdura.

Ó meu! Grandes mudanças aconteceram na Rua Seven Sisters. Os alegres trezininhos de brinquedo há muito tempo foram para o lixo, e os cavalos que os puxavam pastam nos campos Elísios – pelo menos, assim eu espero. A velha casa, no entanto, ainda permanece, e de vez em quando eu passo por lá para mais uma vez ver as janelas dos quartos onde as coisas “iam mal” há tantos anos atrás.

No próprio Finsbury Park a mudança não foi tão grande. As árvores que conhecíamos ainda estão lá e uma das fontes-bebedouro, que eu era proibido de usar. Algumas vezes quando sento lá ainda posso ver, mesmo que só na imaginação, uma dama muito graciosa cuja beleza o tempo jamais irá ofuscar. Ela atravessa os anos para me cumprimentar, e todos os cachinhos dourados que coroam sua testa estão radiantes sob o sol.

CAPÍTULO II

Prelúdio para a Pesquisa

Talvez pareça um pouco surpreendente, depois dos eventos relatados no capítulo anterior, que os sonhos fossem ter um interesse tão absorvente para mim; porém durante minha meninice e juventude minha saúde melhorou sensivelmente, e o clima de pesadelo-assombrado daqueles primeiros anos retrocedeu para dentro do passado. E agora, nos meus cinquenta, ainda sou um tanto quanto delicado, mas muito duro de matar.

Como estudante, no geral, eu era bastante normal: modelos de trenzinhos a vapor, espingardas de ar, experimentos químicos do tipo sensacional, foguetes caseiros que explodiam prematuramente, ratos brancos, selos, luta livre, ginástica, remo e ciclismo – assim a vida foi passando, bastante prazerosa, e aparentemente isenta de acontecimentos psíquicos. Suponho que eu era anormal em três maneiras, que descreverei resumidamente a fim de completar meu quadro desse estágio de transição que une (o que na época eram) os acontecimentos incompreensíveis da primeira infância com o verdadeiro início da minha pesquisa.

Quando eu estava com treze anos, perdi minha mãe, e meu pai a seguiu dentro de seis meses. Os dias de Finsbury Park tinham terminados, e eu fui morar com meus avós em Southampton. Eu era jovem demais para me dar conta da calamidade irreparável que havia caído sobre mim; mas isso pelo menos mudou minha atitude em relação à morte, da qual eu tinha certo medo até então. Embora morrer possa ser um negócio doloroso, eu senti que além da sepultura eu certamente encontraria minha mãe, e aquele pensamento roubou do misterioso mundo próximo a maioria dos meus terrores, e estimulou grandemente o meu interesse pela vida após a morte. Linda Mãe, grande, onisciente Papai – num tempo tão recente os árbitros do meu destino – onde estavam eles *agora*? O que havia acontecido com eles? Eu li o livro “Light” (Luz), de Stainton Moses. Com a ajuda de um colega de escola solidário eu até fiz experimentos com a mesa mediúnic e com o copo que falava, mas os resultados não foram nem convincentes nem particularmente edificantes. Em breve abandonei esses experimentos, mas continuei a ler qualquer coisa sobre Espiritualismo que cruzasse meu caminho.

Minha segunda anormalidade era quase uma coisa vergonhosa, e prova clara de que Fox estava realmente maluco; pois eu era um poeta, e pessoas que deveriam saber melhor, predisseram um grande futuro para mim. Apresso-me a acrescentar que as promessas realmente notáveis dos meus esforços de garoto de escola não se concretizaram. O dom amadureceu até certo ponto; mas mais tarde, quando me tornei cada vez mais absorvido pelos meus estudos científicos, minha musa sacudiu sua cabeleira e me deixou. Duvido agora que aqueles primeiros poemas fossem somente o trabalho de minha consciência sem uma ajuda adicional. Seguidamente havia um senso preliminar de desconforto e inquietação, e eu sabia que ia escrever outro “poema”. Então, de repente, as palavras pareciam se formar no meu cérebro e eu sentiria o ritmo por baixo delas. Sim, eu agora me inclino diante da visão de que algum poeta desencarnado estivesse tentando tirar música de um instrumento muito elementar que estava à sua disposição. E é por isso que considerei o fato merecedor de ser mencionado neste relato.

Minha terceira anormalidade tem uma conotação muito direta com nosso assunto de projeção astral. Embora não indiferente aos charmes de Dia, sua irmã escura Noite era bem mais querida para mim. O apelo de Dia era mais um estímulo superficial dos cinco sentidos; mas Noite penetrava fundo e alcançou talvez um sexto sentido. Eu estava atraído pela lua e as estrelas e o mistério daquela poderosa abóbada. Algumas vezes no Inverno essa saudade pela Noite triunfaria sobre meu

amor pelo conforto. Em obediência ao seu estranho chamado eu me sentia impelido a deixar a lareira aconchegante e meus selos, e perambular sobre a solitária terra comum, sob as estrelas maravilhosas. E algumas vezes eu subiria numa escada, encostada contra o velho muro romano que limitava um dos lados do nosso jardim, e sentava meio congelado, fitando a esplêndida lua. Sim, eu amava Noite, e não era ela a rainha daquele lugar encantado, o Reino dos Sonhos?

Os pesadelos agora tornaram-se pouco freqüentes e geralmente do tipo comum, atribuíveis a um jantar descuidado. Glamour e beleza tornaram-se cada vez mais manifestos na minha vida de sonhos, e sonhos de um novo tipo vieram para estimular meu interesse. O lado de prever a sorte no futuro nunca me atraiu. Eu dei uma olhada num livro popular dos Sonhos e logo o deixei de lado como baboseira, um veredicto ao qual ainda me atenho; pois embora um certo sonho possa ter um significado profético verdadeiro para uma determinada pessoa, os símbolos empregados variam de acordo com a maquiagem psíquica peculiar do sonhador, e tentar padronizá-los num modelo de Livro do Destino é absurdo. Não existe uma linguagem universal dos sonhos.

Quando os meus dias escolares chegaram ao fim, eu havia chegado às seguintes conclusões:

(1) A maioria dos meus sonhos era obviamente uma mistura mais ou menos absurda, baseada em acontecimentos passados e lembranças de livros que eu havia lido. Eles até poderiam ser grandemente prazerosos e entretidos, mas eu não sentia que qualquer importância pudesse ser dada a eles. Lá estava eu, é claro, completamente errado; porém as pesquisas do Dr. Freud não seriam conhecidas para o público em geral ainda por muitos anos.

(2) De vez em quando aconteceria de um sonho possuir um significado profético verdadeiro, mas somente em conexão com assuntos bastante triviais. Minhas reflexões mais maduras sobre esse assunto, junto com alguns exemplos, podem ser encontradas no "The Prophetic Element in Dreams" (O Elemento Profético nos Sonhos), publicado no Occult Review de Setembro de 1920, mas aqui devo me restringir somente a essa referência.

(3) Quando eu sonhava com minha mãe eu não me dava conta de que ela estava morta, e ela não se referia ao seu passamento ou me dizia qualquer coisa sobre sua nova vida. Portanto, eu não me sentia seguro de que o sonho não fosse baseado inteiramente sobre minhas lembranças dela. Não obstante, esses sonhos eram extraordinariamente vívidos, e tão carregados com sua atmosfera perfumada que ao despertar, parecia que eu tinha acabado de sair de sua presença.

(4) Em raras ocasiões eu tinha o que poderia ser chamado de sonho histórico, encenado numa escala realmente grande, espetacular e aparentemente situado no passado. Esses sonhos tinham dois aspectos peculiares: neles, eu não era um ator, somente um espectador – como se num vasto teatro ao ar livre; e eu nunca conseguia lembrá-los em detalhes, retendo apenas uma impressão confusa ao despertar. No início eu atribuí tais sonhos a algum princípio de dramatização trabalhando sobre minhas lembranças de livros e peças teatrais, mas eu ficava imaginando porque não havia sido convocado para um papel real no drama. Mais tarde, no entanto, quando me tornei familiarizado com a Teosofia, eu acreditava na teoria de que nesses sonhos eu havia contactado os Arquivos Akáshicos, ou mais provavelmente o seu reflexo na Luz Astral.

Se essa alusão for obscura ao leitor em geral, eu preciso referi-lo a qualquer um dos livros ou textos elementares da Teosofia. E aqui uma breve digressão é indicada. Embora eu seja um místico de coração, estou tentando escrever este livro mais do ponto de vista da Pesquisa Psíquica, e eu irei usar termos Teosóficos o mais cuidadosamente possível, e sem qualquer espírito dogmático. Às vezes, entretanto, a terminologia Teosófica vai provar ser útil, e ela tem a grande vantagem de ser largamente conhecida. É provavelmente porque muitos dos meus leitores serão

Teosofistas, é por isso que eu achei melhor falar de projeção “astral” e não “etérica”, mesmo que algumas de minhas experiências sejam talvez mais etéricas em sua natureza, usando esta palavra no sentido Teosófico e sem referência ao postulado éter da Ciência. De acordo com a Teosofia, o duplo etérico, ou corpo etérico, é uma extensão sutil, interpenetrante do veículo físico, e através dela circula a força vital vivificante. Quando exteriorizada, ela não pode se mover muito mais do que um metro da sua contraparte material, à qual está unida por um cordão de prata, e a ruptura desse cordão significa a morte. O corpo astral é um veículo muito mais sutil da consciência, e embora ele também esteja conectado por outra estrutura altamente complexa, ou cordão, ao corpo físico, ele tem praticamente liberdade ilimitada; pois esse cordão parece ser de uma elasticidade quase infinita. Agora, como algumas vezes nas minhas aventuras fora-do-corpo pareceu-me ter viajado por muitas milhas, é óbvio que o termo “astral” é o melhor para usar. Assim eu evito qualquer confusão com o “éter” dos cientistas, e escapo da crítica dos meus amigos Teosofistas.

(5) Sonhos nos quais eu estava explorando o que aparentava ser um mundo celestial maravilhoso exibindo os mais surpreendentes extremos de beleza e feiura, de atração e repulsa, de esperança e desespero. Esse mundo estava saturado com um glamour indescritível, uma atmosfera aparentemente divina; tanto que, ao despertar, senti que eu havia estado mais próximo de Deus mesmo num sonho-inferno, do que estava no meu agradável quarto iluminado pelo sol da manhã.

Sonhos desse tipo não foram freqüentes durante minha meninice; mas minha juventude foi rica deles e eles engendraram um descontentamento espiritual, o qual guerreou contra o meu crescente interesse pela Ciência ortodoxa e a satisfação dos sentidos através dos canais mundanos comuns. A terra era maravilhosa, mas o sonho celestial mais maravilhoso ainda. Eu era assombrado pela memória de uma beleza que não era deste mundo.

E nesses sonhos eu percebi em muitas ocasiões aquilo que parecia ser a manifestação de alguma lei divina subjacente. Se a forma do horror fosse encarada corajosamente, ele seria ou dissipado ou na verdade transformado em algo muito belo, e este último sempre acontecia quando minha compaixão era estimulada e conquistava minha aversão.

(6) Eu observei que algumas vezes durante um pesadelo, ou num sonho doloroso do tipo comum não-celestial, o simples desprazer da minha condição daria origem aos pensamentos: “Mas isso não pode ser verdadeiro! Isso não aconteceria comigo! Eu devo estar sonhando!” E então: “Já tive o bastante disso. Vou acordar.” E eu prontamente escapava da situação ao empurrar o sonho para longe de mim, acordando. Naqueles dias eu nunca me dei conta das grandes possibilidades latentes nessa descoberta, mas minha curiosidade foi despertada até certo ponto. Eu imaginei por que é que só de vez em quando a gente podia saber *num sonho* que era um sonho, e como esse conhecimento era adquirido? Acho que perdi a importância dessa experiência porque achei que fosse conhecida por outras pessoas. É interessante notar que enquanto muitas pessoas podem escapar de um pesadelo dessa maneira, muito poucas sabem que estão sonhando se o sonho é agradável ou comum. Pode bem ser que seja o estresse emocional intenso que desperta a faculdade crítica na consciência, permitindo-lhe argumentar sobre as circunstâncias extraordinárias do sonho de que eles estão muito longe da vida do dia a dia para serem verdadeiros.

Assim, nos meus dias escolares as forças haviam sido instaladas para me impulsionarem através do Portão dos Sonhos por minha vontade, e o tempo estava quase na mira para que eu iniciasse minha grande aventura. Pois ela era “grande” para mim, a despeito do que os outros pudessem pensar a respeito; e como eu sou por natureza uma pessoa um tanto convencida, por que deveria mostrar uma modéstia que realmente não sinto? Mas eu gostaria de enfatizar este ponto: meu único objetivo em concentrar sobre os sonhos era que eu havia encontrado em alguns deles uma

Beleza e Divindade as quais eu desejara o mais ardentemente, mas que não conseguia encontrar na terra. Eu nada sabia a respeito de projeção astral, nem tinha a menor idéia da mudança surpreendente que os eventos tomariam muito em breve. Saí em busca da Beleza, e no final provei, pelo menos para a minha própria satisfação, que eu possuía uma alma imortal.

CAPÍTULO III

Consciência do Sonho e Primeiros Ensaaios com a Projeção

Na Primavera de 1902, quando eu estava a meio caminho entre meus aniversários de dezesseis e dezessete anos, comecei um curso de três anos de ciência e engenharia elétrica no Instituto Hartley, que mais tarde se tornaria o Southampton University College. Para mim já existia uma união sentimental com o velho Hartley: minha mãe havia estudado lá nos dias antes de seu casamento, e seguidamente havia me levado pelo museu, discorrendo sobre os fósseis, enquanto meus olhos buscavam a apimentada gatinha de dois corpos e as falsas “sereias” japonesas. E foi no começo do verão desse ano que tive o sonho que marca o verdadeiro início da minha pesquisa.

Sonhei que estava em pé na calçada em frente à minha casa. O sol estava se levantando por trás do muro romano, e as águas da Baía Bletchingden estavam cintilando na luz da manhã. Eu podia ver as altas árvores na esquina da rua e o topo da velha torre cinzenta além dos Quarenta Degraus. Na magia da luz solar matinal a cena era suficientemente linda mesmo então. A calçada não era do tipo comum, mas consistia de pequenas pedras retangulares cinza-azuladas, com suas longas laterais nos exatos ângulos com os meios-fios brancos. Eu estava prestes a entrar na casa quando, ao olhar de relance casualmente para aquelas pedras, minha atenção foi atraída por um estranho fenômeno que se passava, tão extraordinário que não conseguia acreditar em meus próprios olhos – elas haviam aparentemente todas mudado de posição durante a noite, e os lados compridos estavam agora paralelos com o meio-fio! Então, a solução caiu sobre mim como um raio: embora essa gloriosa manhã de verão parecesse tão real quanto poderia ser, eu estava *sonhando*!

Pela compreensão desse fato, a qualidade do sonho mudou de uma maneira muito difícil de explicar para alguém que não tenha tido essa experiência. No mesmo instante a nitidez da vida aumentou cem vezes. Nunca antes tinham o mar e o céu e as árvores brilhado com uma beleza tão encantadora; até as casas comuns pareciam vivas e misticamente belas. Eu nunca me havia sentido tão absolutamente bem, com a mente tão clara, tão divinamente poderoso, tão inexpressivamente *livre*! A sensação era esquisita além de qualquer palavra; mas durou somente alguns momentos, e acordei. Como eu iria aprender mais tarde, meu controle mental tinha transbordado pelas minhas emoções; então o corpo reivindicou seus direitos e me puxou de volta. Embora eu não tivesse me dado conta naquele momento, penso que essa primeira experiência foi uma verdadeira projeção e que eu estava realmente funcionando fora do meu veículo físico. Porque, quando tudo o mais soava tão normal, a posição das pedras do calçamento deveriam estar assim deslocadas na minha consciência, não posso explicar. Essas coisas acontecem no estranho mundo astral que forma o pano de fundo para tais aventuras fora-do-corpo aparentemente objetivas, e é uma sorte para aquele que experimenta, que seja assim. Sempre lamentei por não ter percebido se as pedras voltaram à sua posição correta antes que o sonho terminasse.

Embora naquele tempo eu não soubesse que a projeção era possível, fiquei tremendamente encucado pela minha descoberta de que num sonho a gente poderia alcançar, ao observar alguma incongruência ou anacronismo, o conhecimento de que se estava sonhando. A mudança decorrente na qualidade do sonho, e o fato de que não terminou imediatamente, colocaram essa descoberta numa categoria bem diferente do método de escapar de um pesadelo, mencionado no capítulo anterior. Além do mais, conduziu-me a esta excitante questão: Seria possível, pelo exercício da vontade, *prolongar* esse sonho? E eu me visualizei, livre como o ar, seguro na consciência da minha verdadeira condição e no conhecimento de que poderia sempre acordar caso o perigo me ameaçasse, movimentando-me como um pequenino deus através do cenário glorioso do Mundo dos Sonhos.

A esse novo tipo de sonho chamei de um Sonho de Conhecimento; pois dentro dele havia o *conhecimento* de que se estava realmente sonhando. Antes de dormir preciso gravar na minha mente o desejo de não permitir que a capacidade crítica pegue no sono; ela deve permanecer acordada, pronta para dar o bote sobre qualquer inconsistência no sonho e reconhecê-la como tal. Parece simples; mas na prática, achei-a uma das coisas mais difíceis imagináveis. Cem vezes eu passaria (como ainda passo) as mais gritantes incongruências, e então, finalmente alguma discrepância me diria que eu estava sonhando; e sempre esse conhecimento trouxe, pelo menos até certo ponto, a mudança que descrevi. Mas descobri que embora sabendo que estava sonhando, havia *níveis* de realização, e a nitidez ou perfeição da experiência era proporcional à extensão da consciência manifestando no sonho. Para obter os melhores resultados, eu tinha que saber tudo sobre a vida passada do meu eu terreno, assim como se faz ao acordar para a vida, para me dar conta de que meu corpo estava dormindo na cama, e para apreciar os poderes estendidos sob meu comando nesse estado aparente de desencarnado.

Para conseguirmos chegar ao Sonho do Conhecimento precisamos despertar a faculdade crítica que parece estar bastante inoperante nos sonhos, e aqui, também, graus de atividade se manifestam. Suponhamos, por exemplo, que no meu sonho eu estou num café. Numa mesa próxima está uma senhora que poderia ser muito atraente – só que ela tem quatro olhos. Eis algumas ilustrações desses graus de atividade da faculdade crítica:

(1) Durante o sonho isso está praticamente dormente, mas ao acordar tenho a sensação de que havia algo peculiar sobre essa senhora. Repentinamente tenho um estalo – “É claro, ela tinha quatro olhos!”

(2) No sonho eu esboço uma leve surpresa e digo, “Curioso, aquela moça tem quatro olhos! Isso a torna feia.” Mas somente pelo mesmo modo que eu poderia opinar, “Que pena que ela quebrou seu nariz! Como será que ela fez isso.”

(3) A faculdade crítica está mais desperta e os quatro olhos são encarados como algo anormal; mas o fenômeno não é totalmente apreciado. Exclamo, “Meu Bom Deus!” e me tranqüilizo acrescentando, “Deve haver um show de curiosidades ou um circo na cidade.” Então eu paio na iminência da descoberta, mas não chego completamente lá.

(4) Minha faculdade crítica está agora totalmente acordada e recusa-se a se satisfazer com essa explanação. Continuo no trilho dos pensamentos, “Mas nunca houve tal criatura! Uma mulher adulta com quatro olhos – isso é impossível. Estou sonhando.”

Espero não ter elaborado demais esse ponto; mas descobri, para minha surpresa, que algumas pessoas são incapazes de conseguir essa idéia do Sonho do Conhecimento, que é realmente um novo nível de consciência e diferente dos estados experimentados em sonhos comuns e na vida desperta. Eles objetam, “Mas afinal de contas, é só um sonho. Como pode um sonho ser qualquer outra coisa?” E sua expressão é eloqüente na dúvida a qual eles educadamente não expressam.

Bem, resumindo, descobri que nesses Sonhos de Conhecimento novos métodos de locomoção estavam abertos para mim. Eu podia deslizar sobre a superfície do chão, passando através de muros aparentemente sólidos, etc., em grande velocidade, ou eu podia levitar até uma altura de mais ou menos cem pés e então deslizar. Voltarei a esses métodos mais tarde. Eu conseguia fazer também alguns truquezinhos intrigantes por minha própria vontade, assim como mover objetos sem contato visível, e moldar material plástico em novas formas; mas nesses experimentos iniciais eu somente conseguia ficar fora do corpo durante um curto período, e esse sonho-consciência em especial somente podia ser conseguido com intervalos de várias semanas. Para começar, meu progresso era muito lento; mas logo fiz mais duas descobertas:

(5) O esforço mental para prolongar o sonho produzia uma dor em minha cabeça – leve no início, mas aumentando rapidamente de intensidade – e eu sabia

instintivamente que esse era um aviso para que eu não resistisse mais ao chamado do meu corpo.

(6) Nos momentos finais ao prolongar o sonho, e enquanto eu estava sujeito a essa dor, experimentei uma sensação bem curiosa, assim como uma dupla consciência. Eu podia me sentir em pé no sonho e ver o cenário; mas ao mesmo tempo podia me sentir deitado na cama e vendo meu quarto. Conforme o chamado do corpo tornava-se mais forte, o cenário do sonho ia se apagando; mas ao assegurar à minha vontade para continuar sonhando, eu conseguia fazer com que o quarto sumisse e o cenário do sonho recuperasse sua solidez aparente.

E nesse estágio de minha pesquisa uma nova pergunta surgiu: o que aconteceria caso eu ignorasse o aviso da dor e lutasse até um climax? Para falar a verdade, eu estava com um medo terrível de fazer a experiência, mas um sentido de destino me impulsionava para diante. Aproximadamente um ano depois do sonho das pedras da calçada, eu criei coragem, encarei o risco, ganhei a batalha, e tive uma aventura inesquecível.

Sonhei que estava andando ao lado do mar na Costa Oeste. Era de manhã; o céu azul claro; as ondas encimadas por espumas eram esverdeadas à luz do sol. Esqueci como aconteceu exatamente, mas algo me disse que eu estava sonhando. Talvez eu tenha atravessado um poste telegráfico, ou tenha me conscientizado de que meu corpo não tinha nenhum peso. Decidi prolongar o sonho e continuei minha caminhada, o cenário agora parecendo extraordinariamente vívido e claro. Logo em seguida meu corpo começou a me puxar para trás. Experimentei uma consciência dupla: eu podia me sentir deitado na cama e caminhando ao lado do mar tudo ao mesmo tempo. Além do mais, eu podia ver veladamente os objetos no meu quarto, assim como o cenário do sonho. Decidi continuar sonhando. Uma batalha iniciou-se; agora o meu quarto ficou claramente visível e a cena da praia velada; então meu quarto se tornava indistinto e a cena na praia mais vívida. Minha vontade triunfou. Perdi o senso de dupla consciência. Meu quarto desapareceu completamente da minha visão, e eu estava lá fora na praia, sentindo-me incrivelmente livre e solto. Logo meu corpo começou a chamar outra vez, e ao mesmo tempo, senti uma dor contundente nevrálgica na testa (não na minha testa física) e no topo da cabeça. Conforme persisti em continuar sonhando, essa dor aumentou de intensidade; mas desta vez não houve nenhuma consciência dupla ou clareza alternativa de quarto e praia – o quarto não estava visível. Lutei contra meu corpo insistindo firmemente em permanecer no Mundo do Sonho. A dor na minha testa aumentou gradualmente, alcançou o máximo e então, para minha satisfação, parou de repente. Conforme a dor sumiu, alguma coisa pareceu fazer “clic” no meu cérebro. Eu ganhara a batalha. Meu corpo não me puxava mais e eu estava livre.

Continuei minha caminhada, deleitando-me com a beleza da manhã e com minha sensação de liberdade. Não encontrei ninguém, o que não era de se surpreender, pois poucas pessoas passavam por ali tão cedo. Quanto tempo se passou, eu não sei dizer; o tempo é a coisa mais intrigante no Mundo do Sonho; mas logo me ocorreu que eu deveria estar voltando para o meu corpo. Tinha que estar no Colégio às nove horas, e não tinha a menor idéia qual era a hora terrena atual, exceto que provavelmente era de manhã. Portanto, eu resolvi terminar o sonho e acordar. Para minha grande surpresa, nada aconteceu. Era como se um homem já bem desperto quisesse acordar. Pareceu-me que eu não poderia estar mais acordado do que já estava. Minha razão me dizia que a praia aparentemente sólida e as ondas inundadas pelos raios de sol não eram a terra e o mar físicos; que meu corpo estava deitado na cama, a meia milha de distância em Forest View; mas eu não podia sentir a *verdade* disso. Parecia-me estar completamente separado daquele corpo físico. Nesse momento me dei conta de um homem e um rapaz aproximando-se. Ao passarem por mim estavam conversando; não pareceram me notar, mas eu não estava muito certo

disso. Um pouco mais tarde, no entanto, quando encontrei um outro homem e perguntei-lhe as horas, ele não tomou conhecimento de mim e evidentemente não estava consciente da minha presença. Então imaginei se “eu estaria morto”. Pior ainda, se eu estaria em perigo de sofrer um sepultamento prematuro! Qual era a hora certa – a hora atual na terra? Quanto tempo este sonho havia durado?

Comecei a me sentir terrivelmente solitário. Esta experiência me era bastante nova: anteriormente eu sempre conseguia acordar quando tinha vontade – aliás, o problema era que eu acordava muito facilmente. Agora estava com medo, e era difícil manter o controle e não entrar em pânico. Eu queria desesperadamente acordar – mais uma e mais uma vez, até que cheguei num climax. Alguma coisa pareceu estalar. Mais uma vez tive a nítida sensação de um “clic” dentro do meu cérebro. Agora eu estava acordado – sim, mas completamente paralisado! Não conseguia abrir meus olhos. Não conseguia falar. Não conseguia mover um músculo. Tinha uma leve sensação de dia claro entrando pelas minhas pálpebras, e eu podia ouvir distintamente o relógio tiquetaqueando e meu avô movendo-se no quarto ao lado.

Agora, embora minha posição fosse suficientemente desagradável, não me sentia tão assustado como quando estava fora do corpo. Parecia-me imperioso que eu permanecesse tão calmo quanto possível. Nessa altura, mentalmente repeti o Teorema Binomial e várias outras fórmulas matemáticas. Concentrei-me então, na vontade de mover meu corpo por inteiro. O resultado foi um fracasso absoluto. Estava me sentindo ainda mais amedrontado, mas consegui manter-me razoavelmente calmo. Aí tive uma inspiração: eu dedicaria toda a minha energia mental para levantar apenas meu dedo mindinho. Venci. Logo o anular e o do meio seguiram. Então consegui mover a mão inteira – a mão direita. Logo consegui levantar meu braço sobre a cabeça e agarrar a cabeceira da cama. Ainda estava cego e o restante do meu corpo parecia de ferro. Querendo firmemente me levantar, puxei e puxei a cabeceira da cama. No início sem sucesso, mas então repentinamente o transe foi quebrado. Num instante meus olhos estavam abertos para a luz, e meu corpo sentado. Alegremente pulei da cama, e cambaleei tendo que me encostar contra o pilar. Durante alguns momentos fui tomado de um enjôo mortal e tive medo de desmaiar, mas rapidamente me recuperei. Eram oito horas, portanto eu precisava correr para chegar ao Colégio na hora. Senti-me indisposto e muito deprimido pelo restante do dia, embora não seriamente incomodado. Uns três dias se passaram antes que eu recuperasse minha saúde e ânimo normais.

Essa foi minha primeira experiência daquele estado profundo de transe no qual o corpo físico parece ao projetor como se estivesse numa condição cataléptica. A maneira como isso foi superado (levantando primeiro o mindinho, etc.) talvez tenha sido uma ilusão, isto é, talvez não tenha havido nenhum movimento do corpo físico antes de o transe ser quebrado – embora o fato de que eu me encontrei sentado está a favor da realidade física dos meios pelos quais o transe terminou. Nenhuma prova é possível de uma ou de outra maneira neste caso, pois ninguém além do projetor estava lá para observar o que realmente aconteceu.

Durante algum tempo esse susto teve um efeito moderador, e então a impetuosidade da juventude mais uma vez se manifestou; ou talvez fosse a urgência do investigador e não a mística da aventura dentro de mim, que me fez repetir meu experimento de ignorar o chamamento do corpo. Um desconto precisa ser concedido devido à minha idade, mas eu pensei ter topado com algo realmente grande e queria confirmar meus resultados.

Através do prolongamento de um sonho (detalhes do qual não foram lembrados) a despeito do aviso da dor, eu novamente experimentei grande dificuldade em deixar o sonho e despertar. Novamente me encontrei num estado parecido com a catalepsia e tive que voltar aos métodos já descritos. Desta vez, no entanto, quando eu consegui levantar um braço, o transe foi quebrado. Senti um leve enjôo e senti os efeitos, fadiga

e depressão durante o restante do dia. Uma característica inusitada foi que toda a lembrança dos detalhes do sonho ficou perdida no stress de quebrar o transe.

Essa experiência foi com certeza menos grave do que a primeira descrita, mas foi suficientemente desagradável para me dissuadir durante vários anos de correr o risco de tentar outra. Eu havia experimentado esse transe cataléptico duas vezes no espaço de algumas semanas, e senti que estava “brincando com fogo”. Eu temia uma parada cardíaca, sepultamento prematuro ou a possibilidade de ficar obsidiado. E, é claro, eu estava apaixonado e a vida me parecia doce. Portanto, durante muitos meses, nos meus experimentos com o prolongamento dos sonhos, eu sempre tomava a dor na minha testa como sendo um aviso direto para retornar ao meu corpo. Quando eu a sentia, usava a vontade de sair do sonho e não tinha qualquer dificuldade para despertar.

A catalepsia pode ser produzida por hipnose, e é muito provável que meus sintomas fossem realmente físicos e não meramente uma ilusão do estado de transe; mas agora sei que não havia nenhuma necessidade de eu ter passado por aquela luta dolorosa para quebrar aquela condição. Se eu tivesse apenas acalmado minha mente e cochilado novamente, meu corpo teria ficado normal ao despertar. Já provei isso em várias ocasiões, e posso recomendá-lo como um caminho muito melhor para buscar caso algum leitor se encontre, talvez até por simples acidente, nesse estado; pois a tensão mental e a tendência ao pânico poderiam reagir desfavoravelmente sobre um coração fraco.

Meu medo a respeito de um sepultamento prematuro também era infundado; pois como eu não havia recebido atendimento médico por um ano ou mais, um post-mortem teria sido necessário, entretanto, o transe teria mais provavelmente sido interrompido pelo bisturi do cirurgião, antes que o corpo tivesse sofrido algum dano. Poderia haver, no entanto, um sério risco de sepultamento prematuro em casos onde um inquérito judicial não fosse feito, se a condição cataléptica provasse ser de excepcional gravidade.

CAPÍTULO IV

O Falso Despertar e a Condição de Transe

Suspiro pelos dias quando eu era jovem e um estudante da velha e querida Hartley. Dias maravilhosos! Como os três anos passaram depressa! Meus interesses eram tantos e tão variados; naquele período mágico da minha juventude até este nosso velho e comum mundo parecia encantador e cheio de promessas de aventuras; e – sorria se você quiser – sempre no fundo da minha mente estava o delicioso pensamento, guardado mais ou menos como segredo, de que eu era realmente *diferente* dos outros homens. Eu era uma espécie de pioneiro celestial, um explorador do vasto, invisível e transcendente reino do Espírito, e destinado, quem sabe, a fazer alguma grande descoberta para o benefício duradouro da humanidade.

No entanto, registre-se que este pioneiro desperdiçou muito mal suas raras oportunidades de pesquisa. Era tão difícil manter o papel de um observador impessoal nesse estranho Mundo do Sonho, para perceber que se eu permitisse que minhas emoções levassem a melhor sobre meu controle mental, o sonho chegaria a um final abrupto. Eu entraria num restaurante e pediria uma refeição, somente para acordar após saborear apenas as primeiras mastigadas. De fato, para saber o quanto se poderia comer, sem prestar atenção ao gosto, daria um muito bom exercício no controle mental, se apenas esses Sonhos de Conhecimento chegassem mais facilmente; porém, como as coisas são, existem maneiras melhores de se passar o tempo no sonho, e eu não as recomendo. Da mesma maneira eu visitaria um teatro, mas nunca conseguia ficar no sonho mais do que uns poucos minutos depois que a cortina se levantava, porque meu crescente interesse pela peça quebrava meu controle mental da experiência. Eu encontraria uma senhora fascinante e até conversaria com ela por um tempo, mas o simples pensamento de um possível abraço era fatal. Naturalmente eu achava uma pronta desculpa para meus repetidos fracassos; eu estava apenas ganhando experiência sobre o controle. Eu era muito lento para aprender que o lema para o projetor deveria ser: “Eu posso olhar, mas não posso ficar muito interessado – muito menos tocar!”

Um colega estudante chamado Barrow, cujo pai era um Teosofista, trouxe o assunto Teosofia à minha atenção; mas antes disso eu tinha visto referências a ela na LUZ, em conexão com a reencarnação. Eu lera vários dos manuais elementares e fiquei muito impressionado pela semelhança entre meus “sonhos celestes” e o plano astral da Teosofia. Também Annie Besant fez uma visita a Southampton, com palestra na Philharmonic Hall, e logo eu me entreguei ao charme de sua oratória. Mas embora eu encontrasse uma riqueza de novas e fascinantes idéias nos meus estudos Teosóficos, não consegui encontrar nada de uso prático para mim na minha pesquisa-sonho, nem consegui encontrar qualquer menção desse sonho peculiar no qual a pessoa tem o conhecimento de estar sonhando. Até certo ponto eu penso que foi insinuado que Mestres e grandes Adeptos conseguiam deixar seus corpos pela vontade, mas nenhuma informação foi concedida relacionando seus métodos, nem ninguém foi encorajado a supor que tal coisa fosse possível para pessoas comuns.

Um dia Barrow me disse, “Você acredita em Astrologia?”

“Não,” respondi, “é tudo besteira. Uma ciência explodida.”

“Como você sabe que é?” ele insistiu. “Você já leu algum livro sobre isso? Você pode montar um horóscopo?”

“Não, mas os joãozinhos científicos dizem que não há nada neles,” eu protestei sem muita firmeza.

“Sim, porque eles são muito tapados para investigar. Eles diriam a mesma coisa sobre a Teosofia ou sobre sua velha abençoada pesquisa do sonho.”

Isso me convenceu a olhar o assunto por mim mesmo. Aí nos inteiramos com as obras de Raphael, Zadkiel, Sepharial e com o benevolente Alan Leo de olhos brilhantes – o “grande” homenzinho que se destacava acima do restante. E descobrimos que a Astrologia funcionava, embora *porquê* deveria, estava além da nossa compreensão. Mas quando todo o nosso conhecimento é relativo, é bobagem preocupar-se sobre os “porquês”. E assim um novo interesse entrou na minha vida e dura até o dia de hoje.

Antes de deixar este assunto eu acrescentaria, para a informação do meu leitor astrológico, que eu nasci às 9h10 da manhã de 30 de Novembro de 1885 em Southampton. Minhas experiências projetivas são talvez indicadas pelo corpo duplo do signo de Sagitário elevando-se junto com o Sol. Também uma tripla conjunção solta de Jupiter, Herschel e da Lua ocupa a Nona Casa – a casa da religião, filosofia, ciência e longas viagens – e a Lua em Virgem está em próxima trindade com Netuno, planeta do transe, na Quinta.

Dois experimentos isolados podem ser notados aqui:

Na véspera de me submeter a uma prova sobre construção de máquinas, eu desejei ver a prova que me dariam. Sonhei que estava fazendo a prova e, sabendo que estava sonhando, tentei memorizar as questões escritas no papel. Ao acordar, lembrei de duas: (1) Faça um esboço e descreva algumas formas de separador de vapor. (2) Faça um esboço de uma caixa de graxa apropriada para um caminhão de mercadorias. No dia seguinte, quando eu realmente fiz a prova, encontrei ambas essas questões escritas no papel. Não apareciam como perguntas completas por si mesmas, mas eram partes de outras. A primeira era uma pergunta provável: mas um exame em papéis anteriores (feito APÓS o sonho) mostrou que a segunda questão não havia sido feita há muitos anos. Eu poderia ter trazido mais detalhes sobre o papel, não fosse o fato de que num Sonho de Conhecimento, a leitura é um assunto muito difícil. A impressão parece suficientemente clara, até que a gente tenta ler; então as letras tornam-se borradas, ou se sobrepõem, ou somem, ou transformam-se em outras.

Cada linha, ou em alguns casos cada palavra, precisa ser lembrada por um esforço de vontade, até que seu significado seja compreendido; depois ela é libertada – tornando-se borrada ou modificada – e a próxima lembrada da mesma forma e assim por diante. Outras pessoas me contaram que elas encontram a mesma dificuldade em ler literatura no sonho; mas eu ainda não vi qualquer teoria realmente satisfatória para poder explicar. É altamente improvável que eu pudesse repetir esse sucesso, mas eu não tentei; pois após o experimento fiquei com uma sensação desconfortável de que não era bem por aí. É bem verdade que outras pessoas eram livres para fazer a mesma coisa, mas eu sabia que nunca iria lhes ocorrer de fazerem a tentativa.

O outro experimento era o seguinte:

Eu tinha passado a noite com dois amigos, Slade e Elkington, e nossa conversa tinha se voltado para o assunto dos sonhos. Antes de nos despedir, combinamos de nos encontrar, se possível, no Southampton Common durante nossos sonhos naquela noite. Eu sonhei que encontrei Elkington no Common conforme combinado, mas Slade não estava presente. Ambos sabíamos que estávamos sonhando e comentamos sobre a ausência de Slade. Depois disso o sonho acabou, sendo de curta duração. No dia seguinte quando vi Elkington eu nada disse sobre minha experiência, mas perguntei-lhe se havia sonhado. “Sim,” ele respondeu, “eu lhe encontrei no Common certamente e sabia que estava sonhando, mas o velho Slade não apareceu. Só tivemos tempo de nos cumprimentar e comentar sobre a ausência dele, e então o sonho acabou.” Ao questionarmos Slade, soubemos que ele não havia sonhado nada, o que talvez explique o seu não comparecimento ao encontro marcado.

Algumas pessoas levantaram a objeção, “Ó, bem, você esperava encontrar seu amigo e então sonhou com isso. É só isso.” Mas se a expectativa é o que explica a experiência, então eu esperava encontrar com Elkington e *Slade*, enquanto que Elkington esperava encontrar-se com *Slade* e comigo. Como é, então, que a

expectativa falhou para nós dois com respeito a Slade? Por que ele estava ausente? Como é que a expectativa falhou em fazê-lo sonhar de se encontrar conosco? Elkington e eu não conseguimos repetir esse pequeno sucesso. A questão toda se depara com dificuldades; mas eu acredito que é uma ocorrência extremamente rara para duas pessoas compartilharem aparentemente a mesma experiência-sonho e para *ambos* lembrarem dela ao despertar.

Minhas próximas experiências foram do Falso Acordar e da Condição do Transe – este último sendo realmente um estado cataléptico bem mais suave do que aquele que já foi descrito, e fundindo-se dentro dele, caso o transe se tornasse mais profundo, conforme experiência posterior mostraria. Algumas vezes depois de um Sonho de Conhecimento, e menos freqüentemente depois de um sonho sem lembranças, eu parecia despertar e ficava com a impressão de que estava acordado, e então algum acontecimento anormal me mostraria que eu estava num estado de transe.

Darei agora três exemplos das minhas anotações:

(1) Passei de sonhos sem lembranças e pensei que estivesse acordado. Era noite ainda, e meu quarto estava muito escuro. Embora me parecesse estar acordado, eu curiosamente não sentia vontade de me mover. O ambiente parecia mudado, numa condição “tensa”. Eu tinha a sensação de poderes invisíveis, intangíveis trabalhando, o que causava esse sentimento de tensão aérea. Fiquei na expectativa. Certamente alguma coisa estava por acontecer. De repente o quarto ficou levemente iluminado. Um suave brilho esverdeado, sugerindo fosforescência, estava emanando de uma cômoda japonesa com portas de vidro ao lado da minha cama. A partir dessa fonte o brilho espalhou-se vagarosa e suavemente, como um gás luminoso – uma luz fria, espectral de brilho que não variava. Durante algum tempo fiquei imóvel, observando-a. Não sentia medo, mas estava cheio de espanto. E aí, desejando observar mais claramente a fonte dessa misteriosa luz, fiz um esforço para superar minha estranha vontade em não me mover. No mesmo instante a luz sumiu e as coisas voltaram ao normal. Eu estava realmente acordado agora, com a cabeça levantada do travesseiro.

NOTA: Eu não sabia, mas poderia ter saído do corpo facilmente (pelo método de projeção instantânea) quando nessa condição, conforme ficará claro um pouco mais adiante. O brilho, embora suficientemente real no seu próprio plano, era do ponto de vista físico, somente uma ilusão.

(2) Meu amigo Barrow havia combinado comigo que nós tentaríamos precipitar o seu veículo astral, enquanto dormindo, para aparecer para mim no meu quarto. Minha experiência foi a seguinte:

Sonhei que estava na entrada principal do Colégio Universitário Hartley, e lá eu encontrei a minha mãe. Esse encontro não me surpreendeu; pois eu bem sabia que estava sonhando – embora *como* que eu sabia, não sei dizer. Disse-lhe que estava esperando uma visita astral de Barrow e que precisava voltar ao meu quarto para esperá-lo. No mesmo instante fui capturado, como se por alguma corrente invisível, e levado de volta ao meu corpo. Acordei – pelo menos eu estava certamente sob a impressão de que estava acordado – e fiquei muito aborrecido por esse desfecho abrupto do experimento.

“Se pelo menos eu tivesse conseguido permanecer no sonho,” pensei, “eu poderia ter esperado aqui (na parte astral do meu quarto) e teria encontrado com ele, caso ele viesse; mas agora, mesmo que ele venha, como estou acordado não conseguirei vê-lo, pois não sou clarividente.”

Nesse ponto eu me tornei consciente de duas coisas: (1) Que uma mudança repentina e quase indescritível havia acontecido no ambiente, que parecia estar carregado de expectativa (a sensação “antes da tempestade” intensificou-se) e rarefeito, ou talvez comprimido. Parecia-me que o ar estava sendo distendido pelo trabalho de alguma força desconhecida. (2) Que a porta do meu quarto, que estivera fechada, estava agora aberta – uma luz suave dourada fluindo através da abertura.

Tive apenas tempo de notar essas coisas e então, num piscar de olhos literalmente, meu amigo chegou. Ele não entrou pela porta. Ele apareceu instantaneamente, numa nuvem em forma de ovo, de luz intensa branco-azulada, e ficou parado ao lado da cama, olhando-me gravemente. Ele estava vestido com um roupão branco (possivelmente sua roupa de dormir); e conforme meus olhos se recuperaram do efeito ofuscante de sua aparição repentina, vi que dentro do ovóide branco-azulado que o rodeava havia faixas de cores – vermelho profundo, rosa-avermelhado, violeta, azul, verde-mar e laranja claro. Com exceção dessa última, não consigo me recordar da ordem na qual elas estavam dispostas; mas o laranja pálido estava centrado ao redor de sua cabeça, lançando para cima num raio cônico que alcançava o teto. Conforme eu estava deitado (no lado esquerdo da minha cama de casal) observando-o, senti-me paralisado – não por medo, mas atônito e admirado. Ele não falou, mas eu senti que ele estava me dizendo mentalmente para não ter medo. Deve-se lembrar que tudo isso aconteceu num momento ou dois; então, enquanto eu lutava para quebrar a estranha inércia que me acometia e para falar com ele, ele sumiu tão repentinamente quanto tinha vindo.

Mais uma vez, aparentemente bem acordado, fiquei deitado no escuro; mas antes que se dissipasse a minha surpresa com o súbito desaparecimento dele, um novo fenômeno chamou minha atenção. No ar acima do pé da minha cama apareceu um círculo de luz amarela, como se projetada de uma lanterna mágica, e dentro dele estavam três figuras – um homem e duas mulheres – representando um drama da descrição do “triângulo eterno”. Essas figuras tinham aproximadamente três pés de altura (um metro); a vestimenta era moderna, e as cores perfeitas; mas não consigo me lembrar como era o pano de fundo. Eu não podia realmente escutar suas palavras, mas sabia mentalmente o que estava sendo dito. Essa peça pareceu durar diversos minutos, e considerações de espaço não permitem maiores referências de detalhes. Acabou para mim quando uma mulher esfaqueou a outra. Mentalmente eu ouvi o grito da vítima, e o choque induzido quebrou o transe. A cena desapareceu instantaneamente, e eu fiquei deitado, agora realmente acordado, olhando fixamente para a escuridão.

NOTA: A experiência do sonho de Barrow foi desapontadora. Ele não teve qualquer lembrança de ter estado no meu quarto, mas lembrava-se de ter se encontrado na base dos Forty Steps (Quarenta Degraus) – somente a dois minutos de caminhada da minha casa. Ele teve também vários outros sonhos, mas nenhuma lembrança ficou deles. Nós havíamos originalmente decidido nos encontrar (em nossos sonhos) na entrada de Hartley, mas abandonamos essa idéia em favor da tentativa do meu amigo com a projeção astral. No primeiro estágio do meu sonho eu estava evidentemente aderindo ao nosso plano original, e tenho pouca dúvida de que da minha parte, essa foi uma projeção real.

Do ponto de vista científico, a porta aberta, a aparição de Barrow e a cena teatral podem ser todas encaradas como ilusões experimentadas na Condição de Transe – isto é, esses fenômenos não tinham nenhuma existência no plano físico da vida desperta. Do ponto de vista do ocultismo, todavia, a aparição de Barrow, encaixado no ovo áurico, pode bem ter sido um fato real, tão real nesse plano de manifestação como qualquer fenômeno físico o é na terra. Os ocultistas concordarão que a ausência de lembranças nessa parte não afeta a autenticidade da projeção, enquanto que a presença da aura bem definida prova isso e está em oposição com a teoria de que eu tenha visto apenas uma forma-pensamento criada por mim mesmo. Naqueles dias a minha idéia sobre aura era muito vaga e eu certamente não a teria imaginado na forma pela qual ela apareceu.

Poderíamos observar que Barrow era uma pessoa intelectual, provavelmente uma alma muito evoluída, e que o amarelo é a cor que denota o elemento Manásico – a mentalidade. Não obstante, embora talvez seja apenas inveja da minha parte, essa

aura parece mesmo ter sido um pouco esplêndida demais – aquilo que esperar-se-ia encontrar em um Adepto. E agora, no interesse da ciência, eu devo sugerir outra teoria mais provável, mas um pouco maldosa: que aquilo que eu vi não era o veículo astral de Barrow, mas uma forma-pensamento emanando *dele*; pois naquela época ele estava mais adiantado do que eu em assuntos Teosóficos e conhecia bem as figuras da aura. Entenda-se, é claro, que mesmo que essa teoria esteja correta, ela não envolve qualquer decepção consciente da parte dele.

A peça teatral poderia ter sido criação de uma parte da minha consciência, sendo objetivada no processo, de maneira que parecesse uma coisa externa para a parte que observava o fenômeno. Mais uma vez, poderia ter sido uma peça astral, ou até um fragmento dos Registros refletidos na Luz Astral. Eu não sei. Uma menção já foi feita anteriormente de um círculo brilhante semelhante no Capítulo I.

(1) Passei de um sonho sem lembranças para encontrar-me aparentemente desperto na escuridão do meu quarto. Dentro de um ou dois momentos tomei consciência daquela mudança curiosa no ambiente, conforme já foi descrito anteriormente. Voltou-me o pensamento de que alguma coisa fora do normal estava para acontecer, mas eu não tinha nenhuma idéia sobre a forma que esta manifestação inesperada fosse tomar. Então, surpreendente e inesperadamente, um ovóide branco-azulado apareceu a poucos pés da minha cama, e dentro dele estava uma figura sólida que reconheci imediatamente. A aparição estava vestida com uma túnica branca simples de brilho intenso, mas nenhuma cor astral era discernível. O rosto tinha as linhas das representações ortodoxas do Cristo e impressionantemente belo. Creio que o cabelo e a barba eram de um castanho escuro avermelhado, e os olhos de um azul profundo. A expressão também era ortodoxa, serena e triste. Devo admitir que fiquei temeroso por essa visão, e sua beleza parecia aumentar a paralisia que me afligia. Após uma fração de segundo eu venci e superei essa incapacidade de me mover. Estendi uma mão para tocar na figura, e ela imediatamente desapareceu. Nenhuma palavra havia sido pronunciada. Eu estava agora bem desperto e meu corpo, sustentado por um dos cotovelos meio levantado na cama; meu braço esquerdo ainda estava estendido.

NOTA: Tenho me declarado culpado por ser uma pessoa um tanto convencida, mas mesmo naqueles dias eu não era suficientemente presunçoso para acreditar que essa experiência tenha sido realmente o que aparentou ser. Foi-me sugerido que algum Adepto, que estaria passando pelo meu caminho, notou minha condição de transe e assumiu aquela forma para apressar o elemento devocional dentro de mim. Se essa for a explicação correta, não consigo entender porque o Adepto não escolheu uma forma menos convencional. Muitas idas compulsórias á igreja e “instrução religiosa” tinham com sucesso neutralizado qualquer interesse que eu pudesse ter sentido pelo Cristianismo. A concepção popular do Cristo agradava ao poeta dentro de mim, mas não provocava meus instintos religiosos – talvez porque fosse muito familiar. Caso a forma encarnada fosse Indiana, ou mesmo Chinesa, eu teria ficado muito mais impressionado e mais pronto a acreditar que essa aparição era realmente de um visitante celestial de alto grau. Tomando em consideração a ausência das cores áuricas, o que certamente qualquer um esperaria ver, penso que aquela figura era apenas uma forma-pensamento, embora de uma beleza e poder excepcionais, emanando de uma fonte desconhecida. Não obstante, foi uma experiência digna de nota e inesquecível.

A casa, que foi meu lar nesse período da minha vida, parecia ser assombrada por um espírito vindo da terra. Seguidamente durante a noite, ou mesmo na luz da aurora, eu escutava passos subindo e descendo as escadas, e algumas vezes eles tinham um truque malvado de parar justo ao lado de fora da minha porta – e isso quando eu estava acordado de verdade e não na Condição de Transe. Passei batido em várias oportunidades, mas então, uma noite, quando o “fantasma” fez uma pausa

assim, eu pulei da cama e abri a porta num zás trás. Não consegui ver nada, e admito prontamente que fiquei mais aliviado do que desapontado quando voltei para cama.

Numa ocasião meu avô e eu escutamos esses passos juntos. Estávamos sozinhos em casa, pois a nossa governanta nos servira um jantar frio e saíra para visitar uma amiga. Sentamos em silêncio ao lado da lareira, lendo. Então ouvimos distintamente passos descendo as escadas e passando pelo corredor em direção à cozinha. Meu avô levantou os olhos do seu livro, surpreso.

“Eu não sabia que a Ema tinha voltado,” ele exclamou. “Você sabia? Ela chegou cedo esta noite.”

“Não, eu não a ouvi entrar,” eu respondi indiferentemente; pois os sons eram tão reais que ele parecia apenas estar me falando de um fato incontestável.

Mas cerca de vinte minutos depois nós nos olhamos mudos e atônitos conforme a chave virou na porta de entrada. Era Ema, e nós estivéramos sozinhos na casa quando ouvimos os passos. A porta dos fundos estava trancada, como ela a havia deixado antes de sair.

Algumas vezes, quando os passos paravam fora do meu quarto, eu escutava um som como se o trinco estivesse sendo aberto, o que aumentava a natureza misteriosa dos precedentes; mas como isso invariavelmente acontecia no escuro, eu não poderia dizer se a maçaneta realmente se movera. Consegui eliminar nosso gato do problema; pois, como eu era o primeiro a descer pela manhã, eu podia confirmar que ele ainda estava fechado na cozinha. Tentei pendurar um botão na maçaneta, para que ao menor movimento audível, ele caísse; mas curiosamente, cada vez que eu fazia isso, mesmo que eu ouvisse os passos, eu não ouvia a maçaneta ser tocada e o botão ainda estaria balançando pela manhã. Portanto, eu nunca solucionei o mistério.

CAPÍTULO V

A Projeção de Elsie

No verão de 1905 eu tinha uma namorada que chamarei de “Elsie”. Nossos caminhos pela vida estavam fadados a divergir, e durante muitos anos não tenho tido notícias dela. Mas se Elsie ainda não fez sua última projeção e tenha a oportunidade de ler estas linhas, ela saberá que eu não a esqueci. E realmente, não há necessidade de eu dizer quão feliz eu ficaria de saber dela outra vez.

Bem, Elsie via meus experimentos com extrema desaprovação. Era perverso, ela sentia, e Deus ficaria muito zangado comigo se eu persistisse. De qualquer forma, ELA não gostava, e fim de papo!

Então eu, com toda a dolorida seriedade da juventude, expliquei-lhe carinhosamente que ela era apenas uma pequena ignoramus de mente limitada e não sabia do que estava falando. Será que ela sequer conhecia o significado de projeção astral?

“Sim,” Elsie disse com grande ênfase, “Eu sei! Eu sei mais do que você pensa. Eu poderia ir até você esta noite se eu quisesse.”

Ao que eu ri mal-educadamente e sem moderação; pois ela não sabia mais sobre ocultismo teórico ou prático, do que eu sobre como tricotar. Elsie, a menos culpada de nós, perdeu a paciência.

“Muito bem,” ela exclamou, “eu vou lhe *provar!* É perverso, mas não me importo. Virei até o seu quarto esta noite e você me verá lá.”

“Está bem,” respondi, nem um pouco impressionado, “venha se puder.”

Aí encerramos nossa discussão e logo eu caminhei para casa – mais de uma milha distante da casa de Elsie – e em seguida esqueci dela, estudando para os meus exames. Fui tarde para a cama e muito cansado. Sua gabolice parecia uma criança e eu nem dei bola.

Algum tempo depois, enquanto ainda estava escuro, acordei – mas era um Falso Despertar. Podia ouvir o relógio tiquetaqueando e ver vagamente os objetos no quarto. Estava deitado no meu lado esquerdo da minha cama de casal, com os nervos formigando, esperando. Alguma coisa estava para acontecer. Mas o que? Mesmo então, não pensei em Elsie.

De repente apareceu uma grande nuvem oval de luz branco-azulada brilhando intensamente. No meio estava Elsie, de cabelo solto e de camisola. Ela parecia perfeitamente sólida conforme ficou parada perto de uma cômoda perto do lado direito da minha cama. Assim ela permaneceu, olhando-me com olhos calmos, mas tristonhos, e correndo seus dedos sobre a tampa e o lado da frente de uma escrivaninha que ficava sobre as prateleiras. Ela não falou.

Durante o que me pareceu alguns segundos eu não consegui me mover ou emitir nenhuma palavra. Mais uma vez senti a estranha paralisia que já mencionei anteriormente. Encanto e admiração me encheram, mas eu não tive medo dela. Finalmente, quebrei o encanto. Levantando sobre um cotovelo, chamei-a pelo nome, e ela sumiu tão subitamente como tinha chegado. Certamente agora parecia que eu estava acordado.

“Preciso anotar a hora,” pensei, mas uma sonolência irresistível tomou conta de mim. Caí para trás e dormi sem sonhos até a manhã.

Na noite seguinte nos encontramos e eu percebi Elsie muito agitada e triunfante.

“Eu fui até você!” ela me saudou. “Eu *realmente* fui. Eu fui dormir, querendo mesmo ir, e de repente eu estava *lá!* Esta manhã eu sabia exatamente como tudo estava no seu quarto, mas depois fui esquecendo durante o dia – está indo embora.”

Ó, que mente científica a dela! Por que ela não tinha feito anotações? Bem, a despeito de sua impaciência, eu não diria uma única palavra sobre o que eu tinha visto

até que ela me contasse tudo de que podia se lembrar. Portanto, embora essa experiência não possa jamais ser absolutamente convincente para ela nem para ninguém mais, ao menos para mim foi.

Ela descreveu com detalhes o seguinte:

(1) As posições relativas da porta, cama, janela, lareira, bacia de lavar as mãos, cômoda e criado mudo.

(2) Que a janela tinha uma porção de pequenos vidros, ao invés dos maiores usuais.

(3) Que eu estava deitado, de olhos abertos, no lado esquerdo de uma cama de casal (eu nunca dissera a ela que era cama dupla) e parecia sonado.

(4) Uma velha almofada de alfinetes, um objeto incomum num quarto de homem.

(5) Uma caixa preta japonesa coberta com figuras vermelhas em relevo.

(6) Uma carteira forrada de couro com frisos dourados, com uma chapa côncava em cima, para a alça cair de volta dentro dela, em cima da cômoda. Ela descreveu como estava correndo seus dedos sobre um friso projetado da frente dessa carteira.

“Você está errada somente em uma coisa,” eu disse mais tarde. “O que você pensou ser um friso era uma linha dourada sobre o couro. Não há nenhum friso projetado.”

“Pois é isso aí,” disse Elsie com toda a certeza, “eu lhe digo que eu *senti*.”

“Mas, minha querida garota,” eu protestei, “você não acha que eu conheço a minha própria pasta?”

“Não me importa!” ela respondeu. Quando você voltar para casa olhe para ela, e você encontrará um filete dourado na parte da frente.”

Segui o seu conselho. A pasta estava colocada de frente para a parede, e as dobradiças (que eu havia esquecido) faziam uma projeção contínua do filete dourado, exatamente como ela descrevera. Devido à sua posição, ela naturalmente tinha se enganado com a parte de trás da carteira, pela frente. Embora radiante pelo seu sucesso, ela ainda manteve que tais experimentos eram “pecaminosos” e eu nunca consegui persuadi-la a voltar para me ver novamente.

Tenho certeza de que Elsie, no corpo físico, jamais havia visto o meu quarto; pois, como ela nunca visitara minha casa, ela não poderia ter dado uma espiada sem que eu soubesse, nem poderia ter obtido uma descrição de algum amigo comum. Tenho também a certeza de que eu nunca havia mencionado o alfineteiro, a caixa japonesa e a pasta. Talvez eu deva dizer aqui que uma descrição dessa projeção foi publicada anonimamente no jornal “Weekly Tale-Teller” (Contador de Casos Semanal) de 11 de Julho de 1914.

A declaração de Elsie que meus olhos estavam *abertos* levanta uma questão interessante: eles estavam realmente abertos, ou será que apenas pareciam assim para ela? Meus olhos físicos estavam certamente fechados nas minhas experiências catalépticas, pois então eu ficava cego, exceto pela luz que penetrava pelas minhas pálpebras. Nas outras situações de transe, eu descrevi que me parecia que meus olhos estivessem abertos; mas por razões a serem explicadas mais tarde, eu agora penso que meus olhos físicos estavam fechados. Eles realmente abriam no momento em que o transe era quebrado, tanto que eu me encontrava olhando fixamente para a escuridão. Elsie provavelmente viu os olhos abertos do meu corpo astral, ou talvez do meu corpo etérico.

Eu nunca deixei de ser grato à querida Elsie por ter sido “perversa” apenas por uma vez. Verdade seja dita, embora alguns de meus amigos fossem solidários, o mundo recusou-se a ficar impressionado pela minha grande descoberta, ou mesmo de encará-la com seriedade. Quando tentei publicá-la, um editor até insinuou de maneira polida mas malvada que quadrúpedes voadores parecidos com camundongos moravam dentro da minha cachola. Isso posto, nos anos que se seguiram tive meus períodos de reação e de ceticismo patentes. Afinal de contas, *existia* mesmo alguma

coisa na minha pesquisa? Não seriam minhas aventuras fora-do-corpo puramente subjetivas – apenas imaginação ou coisa de sonhos? Mas sempre que eu ponderava sobre a projeção de Elsie, meu humor melhorava. Eu *tinha* descoberto algo de grande importância, mas a hora ainda não estava madura para liberá-lo para o mundo. Eu sabia – e de fato ainda sei – que Elsie esteve no meu quarto em espírito naquela noite, embora seu corpo físico estivesse na cama a uma milha de distância. Elsie tinha uma alma ou espírito, e isso significava que eu tinha uma, e se realmente eu tinha uma alma – bem, então a minha alma *não* estava no meu corpo quando fiquei “trancado” na praia. E se a alma podia deixar o corpo enquanto este último ainda estava vivo, não haveria todo motivo para se supor que o homem tinha um espírito imortal? Talvez nenhuma prova concreta fosse possível, mas fazia toda essa coisa – essa questão de imortalidade e a alma e Deus – ser tão mais provável. Sim, eu preciso continuar. Ó três vezes abençoada Elsie! Você nunca soube o quanto fez por mim naquela noite.

Nesse mesmo verão de 1905, involuntariamente, dei a Elsie um susto medonho. Ela acordou numa brilhante manhã e me encontrou, completamente vestido, mas sem chapéu, ao lado de sua cama. Eu parecia tão sólido e real que ela nunca duvidou que eu estivesse lá fisicamente. Ela dormia com a janela bem aberta, e pensou que eu estivesse imitando Romeu e que tinha escolhido uma hora totalmente imprópria. Ela podia ouvir seu irmão assobiando alegremente no quarto ao lado e sua mãe subindo as escadas para ver se ela já estava se levantando, como era seu costume. Pobre Elsie estava num estado terrível. Ela queria desesperadamente me prevenir que a descoberta seria só uma questão de segundos, mas ela parecia paralisada e não conseguia se mover nem falar. Eu apenas fiquei lá em pé, sólido e sólido, muito sério e silencioso. Então, no momento em que a maçaneta virou, eu sumi e sua mãe entrou. Estou certo de que Elsie me deu uma descrição real de como as coisas pareceram para ela, mas ela estava sem dúvida na Condição de Transe. Verifiquei que eu estava dormindo àquela hora, mas não tinha qualquer lembrança do ocorrido.

Algum tempo depois do Falso Despertar tive a experiência um tanto amedrontadora de sentir uma mão aparentemente sólida me tocando ou me agarrando. Como eu estava deitado no escuro, eu me certificava com a posição de minhas próprias mãos – que elas estavam debaixo dos lençóis – no entanto uma *terceira* mão estaria pressionando minha testa. Numa ocasião fui agarrado por braços, como se fossem de aço, e apertado até que eu parecia estar com a respiração arfante. Finalmente consegui gritar, e conforme o transe foi quebrado eu vi uma forma branca nevoenta dissolvendo-se dentro da noite. Uma aparição de um tipo não-humano me impressionou particularmente; de fato, o pioneiro intrépido deu um grito que quebrou o transe com muito efeito. Meu visitante se parecia com uma massa cônica de neve reverberante e quase alcançava o teto. Não tinha fisionomia, mas dois olhos azuis faiscantes completavam o quadro. Depois de ter me recuperado do susto, cheguei à conclusão de que essa forma estranha não era malévola por natureza e provavelmente tinha uma existência verdadeira no seu plano de manifestação. Hoje eu penso que poderia pertencer ao Reino dos Devas, mas o leitor está livre para considerar que fosse meramente uma ilusão experimentada na Condição de Transe.

Também ouvi, quando nesse estado, além de sons físicos, vários barulhos estranhos: sons crepitantes sugerindo fenômenos elétricos; barulhos retumbantes e de zumbidos como os de máquinas gigantescas; um som peculiar de estalido, lembrando os anéis rotatórios, usados para transmitir força numa oficina; sons como o precipitar de um mar raivoso e ventos impetuosos; e algumas vezes, vozes chamando. Alguns desses sons poderiam ter sido causados por variações na pressão sanguínea, mas não creio que todas elas pudessem ser rotuladas dessa maneira.

Nos últimos dias do meu Colégio, os resultados de minha pesquisa podem ser resumidos como seguem:

- (1) O Sonho do Conhecimento e os poderes peculiares proporcionados por eles.

- (2) Dupla Consciência.
- (3) O Aviso da Dor.
- (4) O Estado Cataléptico.
- (5) O Falso Despertar.
- (6) A Condição de Transe e as aparições, sons e outros fenômenos associados.

E também uma despedida para Forest View e para aquela casa próxima ao muro romano. Southampton mudou tanto que quase não se reconhece mais. A Praia do Oeste hoje é uma faixa de fábricas e enormes docas; mas a velha torre cinzenta ainda está lá, uma sentinela gasta pelo tempo ao lado dos Forty Steps (Quarenta Degraus), enquanto que na distância a forma graciosa e poderosa do navio “Queen Mary” vagarosamente passa ao largo. Somente na tela dos Registros Eternos as águas da Baía Bletchingden ainda faiscam no brilho do sol; e lá um jovem sentimental, trancado em meio aos seus sonhos, ainda perambula por elas.

CAPÍTULO VI

Sonho do Conhecimento Não Essencial: Um Outro Método

Quando planejei este livro, decidi restringir-me ao assunto da Projeção Astral e a fazer somente alguma referência de passagem, quando necessário, às minhas investigações sobre outros ramos do ocultismo. Parecia desejável também excluir todo assunto autobiográfico que tivesse pouca relação direta com o meu assunto. Não obstante, mesmo que seja só para explicar porque o meu progresso foi tão lento, uma descrição resumida das minhas atividades de andarilho é, penso eu, permitida, e fornecerá algum tipo de pano de fundo para este registro.

Assim que terminou meu curso de três anos, eu chegara à conclusão de que não gostava do lado prático do trabalho sujo da engenharia, mas que estava muito a fim de trabalhar com pesquisa de laboratório. O que parecia um emprego certo dentro dessa linha acabou não dando certo no último momento e não havia nenhum outro à vista. Portanto, para tristeza do meu avô, eu abandonei a coisa toda e me juntei a uma companhia teatral de décima categoria, que era um grande divertimento. Fiz também um pouco de trabalho de pesquisa – sobre as variações na consciência resultantes da ingestão de diferentes tipos de bebidas alcoólicas. Quando completei a maioria eu estava com quase 300 Libras, o restante de uma herança que teria sido bastante confortável, se coisas como o choque do Liberator nunca tivessem acontecido. Todavia, parecia uma fortuna para mim; então abandonei a vida de ator e em seguida arranjei uma esposa – talvez a coisa mais sábia que eu já fiz na vida. Seguiram-se dois empreendimentos de negócios mal sucedidos e então decidi que seria um autor. E eventualmente eu era – de certa forma – e levei uma existência deliciosamente preguiçosa, mas muito precária na qualidade de escritor de contos para revistas, até o cataclisma da Grande Guerra.

Fica agora evidente a razão pela qual meu entusiasmo pela minha pesquisa dos sonhos tenha se desvanecido quase até a extinção nos primeiros anos depois que deixei o Hartley. É verdade que continuei a ter experiências do Sonho do Conhecimento e fiz algumas projeções; mas nunca me dei ao trabalho de registrá-las, e agora elas sumiram completamente da minha memória. Não sei por que, mas as impressões deixadas no meu cérebro por essas aventuras fora-do-corpo são extremamente fugidias. Elas devem ser anotadas com detalhes o mais breve possível após o evento – o que se constitui numa grande chatice, pois interrompe o descanso da noite. Eu certamente não tenho sido um investigador ideal: tenho sido preguiçoso e trabalhado somente por acessos e recomeços, puxado para lá e para cá por ambições conflitantes e outros interesses. Dois dos meus primeiros cadernos sumiram e foram provavelmente destruídos durante as limpezas que antecedem a uma mudança. Ainda tenho anotações de várias centenas de sonhos, mas destes, somente uns sessenta podem figurar como projeções verdadeiras. Todavia, tenho feito muitas mais que ou nunca foram registradas ou ficaram nos cadernos perdidos.

Encontro uma breve anotação, feita em Agosto de 1906, de outra aparição vista na Condição de Transe. Desta vez era da dama que dentro em breve tornar-se-ia minha esposa. Ela estava em Southampton e eu em West Kensington. Passei de um sonho sem lembranças e encontrei-me aparentemente acordado; não tinha vontade de me mover e as mudanças no ambiente eram as mesmas conforme descritas anteriormente. A aparição era semelhante com a de Elsie e sumiu quando me movimentei, quebrando o transe. Nenhuma palavra foi dita e nenhuma cor astral era visível. Minha futura esposa estava dormindo naquele momento, mas não tinha qualquer lembrança de sonhar.

Aí ocorre um intervalo nos meus registros até Julho de 1908, e essa experiência marca um avanço realmente grande:

À tarde, deitado no sofá e com os olhos fechados, de repente descobri que podia ver o desenho nas costas do sofá. Isso me alertou de que eu estava na Condição de Transe. Deixei, então, o meu corpo, volitando para fora e experimentei um transporte extremamente repentino até uma linda e desconhecida extensão de campo. Caminhei lá por algum tempo em solo selvagem e encantador debaixo de um brilhante céu azul no qual boiavam nuvens como flocos de algodão iluminados. Repentinamente meu corpo me puxou de volta, e no meu vôo de retorno para casa lembro-me distintamente de ter passado através de um cavalo e de uma van que estavam parados em alguma rua desconhecida. A aparência real do céu de Londres no momento em que fiz esse experimento me é desconhecida. Eu deveria ter feito questão de observá-lo logo que o transe terminou.

A importância desse registro está em duas coisas:

(1) Mostrou que o Sonho do Conhecimento, que eu até o momento havia encarado como um preliminar indispensável para a projeção, não era realmente essencial e poderia ser totalmente dispensado. Pois eu não estivera realmente dormindo, mas somente numa condição de cochilo, quando descobri que podia ver através dos meus olhos fechados. Era como se eu tivesse um par interno de olhos que de repente se abrissem. Isso significava que, quando as condições eram favoráveis, era possível passar-se para a Condição de Transe sem a interferência do sonho e que se poderia experimentar a *qualquer momento* e não só nas raras ocasiões quando a faculdade crítica tivesse permanecido desperta no sonho. Eu descobriria, no entanto, que ambos os métodos eram igualmente difíceis; pois, embora as etapas iniciais do transe fossem facilmente induzidas, o menor distúrbio era suficiente para quebrar a condição antes que ela tivesse se tornado suficientemente profunda para permitir a separação.

(2) Embora possa parecer ridículo para o leitor, eu nunca tinha me dado conta de que a Condição de Transe *precedia* o ato da projeção. Provavelmente por causa de minhas duas experiências catalépticas anteriores, eu pensava que a ordem dos fenômenos era: Sonho do Conhecimento, Projeção, Falso Despertar, e então a Condição de Transe como a fase conclusiva. Sim, agora parece muito idiota da minha parte; mas convém lembrar que eu estava trabalhando sozinho e que não havia nenhuma literatura sobre o assunto disponível naqueles dias. Foi somente uma inspiração que me levou a tentar deixar o meu corpo nessa ocasião, uma coisa que eu nunca havia pensado fazer em todas as vezes anteriores da Condição de Transe, e não há como explicar isso.

Quase um ano se passou antes que eu pudesse repetir esse sucesso, então, em Outubro de 1909, tenho outro registro:

Depois do por do sol, deitei-me no sofá para experimentar. Meus olhos estavam fechados; mas logo, com minha visão astral, eu podia ver o quarto perfeitamente e minha esposa sentada costurando ao lado da lareira. Também senti uma dormência subindo pelas minhas pernas e a velha falta de vontade, ou incapacidade de me mover. Isso me alertou de que eu havia conseguido uma Condição de Transe. Como anteriormente, eu só queria deixar meu corpo, e logo me encontrei em pé na calçada iluminada fora de casa. Caminhei uma curta distância pela rua e entrei numa mercearia. Esta estava cheia de clientes, mas ninguém se importou comigo. Eu desejava saber se era visível para o dono da mercearia; mas meu corpo me puxou de volta e eu achei que tivesse acordado. O quarto parecia tão real como na vida desperta, mas naquele momento um papagaio de plumagem brilhante voou sobre minha cabeça e através da parede. Eu então sabia, ao observar essa ilusão, que eu tinha experimentado o Falso Despertar e que ainda continuava na Condição de Transe. No entanto, antes que eu pudesse fazer outra excursão, um barulho quebrou o transe.

A esse período pertence o meu único experimento com clorofórmio. Tendo conseguido mais ou menos uma colher de chá de um amigo médico, eu coloquei um pouquinho num floco de algodão e muito cautelosamente comecei a inalar. Estava deitado no sofá, e minha esposa e Barrow estavam presentes. Depois de algumas fungadas, pareceu-me que eu fui disparado em direção às estrelas, e que um cordão de prata brilhante conectava o meu ser celestial ao meu corpo físico. A dupla consciência era muito marcada. Quando eu falei, parecia-me que minhas palavras viajaram pelo cordão e foram faladas pelo meu eu físico; mas o processo foi simultâneo, e eu podia me sentir entre as estrelas e no sofá isolado tudo ao mesmo tempo. Dessa altura Olímpica eu discursi para a minha pequena audiência; mas, ai de mim, o grande cérebro estava anuviado! Contaram-me que eu manifestei uma irreverência lamentável, e que meus comentários não constituíram uma contribuição valiosa merecedora de ser preservada nos anais da Pesquisa Psíquica. Também, depois do experimento, fiquei muito mal durante alguns minutos. Portanto, considerando todas as coisas, não posso recomendar ao estudante sério o método do clorofórmio para obter a descoincidência.

Ainda em 1909, encontro um registro de um pitoresco Sonho de Conhecimento:

Sonhei que minha esposa e eu acordamos, levantamos e nos vestimos. Ao abrirmos a veneziana, fizemos a incrível descoberta de que a fileira de casas em frente havia sumido e em seu lugar estavam campos desolados. Eu disse para minha esposa, “Isto quer dizer que estou sonhando, embora tudo pareça tão real e eu esteja me sentindo perfeitamente desperto. Aquelas casa não poderiam ter desaparecido durante a noite, e olha para aquela grama!” Mas embora minha esposa estivesse grandemente intrigada, eu não podia convencê-la de que era um sonho. “Bem,” eu continuei, “eu estou preparado para usar minha razão e colocá-la em teste. Pularei pela janela, e não vou me machucar.” Implacavelmente ignorando suas súplicas e objeções, abri a janela e pulei sobre o parapeito. Pulei, então, e flutuei suavemente até a rua. Quando meus pés alcançaram a calçada, eu acordei. Minha esposa não tinha qualquer lembrança de ter sonhado.

Aliás, eu estava muito nervoso a respeito de pular; pois o ambiente *dentro* do nosso quarto parecia tão absolutamente real que quase me fez aceitar o absurdo manifestado nas coisas lá fora. Será que minha esposa-sonho era somente criação da minha mente? – ou seria realmente minha esposa funcionando no seu veículo astral? Não sei dizer. Como será visto mais adiante, esse é um problema que eu nunca consegui resolver. Infelizmente, minha esposa nunca teve nenhuma lembrança de sonhos nas ocasiões em que eu presumo tê-la encontrado, seja numa experiência projetiva ou num sonho comum. Existe um outro lado das coisas; uma vez, estando ela provavelmente no estado de transe, ela se assustou ao ver meu corpo etérico ou astral sentado fora da minha forma física deitada, mas então, eu é que não me lembrava de nada.

Tenho também uma anotação sobre uma experiência telepática. Uma noite, após o jantar, sai para dar uma volta e estava muito absorvido pelo tema de uma estória que estava escrevendo. Estava fumando o tabaco muito forte que eu usava naqueles dias, e mecanicamente soltei uma baforada enquanto pensava sobre o meu enredo. Logo que eu passava por um outdoor de propaganda na Rua da Ponte de Westminster, cambaleei e pensei que estivesse doente. Em alguns minutos consegui tomar conta da situação, guardei o cachimbo ofensivo, e encerrei minha caminhada. Quando cheguei em casa já tinha quase que esquecido o ocorrido e fiquei surpreso ao ver minha esposa muito ansiosa a meu respeito. Parecia que ela havia tido uma súbita visão mental, na qual ela me viu cambaleando ao passar sob o outdoor específico, e teve a vívida impressão de que eu estava doente. Eu não lembrava de ter pensado nela, estando tão preocupado com minha estória até o momento em que descobri que tinha fumado demais; nem ela podia lembrar de ter pensado em mim até que o quadro

mental repentinamente intrometeu-se na sua consciência. A natureza trivial do incidente soma-se à dificuldade de encontrar uma explicação satisfatória. Uma vez, quando eu estava realmente em grave perigo, minha esposa captou minha posição perigosa e ficou muito angustiada; no entanto, não houve nenhum quadro mental, e ela não tinha a menor idéia qual era a natureza da minha dificuldade, a despeito do fato de que ela estava muito presente nos meus pensamentos naquele momento.

Em Agosto de 1911 retornamos para Southampton, onde tínhamos muitos amigos e ligações sentimentais, e meu próximo registro é de Julho de 1912:

Estava deitado na cama à tarde quando experimentei o Falso Despertar, imaginando que minha esposa e duas amigas estavam sentadas no quarto e conversando. Eu me sentia cansado demais para tomar parte nessa conversa e “fui dormir” novamente. Quando me dei conta novamente de onde estava, descobri-me no Estado de Transe e que podia sair do corpo. Sentei-me, portanto (fora-do-corpo, no caso) e então vagorosamente sai da cama. A dupla consciência era muito forte. Eu podia me sentir deitado na cama e em pé ao lado dela, minhas pernas encostadas na colcha, simultaneamente; mas embora eu pudesse ver perfeitamente todos os objetos no quarto, eu não consegui ver meu corpo, quando procurei por ele sobre a cama. Tudo parecia tão real como na vida desperta – mais ainda, extremamente vívido – e eu me sentia indescritivelmente bem e livre, meu cérebro parecendo extraordinariamente alerta. Deixei a cama e caminhei vagorosamente pelo quarto até a porta, a sensação de dupla consciência diminuindo conforme eu me movia para mais longe do meu corpo; mas assim que eu ia deixando o meu quarto, meu corpo me puxou de volta no mesmo instante e o transe foi quebrado. Não houve nenhuma etapa final de catalepsia e eu não senti nenhum efeito posterior desagradável.

Este registro não parece muito interessante; mas ele marcou um importante avanço, e seu significado especial está na maneira *suave* na qual a descoincidência foi efetuada. Foi minha primeira experiência de uma projeção não-instantânea, feita quando num estado de transe auto-induzido e sem o preliminar Sonho de Conhecimento. Planejo lidar com meus avanços em ordem cronológica; mas embora a referência seja obscura nessa etapa, eu gostaria de acrescentar que isso era realmente uma projeção de “Porta da Pineal”, e que a parte dolorosa de passar através da “porta” foi conseguida enquanto eu estava inconsciente no plano físico. Vocês verão que essas observações também se aplicam em outros exemplos de projeção não-instantânea.

Projeção Instantânea foi o nome que dei para o tipo quando a descoincidência é efetuada mais ou menos ejetando com força o veículo sutil do corpo físico por um forte esforço de vontade. Nesses casos, a velocidade aparente é tão grande que a pessoa passa através das paredes do quarto como um raio, e assim não há tempo para a sensação de dupla consciência. Seguidamente, também, neste método, quebras na consciência ocorrerão, tanto que o experimentador (o projetor) não estará totalmente consciente de suas condições, identidade, etc., até que ele volte a repousar talvez aparentemente muitas milhas longe de seu corpo.

Vale notar que eu não podia ver meu corpo quando procurei por ele sobre a cama, e essa tem sido minha experiência geral, contudo outros projetores declaram que eles podem ver os seus corpos. Foi-me sugerido que se eu estou funcionando no meu corpo astral, eu deveria ser capaz de ver somente as contrapartes astrais dos objetos no quarto; e que, portanto, para ver meu corpo físico, uma espécie de “clarividência para baixo” seria necessária, pois sua contraparte astral não mais estaria coincidente com ele. Talvez outras pessoas tenham esse poder, mas eu não o tenho. Mas, fundamentalmente, estados diferentes de consciência são o resultado de sermos capazes de responder a diferentes níveis de vibração; e por essa razão, pode ser que quando exteriorizado, o projetor viva até certo ponto num mundo só dele, e jamais dois experimentadores conseguirão precisamente os mesmos resultados, porque eles não

responderão exatamente ao mesmo alcance de vibrações. Isto é verdade, mas num grau bem menor, mesmo na vida desperta. Nosso mundo físico não é de nenhum modo o mesmo lugar para todos nós, mesmo que haja um suficiente acordo geral sobre os fenômenos que ele apresenta para nos permitir levar adiante o lado do dia-a-dia das coisas. Algumas pessoas são cegas para as cores, outras, surdas para os tons; e se muitas pessoas testemunham o mesmo acontecimento e suas impressões separadas são registradas, diferenças marcantes ocorrem em suas narrativas. Não é para admirar, então, que quando nos afastamos da boa e sólida matéria, encontramos impressões ou experiências de um projetor que não estão em completo acordo com as de outro.

O Sr. Sylvan Muldoon, no seu livro “The Case for Astral Projection”, The Aries Press, Chicago, 1936, escreve como segue:

“O Sr. Fox afirmou que enquanto projetado, ele nunca podia ver seu corpo físico – embora pudesse ver com clareza o de sua esposa. Esse fato me foi mencionado seguidamente no passado, como evidência contra a veracidade de suas exteriorizações. Embora, como já ressaltei, eu não esteja recorrendo a explicações neste presente volume, não há nada de incomum sobre esse fato. Existem muitas razões do porque isso poderia ser verdade, o que de fato reforça, em lugar de enfraquecer, a declaração do Sr. Fox. Num próximo volume, isso será completamente explicado.”

Houve, no entanto, apenas uma ocasião em que consegui ver o meu corpo. A projeção, que foi do tipo instantâneo, aconteceu de uma maneira muito inusitada:

Fevereiro 15, 1914.

Foundry Lane, Southampton

À tarde eu estava experimentando, sentado numa espreguiçadeira. Logo entrei na correta Condição de Transe, vendo através da minha visão astral, embora meus olhos estivessem completamente fechados. Eu desejava ascender. Então, de repente me pareceu ser levado para fora do corpo, virado de maneira que eu estava encarando a mim mesmo, e virado para cima numa posição quase horizontal. Nessa rápida passagem para cima, eu vi meu rosto como se visto à distância de uma polegada, estranho e monstruoso, porém sem qualquer sombra de dúvida, meu. E através das pálpebras fechadas os olhos estavam claramente visíveis e voltados para cima, mostrando assim, somente a parte branca, o que aumentava o efeito horrível. Foi uma aparição tão inesperada e horrorosa que eu fiquei aterrorizado. Não obstante, continuei com a vontade de ascender, e fui ejetado para cima na escuridão. E então, quando eu pensava em dar o próximo passo, o transe acabou. O choque provara ser demais para o meu controle mental da situação. A proximidade peculiar do ponto de vista poderia até ter tornado meu rosto visível para mim, nessa única ocasião.

CAPÍTULO VII

Oito Registros

Os anos de 1913, 1914 e 1915 viram meu interesse pelos meus experimentos projetivos aumentar constantemente. Eu escrevera dois romances, os quais estavam destinados a nunca serem publicados, e depois tentei minha sorte com estórias curtas. Em 1913 elas caminhavam bastante bem; isto é, sete de cada nove escritas encontraram um lar depois de quase dezoito rejeições! Mas uma vez que passou a novidade de ver meu nome impresso, minha perversidade natural afirmou-se e meu interesse diminuiu. As estórias que eu gostava de escrever eram sempre as mais difíceis de serem vendidas, e as que se vendiam mais facilmente eu me cansei de escrever. Mas com a chegada da Grande Guerra meu problema literário foi resolvido: nada se vendia que não fosse relacionado com a guerra, e minha alma artística encolheu só de pensar nas caretas que eu teria que fazer para escrever esse tipo de coisa. Portanto arranjei um emprego de escritório e devotei minhas horas livres para os estudos de ocultismo e trabalho de pesquisa, já que o Exército recusara meus serviços naquele momento.

Agora não existia mais falta de registros e eu tinha bastante material para seleção, tanto de projeções bem sucedidas como de experiências de transe terminando antes que a descoincidência fosse conseguida. No presente capítulo eu escolhi oito registros desse período, cada um deles me parece ter aspectos de interesse especial.

Previno ao leitor que não tome minhas declarações sobre a glândula pineal muito literalmente; aliás, se lhe aprouver, ele será bem-vindo a encarar a Porta da Pineal como puramente imaginária; mas, pelo menos, essa concepção fornece um meio muito útil para um exercício mental que sem dúvida leva a uma nova forma de consciência – mesmo que a teoria da projeção seja rejeitada. O resultado que obtive está além de todo questionamento; mas minha explicação do processo real envolvido talvez seja mais simbólica do que precisa. No entanto, tenho razões para supor que eu não estou longe na minha descrição, lembrando sempre que as coisas são apenas relativamente verdadeiras, e que a *verdade* deve sempre esquivar-se da palavra falada ou escrita. E é bem imaterial para o sucesso do experimento. Ao empregar este método o resultado *pode* ser obtido.

Outono, 1913.
Southampton

Foundry Lane,

Durante a tarde, com a intenção de experimentar, deitei-me na cama e consegui com sucesso entrar na Condição de Transe. Tratei então, de deixar o meu corpo, sentindo a dupla consciência até que passei para fora de casa (através das portas fechadas); mas ao alcançar a rua eu não conseguia sentir o meu corpo físico deitado sobre a cama. Eu havia caminhado por umas cem jardas, aparentemente sem ser observado pelas poucas pessoas que passavam, quando fui capturado por uma forte corrente e levado embora em grande velocidade. Parei numa linda e desconhecida área verde. Parecia que estava acontecendo uma festividade escolar; pois havia muitas crianças vestidas de branco, brincando de jogos e tomando chá debaixo das árvores. Também havia alguns adultos presentes – em particular notei uma velha cigana. Fumaça azulada elevava-se das fogueiras que eles tinham feito, e um magnífico por do sol cor de âmbar lançava um suave brilho dourado sobre a pacífica cena. Caminhei até chegar perto de algumas casas de tijolos vermelhos, que evidentemente marcavam o limite da área verde naquela direção. A porta da frente de uma dessas casas estava semi-aberta, portanto eu entrei. Estava curioso para ver se seus moradores ficariam

cientes da minha intrusão. No final do hall tinha um lance de degraus ricamente acarpetados. Eu fui lá para cima.

Vendo uma porta entreaberta no primeiro andar, entrei e encontrei-me num quarto confortavelmente mobiliado. Uma jovem vestida de veludo cor de vinho, estava em pé virada de costas para mim, arrumando o cabelo diante de um espelho. Eu podia ver aquele céu âmbar radiante através da janela perto da penteadeira. E as ricas madeixas castanho-avermelhadas da jovem brilhavam com tons vermelhos nessa luz encantadora. Percebi que a colcha da cama tinha uma aparência amassada e que tinha água numa bacia na pia. “Ah, minha dama,” pensei, “você também esteve deitada, e agora está se fazendo apresentável para o chá – ou seria jantar?”

Eu não me importava de estar invadindo sua privacidade; pois ela talvez nem existisse fora do meu cérebro, e eu sabia, de experiências anteriores, que havia muito pouca probabilidade de eu me tornar visível para ela. Ocorreu-me que eu ficaria bem atrás dela e olharia por sobre seu ombro para o espelho. Eu queria saber se refletiria meu rosto. Fiquei tão próximo a ela que eu estava consciente de uma agradável fragrância emanando de seus cabelos, ou talvez do sabonete que ela havia usado recentemente. No espelho eu podia ver seu rosto – muito bonito, acho que seus olhos eram cinzentos – mas não havia o menor indício visível do meu rosto.

“Bem,” pensei, “você evidentemente não pode me ver. Pode me sentir?”

E coloquei uma mão sobre seu ombro. Senti perfeitamente a maciez do seu vestido de veludo, e então ela deu um pulo violento – tão violento que eu, por minha vez, fiquei assustado também. Instantaneamente meu corpo me puxou de volta e eu estava acordado, minha condição totalmente normal – nenhuma duração de transe ou sensações catalépticas. Nenhum efeito negativo depois. O céu ocidental estava azul quando me deitei; mas ao quebrar o transe, vi que era de fato a mesma cor âmbar gloriosa como tinha sido na minha experiência fora-do-corpo. Infelizmente, eu omiti a data desse experimento, embora tenha anotado o acontecido imediatamente depois.

Do ponto de vista de que, prolongar a experiência deveria ser a minha primeira consideração, tocar na jovem foi certamente um erro. Descobri em várias ocasiões que, embora eu possa estar invisível para as pessoas que encontro nas minhas viagens de sonho, elas respondem imediatamente ao toque. Se o choque produzido é suficientemente grande para me afetar, então meu corpo me chama de volta – provavelmente por repercussão.

NOTA: A projeção atualmente está na sua infância; mas se no futuro tornar-se um fato relativamente comum, essa questão do direito de alguém de intrometer-se, mesmo num corpo que não é visível, sobre a privacidade de outra pessoa terá que receber uma séria consideração. Penso que uma intromissão como a minha, feita deliberadamente, é realmente uma conduta indefensável para qualquer pessoa que esteja convencida de que a projeção é uma verdade. No entanto, devido às fortes correntes astrais e ao fato de que seguidamente tem-se pouco ou nenhum controle sobre a experiência fora-do-corpo, parece-me que intromissões acidentais são inevitáveis. Está claro o seguinte: a não ser que estejamos muito seguros de que um amigo não se assustaria, ou de que se negasse a receber um visitante astral, nós não deveríamos tentar chegar até outra pessoa sem o seu consentimento. Uma vez que a permissão tenha sido obtida, seria melhor, por razões evidentes, não revelar ao sensível o horário da visita proposta, mas colocar uma declaração escrita, selada dentro de um envelope, nas mãos de uma terceira pessoa antes de fazer o experimento.

Dezembro 14, 1913.
Southampton

Foundry Lane,

Eu estava caminhando por algumas ruas laterais num lugar que poderia ser uma porção até agora inexplorada da vasta Londres-sonho, e eu sabia que não estava sonhando. Ninguém estava à vista, embora fosse dia claro, o céu sem nuvens de um delicioso azul pálido. Então cheguei numa imponente praça, e lá diante de mim sobressaía um edifício colossal – um milagre em volume e beleza arquitetônica. Era em estilo aproximadamente gótico, uma massa de rendilhado e detalhes esculpidos, com inúmeras janelas pontudas e um sem-número de nichos que sustentavam estátuas. O todo brilhava com uma suavidade indescritível, composto por mil tonalidades e matizes, no brilho e pureza da luz de sonho. Esse edifício não era simplesmente uma obra de tijolos e pedras; parecia ser uma coisa vivente, que tinha uma alma eterna; e para mim tinha toda a atração elevada, intensamente espiritual de uma bela mulher. Aquele edifício por si só poderia ter inspirado um romance, que poderia ser chamado “O Auge da Glória”, plagiando o “Abt Vogler” do poeta Browning. Próxima a ele tinha uma estátua cinzenta em ruínas (talvez da Rainha Victoria) sobre um vasto pedestal; mas essa estrutura, embora com altura de cinquenta ou sessenta pés, parecia absurdamente pequena – um mero anão – ao lado da altivez fantástica desse enorme edifício.

A estátua tinha a aparência de ser muito antiga – uma coisa de séculos passados. Como eu queria muito alcançar o topo desse maravilhoso edifício, decidi levar e fiz os movimentos leves de remar, os quais até hoje me são necessários, ao mesmo tempo me inclinando para trás como se fosse flutuar na água. A princípio me elevei vagarosamente, e então senti como se tivesse sido capturado por alguma corrente forte e fui elevado a grande velocidade numa direção inclinada. Lembro de passar próximo ao rosto da estátua – uma coisa horrível, monstruosa gasta pelo tempo, que tinha a aparência de ter sido carcomida por alguma doença odiosa, as narinas esfareladas tornando o nariz grotescamente pontiagudo – e as pequenas imagens nos nichos crescendo de repente enquanto eu subia e subia. Então, quando parecia que eu, no meu curso diagonal penetraria no edifício, meu corpo me puxou de volta e eu despertei. O encanto dessa experiência persistiu durante a maior parte do dia.

NOTA: Diferente da aventura de Bletchingden Bay, na qual eu parecia estar na terra, a experiência acima estava localizada em algum nível do plano astral. No decorrer de minhas diversas explorações nesse lugar descobri que as contrapartes astrais (se é isso mesmo) de uma cidade aparecem bem maiores do que as terrenas; pois além das estruturas e aspectos presentes, encontram-se edifícios, monumentos, etc., que não existem hoje na terra. Alguns deles podem ter existido no passado; e outros eu suspeito que sejam poderosas formas-pensamento – ou talvez pré-cognições astrais de edifícios terrenos que ainda virão. Para o não-iniciado isso soará muito absurdo; mas considere assim – cada empreendimento tem o seu horóscopo, a chave para as forças ocultas atrás de sua fundação. Se você conseguir se conectar com a trilha psíquica das forças que governam o Colégio Técnico da Cidade X, você poderá ter a visão dos novos edifícios a serem ocupados por aquela instituição em 1960 – que é aquilo que um psicometrista realmente faz. Não estava escrito há muito tempo que o Passado, Presente e Futuro na verdade são *uma só coisa*? Pois bem, o plano astral é uma rede infinita de trilhas psíquicas, e a Cidade X, como um todo, também tem seu horóscopo. Não pretendo elaborar sobre esse ponto. Para o explorador astral, então, a Cidade X parecerá ao mesmo tempo familiar e estranha, uma mistura curiosa de conhecido e desconhecido, de estilo antigo e novo ou novíssimo; e o efeito geral será que a Cidade X astral é muito maior do que a terrena. E tão longe quanto minhas experiências vão, o investigador, que faz sua enésima viagem para a Cidade X astral, ainda encontrará os mesmos aspectos (não-existentes na terra) que o intrigaram na sua primeira viagem.

Às 9 horas da manhã deitei-me na cama para experimentar a viagem no sonho. Os eventos sucederam como segue:

(1) Peguei no sono e sonhei que estava acordado; esse Falso Despertar sendo seguido por um despertar de verdade.

(2) Cochilei novamente, e desta vez consegui entrar no correto estado de transe, e estava perfeitamente consciente da minha condição. Deixei o corpo (mas não pude vê-lo na cama) e atravessei o quarto até a porta. Dupla consciência muito forte: podia me sentir deitado na cama e em pé ao lado da porta ao mesmo tempo. Passei para o corredor, abri a porta da frente e fechei-a; mas é claro que não era a verdadeira porta física que abri. Neste ponto a dupla consciência cessou e eu não mais podia sentir meu corpo sobre a cama. Com a intenção de fazer uma visita astral a alguns amigos próximos, caminhei por cerca de cem jardas até Foundry Lane em direção à Avenida Shirley. Passei por uma garota que não me viu. No entanto, antes que pudesse alcançar a Avenida, fui agarrado por uma força e carregado com imensa velocidade, vindo finalmente a parar numa cidade estranha.

Despercebido, passei por uma longa e movimentada rua, observando com interesse os edifícios não familiares e as pessoas desatentas. Em particular, lembro de um jardim de frente onde uma ventoinha em miniatura trabalhava um pequeno e curioso Polichinelo dançando. Atravessei uma ponte ferroviária muito suja. Locomotivas verdes refulgiam na brilhante luz solar; e percebi como estavam bonitas as nuvens de vapor condensado das chaminés, nuvens peroladas contra o céu azul. Então caminhei por cerca de um quarto de milha, e comecei a sentir minhas pernas pesadas. Mais e mais pesadas elas ficavam. Meu corpo estava pesado – talvez aquele corpo deitado na cama a muitas milhas de distância. Finalmente eu não podia resistir mais ao chamado. Era como se um poderoso cordão de elástico esticado, conectando meus dois corpos, tivesse de repente aparecido e tomado conta de mim. Disparei para trás a uma incrível velocidade, entrando tão violentamente no meu corpo que o transe foi quebrado no mesmo instante. Acordei.

(1) Caí novamente no sono e tive vários sonhos bem comuns e desinteressantes, nos quais eu não tinha qualquer conhecimento de estar sonhando. Acordei mais uma vez.

Entre novamente na correta Condição de Transe, totalmente consciente de que estava nele. Saí do corpo - fenômeno como antes, sob (2) – e passei para fora, no jardim. Decidi então, que faria minha primeira tentativa em “SKRYING” ou “ascendo através dos planos”. Mantive-me ereto, braços ao lado do corpo, e concentrando com toda minha vontade em um único supremo esforço, eu desejava ascender. O efeito foi verdadeiramente surpreendente. No mesmo instante a terra caiu para baixo dos meus pés – foi assim que me pareceu, por causa do inesperado e da velocidade da minha ascensão. Olhei para minha casa lá embaixo, que não parecia maior do que uma caixa de fósforos; as ruas eram agora somente linhas grossas separando as casas. Percebi que estava viajando numa direção inclinada. Retifiquei isso por um esforço de vontade e continuei a ascender direto para cima. Em breve a terra ficou escondida por nuvens brancas. Para cima, para cima e para cima. A velocidade aumentando sempre. A solidão que senti era indescritível. Para cima, para cima e para cima. Minha consciência estava perfeita, exceto por uma coisa – perdi meu senso de *tempo*. Eu poderia ter estado fora do meu corpo durante horas, ou até mesmo um dia – não podia dizer. Pensamentos de sepultamento prematuro me assombravam. Para cima, para cima e para cima. Essa solidão era medonha; somente aqueles que já passaram por uma experiência semelhante podem se dar conta do que eu senti.

(2) O azul do céu estava gradualmente se desvanecendo; mas o brilho da luz não tinha diminuído – pelo menos, não dava para perceber. Agora eu via um fenômeno que inspirava admiração: de um ponto do zênite emergia uma sucessão de círculos de luz concêntricos tremeluzentes de matizes cor de chumbo, espalhando-se em ondulações enormes – assim como quando uma pedra é jogada dentro de uma lagoa. Essa visão me deixou realmente amedrontado, mas não perdi meu autocontrole. Percebendo que eu quase chegara ao limite dos meus poderes de resistência, desejei descender. Instantaneamente o processo se reverteu; o céu tornou-se azul novamente; a terra voltou à minha visão através de um véu tecido de nuvens e subiu ao encontro dos meus pés. Passei outra vez para dentro de casa e suavemente entrei no meu corpo. Experimentei então, um toque de catalepsia e tive a ilusão de que minha esposa me abraçava, tentando desesperadamente me trazer de volta à vida. Na verdade, ela nem estava em casa.

Quebrei o transe sem muita dificuldade e levantei da cama. Era meio-dia; portanto o experimento todo havia durado três horas. Não senti qualquer enjôo ou efeitos posteriores. De fato, eu tinha um senso incomum de frescor físico e de exaltação espiritual que perdurou pelo restante do dia. Realmente o sol estava brilhando durante todo o experimento, e também estava nas minhas experiências fora-do-corpo.

NOTA: A viagem para o alto, ou SKRYING, não deve ser confundida com as tentativas desajeitadas para a levitação feitas por mim em alguns sonhos nos quais tenho estado ciente de estar sonhando. Nestes últimos, a levitação foi feita por movimentos de braços e pernas, como se voando ou patinando, com o corpo deitado para trás num ângulo como se eu estivesse me preparando para voar ou para flutuar na água. Nesses casos a altura aparente alcançada era somente de uns cinqüenta a cem pés, e então o puxão do meu corpo físico, ou alguma força semelhante à gravidade, me fazia descer.

Quando alcancei minha altura máxima eu podia me virar, de modo a encarar o chão abaixo de mim, e depois prosseguir pelos movimentos de natação ou pela vontade apenas, se as condições fossem favoráveis. Na verdade, penso que o verdadeiro poder motivador está apenas na vontade e que os movimentos das mãos, braços e pernas são somente ajudas para a concentração e poderão, portanto, ser dispensados se a condição da pessoa for completamente percebida. O SKRYING, no entanto, é conseguido por um supremo esforço da vontade apenas, e os resultados obtidos são muito diferentes.

Enquanto que tentativas com a levitação nos sonhos são bem inofensivas, o verdadeiro SKRYING – tal como aquele conseguido por mim no experimento acima descrito – é, acredito, um procedimento muito perigoso e não deve ser realizado leviana ou frivolamente.

SKRYING é como deslizar, mas numa direção vertical. Não há nenhum puxão para baixo análogo à gravidade, mas somente o chamado do corpo. É feito puramente por um esforço mental, os braços estando bem passivos, e é caracterizado por uma velocidade enorme de descida. Já me foi dito que ao utilizar esse método é possível viajar para outros planetas; mas isso é extremamente perigoso para um estudante que não esteja sob a orientação de um Adepto. No SKRYING eu não fui mais além do que fui nessa primeira experiência. Eu digo para mim mesmo que um homem casado deve tomar alguma cautela ao buscar essas investigações, mas, na verdade, eu tenho mesmo é medo.

Outros projetores declaram que eles podem ver esse cordão elástico, o qual conecta o veículo exteriorizado ao corpo físico, e até o descrevem com detalhes. Eu tenho lutado contra o puxão dele seguidas vezes, mas nunca fui capaz de enxergá-lo – se excluirmos o episódio do clorofórmio. É interessante notar que quando o transe termina involuntariamente, e, portanto, de repente, o efeito é como se fôssemos

puxados *para trás* para o corpo físico, mas a velocidade é tão grande que o retorno parece quase instantâneo.

Junho 13, 1915.

New Road, Southampton

À tarde deitei-me no sofá, com a intenção de fazer um experimento. Entrei no estado de transe. Meus olhos estavam fechados, mas eu podia ver o quarto claramente. Ao tentar deixar o meu corpo, experimentei sensações preliminares muito peculiares e um tanto aterrorizantes – como um grande turbilhão por todo o meu ser. A descoincidência foi muito bem efetuada. Dupla consciência até que deixei o quarto. Desci as escadas. Então fui capturado e carregado até o que me parecia ser um palácio oriental. Uma bela jovem estava dançando diante de um grupo de homens e mulheres reclinados, ricamente vestidos. Ninguém podia me ver. Parei diante da dançarina e olhei dentro de seus olhos azuis como o céu, mas ela não deu qualquer atenção. Tolamente sucumbindo à sua fascinação, coloquei meu braço ao redor de sua cintura desnuda e quente. Ela deu um pulo tão violento que o choque provocado em mim quebrou o transe. No mesmo instante voltei para o meu corpo e acordei. Assim, pois, para satisfazer os meus sentidos, o meu experimento chegou a um derradeiro final.

NOTA: Este registro é de especial interesse, pois marca a minha primeira experiência consciente de projeção de uma Porta da Pineal. Mais adiante farei uma lista de todos os fenômenos que anotei em conexão com esta forma de projeção. O leitor talvez queira me fazer uma pergunta: Como é que certos aspectos tornaram-se evidentes somente depois de sucessivos experimentos? Por que é que o processo completo não pode ser compreendido nesta primeira experiência? Creio que a resposta àquela questão está nas seguintes considerações:

(1) Até que a pessoa se acostume com ele, o processo real de passar através da “Porta” na glândula pineal produz um efeito de extrema confusão mental e um medo terrível. Na verdade, a pessoa sente que está se dirigindo diretamente para a morte ou para a insanidade.

(2) Além disso, os sons peculiares à Condição de Transe (veja Capítulo V) distraem a sua atenção e aumentam a confusão geral.

(3) Quebras na consciência ocorrem, portanto tais coisas como os “clics” cerebrais (veja Capítulo III) muitas vezes não serão sentidos.

(4) Após o retorno para o corpo, uma pessoa fica dependente do cérebro físico para as lembranças retidas sobre a experiência completa, e as impressões muitas vezes tornam-se borradas, ou apagadas por outras, ou falham completamente em registrar sobre a substância do cérebro – especialmente se o retorno for abrupto.

Junho 28, 1915

Foundry Lane, Southampton

Antes do amanhecer eu experimentei uma projeção astral. Alcancei a descoincidência) – isto é, deixei meu corpo – seis vezes. Durante todo o experimento o meu transe permaneceu intacto. Cada vez que eu retornava ao meu corpo eu fortalecia o transe pela vontade, de maneira que ele ficou mais e mais profundo, meu corpo tornando-se aparentemente rígido como um defunto. Finalmente, quebrei o transe eu mesmo, porque não estava seguro quanto tempo tinha sido usado nas minhas viagens, e eu temia ser perigoso retardar meu retorno por mais tempo. Minhas experiências fora-do-corpo eram vívidas e variadas. Eu poderia ter escrito um relato bem mais longo sobre elas, caso tivesse feito anotações imediatamente após quebrar o transe; mas quando eu me vestia, várias horas depois, e depois de dois ou três sonhos comuns, a

maioria dos detalhes de minhas viagens já me havia escapulado. Aproximadamente, o que aconteceu foi o seguinte:

(1) Sai do corpo e fiquei parado ao lado da cama observando o que poderia ser o veículo astral de minha esposa ou algum espírito ou elemental personificando-a. Ela estava andando pelo quarto e eu não conseguia ver seu corpo sobre a cama, mas ela não tomou conhecimento de mim. Retornei ao meu corpo.

(2) Deixei meu corpo e passei para fora do quarto. Subi as escadas e encontrei o veículo astral da Sra. S., que morava na mesma casa. Ela não me viu. Nesse ponto experimentei uma súbita transição para um quarto estranho, onde encontrei duas jovens que eu nunca havia visto na vida desperta. Retornei ao meu corpo.

(3) Deixei o corpo e retornei para a mesma casa estranha. Tive lá uma breve conversa com as duas jovens, que ainda estavam no mesmo quarto. Retornei ao meu corpo.

(4) Deixei o corpo e passei para fora de casa. Transição súbita para um vilarejo ou uma cidade estranha. Era noite e as ruas estavam cheias. Movimentei-me sem ser visto pelas pessoas. Andei num bonde por certa distância, mas o condutor não me viu. Li um poster de recrutamento em inglês. Retornei ao meu corpo.

(5) Deixei meu corpo e passei para fora de casa. Transição súbita para uma cidade oriental. Dia claro. Multidões de nativos, que pareciam indianos, e alguns europeus. Bazares nas ruas e edifícios brancos brilhantes. À distância eu podia ver uma fonte curiosa: um enorme elefante ajoelhado, esculpido em pedra negra, ejetava de sua tromba encurvada para trás um chuveiro de água, que era captada numa bacia branca em forma de concha. Retornei ao meu corpo.

(6) Deixei meu corpo e sentei ao lado da janela olhando para uma lua brilhante que estava se pondo, e meditando para onde eu iria agora. Até aqui, devido ao aprofundamento gradual do transe, meus períodos fora-do-corpo tinham sido cada vez de maior duração. Decidi que era melhor eu terminar o experimento. Retornei ao meu corpo e quebrei o transe por um esforço determinado pela vontade.

Desperto finalmente, sai da cama e olhei para a lua. Estava exatamente como eu a tinha visto quando fora-do-corpo alguns minutos mais cedo. As experiências iniciais de transe e o retorno final para a vida desperta foram levemente desagradáveis; mas, quando a descoincidência foi alcançada, os resultados foram muito prazerosos em razão do sentimento delicioso de perfeita liberdade, saúde e clareza de percepção. No todo, portanto, esta série prolongada de experimentos foi incrivelmente bem sucedida.

NOTA: Este registro está anotado exatamente como foi escrito em 1915. Depois desse tempo todo eu não consigo lembrar como a primeira separação (descoincidência) aconteceu, mas com certeza foi suave. Provavelmente eu estava inconsciente durante a passagem pela Porta da Pineal e encontrei-me naquele estado onde a descoincidência era somente uma questão de sentar na cama fora do meu corpo físico e depois levantar da cama.

Devido às discrepâncias óbvias de tempo – pois eu estava experimentando durante as primeiras horas da manhã, entre 2 e 3 horas da madrugada – o episódio (4) deve ter sido de natureza astral, pois parecia ser na Inglaterra; mas os outros podem ter sido numa locação terrena. As pessoas que não podem esquecer ou perdoar o charuto do pobre Raymond ficarão muito aborrecidas comigo quando eu disser que existem bondes elétricos no plano astral; mas EXISTEM SIM – a não ser que não exista nenhum plano astral, e que meus bondes andem somente no meu cérebro.

Dezembro 15, 1915.
Southampton

Foundry Lane,

Ontem a noite num sonho no qual minha esposa estava presente, fiquei sabendo que eu estava sonhando através do inesperado aparecimento de um modelo grande de navio de guerra que estava sendo empurrado pelas ruas por homens que andavam por dentro dele. Testemunhamos cenas de carnaval interessantes e estranhas e um grande incêndio, um enorme edifício em chamas. Eventualmente deixamos o carnaval e o fogo para trás e chegamos a uma trilha amarela, que nos conduzia através de uma charneca desolada. Enquanto estávamos parados ao pé desse caminho, ele de repente elevou-se diante de nós e tornou-se um caminho de luz dourada estendendo-se da terra até o zênite.

Nessa névoa brilhante tingida de âmbar, apareceram agora incontáveis formas coloridas de homens e bestas, representando a evolução ascendente do homem através de diferentes estágios da civilização. Essas formas se desvaneceram; a trilha perdeu suas tintas douradas e tornou-se uma massa de círculos vibrantes de glóbulos (parecidos com ovos de sapo), de cor azul-violeta. Estes, por sua vez, transformaram-se em “olhos de pavão”, e então de repente veio uma visão culminante de um pavão gigante, cuja cauda aberta enchia os céus. Exclamei para minha esposa, “A Visão do Pavão Universal!” Movido pelo esplendor da visão, recitei um mantra em voz alta. E então o sonho acabou.

Ao passar deste Sonho de Conhecimento, experimentei o Falso Despertar. Mais tarde encontrei-me na Condição de Transe e continuei a experimentar. Consegui a separação e sai do meu corpo. Vi, então, o veículo astral de minha esposa (que estava muito alterado), ou uma personificação dele, sentado numa cadeira. Conversamos por um tempo sobre astrologia e da adoração de Isis no Antigo Egito. E logo fui atingido pelo que pareciam ser correntes de forças ocultas. Ouvei enormes barulhos e senti um medo terrível. Assim, pois, fui puxado de volta ao meu corpo físico que estava em estado cataléptico, mas no começo eu não conseguia quebrar o transe. Senti uma dor considerável pelo efeito violento daquelas forças imensas. Tive também a ilusão de que minha esposa (no seu corpo físico) estava ansiosa a meu respeito e que eu estava de fato conversando com ela, explicando minha condição. Quando quebrei o transe, encontrei-a ainda dormindo; mas não consigo dizer se eu realmente tinha ou não conversado. Não houve qualquer efeito posterior. Infelizmente, minha esposa não tinha nenhuma lembrança do sonho ou de nosso encontro e conversação.

Fevereiro 6, 1916.

Foundry Lane, Southampton

Nessa ocasião eu fiz um experimento com um objetivo definido, o de visitar a Sra. X em sua casa na Avenida Lumsden, Southampton. Ao me recolher para dormir, deitei sobre meu lado direito, permanecendo tão quieto quanto possível e com respiração profunda e ritmada. Não concentrei na Sra. X, mas nas etapas preliminares do experimento, pois eu queria passar para a Condição de Transe sem perder a consciência nem por um momento. Nisto fui bem sucedido. Depois que a respiração tinha continuado por algum tempo, notei uma sensação curiosa nos meus olhos físicos, como se eles estivessem virando para cima e levemente vsgos. Ao mesmo tempo toda a minha consciência parecia estar focada sobre algum ponto situado no meio do meu cérebro, talvez na região da glândula pineal. Ocorreu-me que eu estava “concentrando interiormente”, conforme alguns estudantes de ocultismo definem. Durante algum tempo continuei nessa concentração, e mais e mais me parecia que todo o meu ser incorpóreo estava sendo condensado ao redor desse ponto central dentro do meu cérebro físico. Em breve eu comecei a sentir uma dormência tomando conta do meu corpo, estendendo-se desde os pés para cima e gradualmente enrijecendo até uma rigidez dolorida. Eu agora parecia estar num estado semelhante à catalepsia, até mesmo meus maxilares estavam travados, como se os músculos

tivessem se tornado placas de ferro. Eu ainda estava no escuro, meus olhos espirituais bem fechados e virados para cima; mas agora tinha a sensação de possuir outro par de olhos, e estes não físicos ou astrais, eu abri. Pode-se ver assim, que realmente passei da vida desperta para a correta condição de transe sem qualquer quebra na minha consciência.

Meu corpo físico estava deitado em transe do lado direito e de frente para minha esposa. Ao abrir meus olhos astrais, eu me virei ao contrário dentro do meu corpo físico de maneira a ficar de frente na outra direção. Grandes forças pareciam estar tencionando o ar, e faíscas verde-azuladas de luz vinham de todas as partes do quarto. Eu então captei a visão de um monstro medonho – uma coisa sem forma vaga, branca e transparente, espalhando-se em nódoas esquisitas e protuberâncias parecidas com cobras. Ele tinha dois olhos redondos enormes, como globos cheios de fogo azul pálido, cada um com seis ou sete polegadas de diâmetro. Eu estava certamente muito amedrontado. Senti meu coração físico disparar, e minha respiração modificou-se de repente em arfantes solavancos. No entanto, minha razão venceu meu medo. Novamente me virei dentro do meu corpo físico, de maneira que o monstro estava fora da minha visão. Dizendo para mim mesmo que nada poderia me fazer mal, concentrei minha vontade em prolongar o transe, que o choque quase havia interrompido. Nisto fui bem sucedido. Meu coração normalizou-se outra vez, e minha respiração tornou-se rítmica.

Mais uma vez eu me virei e olhei para o quarto. O monstro havia sumido, mas as faíscas continuaram ainda durante certo tempo. Estas também se acalmaram e então o quarto parecia exatamente como de costume, exceto pelo fato de que estava levemente e igualmente iluminado por nenhuma fonte visível de luz. Sentei-me no meu corpo astral, elevando-me assim da posição física deitada, joguei minhas pernas sobre o lado da cama e finalmente fiquei de pé, tendo feito a separação completa. A consciência dupla estava muito pronunciada, eu podia distintamente me sentir deitado na cama e em pé no chão ao mesmo tempo. No entanto, eu não podia ver meu corpo na cama, talvez porque sua contraparte astral tivesse sido retirada comigo – mas isso é apenas teoria. A forma de minha esposa estava totalmente visível. Curvei-me e beijei-a e ela abriu seus olhos, olhando para mim sonolenta. Aí me ocorreu que eu deveria continuar com o meu experimento, então eu abanei a mão para ela e deixei o quarto.

Ao passar através da porta do quarto e da porta da frente, parei fora de casa e fiz uma pausa enquanto concentrava toda a minha vontade na idéia de viajar até a Sra. X. Nesse ponto tive uma breve visão de uma cortina mal e mal visível de objetos circulares vibrantes – parecendo ovos de sapo. Acho que eram de cor azul enevoado ou roxo, mas eles estavam justamente no limiar da visibilidade. Eu agora havia perdido a sensação de dupla consciência. Sentia-me por inteiro estar fora de casa. Minha razão me dizia que meu corpo físico estava deitado na cama ao lado de minha esposa, mas eu não mais o sentia lá. Pouco tempo foi necessário para esta concentração sobre a idéia de viajar até a Sra. X.

Quase que imediatamente fui agarrado e levado para diante com uma velocidade cada vez maior, passando através de casas e árvores, e aparentemente pegando atalhos até o objetivo desejado. No final dessa jornada, que durou somente um ou dois segundos, se tanto, encontrei-me batendo em frente às fachadas das casas parecidas com as da Avenida Lumsden. Eu era como um pedaço de papel soprado por um vento para lá e para cá. O impulso que me direcionava parecia ter se esvaziado, e eu não podia encontrar a casa certa. Nesse ponto meu corpo me chamou de volta. Fiz o caminho para casa num jato e encontrei-me ainda na Condição de Transe e experimentando dupla consciência.

Concentrei durante algum tempo no fortalecimento do transe, pois tencionava tentar novamente. No instante em que estava para sair do corpo, ouvi minha esposa dizer com estranha clareza: “Não! Você não deve fazer isso novamente por agora, ou

vou ficar com medo.” Eu achei que a voz dela era provavelmente só uma ilusão e hesitei. Então ela falou novamente: “Acorda, querido!” Ainda achei que a voz era mais provavelmente irreal no sentido físico; mas não querendo correr o risco de aborrecê-la, eu obedeci. Interrompi o transe com facilidade e questionei-a. Ela não havia falado, nem tinha qualquer lembrança de me ver deixando o corpo.

NOTA: Esta foi a primeira vez que fui bem sucedido em passar do estado desperto para a Condição de Transe sem experimentar uma quebra na consciência. Consegui assim observar os estágios sucessivos envolvidos, o que faz este experimento ter um valor particular. Não obstante, uma vez que o estado de transe foi alcançado, penso que deve ter havido alguma quebra na minha consciência mesmo que tenha sido de apenas um mínimo de fração de tempo. Pois a maneira lenta e fácil na qual a descoincidência foi efetuada confirma que tenha sido uma projeção verdadeira de Porta da Pineal, no entanto eu não tinha nenhuma lembrança de ter passado de fato através dessa porta hipotética ou de ouvir o “clic” dela se fechar atrás de mim. Deve-se mencionar que nessa data eu não estava consciente da posição precisa da casa da Sra. X, embora conhecesse vagamente o local, e eu não a tinha visto.

Ao visitar a Sra. X pela primeira vez, reconheci as casas acima e abaixo da dela como semelhantes àquelas contra as quais me encontrei batendo no meu experimento, mas a dela era de um desenho diferente. Finalmente, deve-se notar que minha esposa, funcionando no seu veículo astral, poderia ter me visto deixando o corpo e também ter falado comigo e, no entanto, não guardou nenhuma lembrança (registrada no seu cérebro físico) quando foi repentinamente acordada pela minha voz questionando-a. Descobri recentemente que um retorno repentino à vida desperta impede a pessoa de trazer quaisquer detalhes do sonho que tenha sido tão rudemente interrompido. O “monstro” poderia ter sido alguma forma de entidade elemental ou não-humana.

Outro incidente relacionado com a Sra. X é digno de registro: Na noite de 15 de Março de 1916 eu sonhei muito com a Sra. X. Pela manhã, embora eu não pudesse me lembrar de nenhum detalhe, senti que havia feito contato astral com ela. Havia, no entanto, uma coisa da qual eu podia me lembrar, que em alguma hora da noite eu tinha sido acompanhado por um animal pequeno preto e peludo, que poderia ter sido um cachorro. Nesta mesma noite a Sra. X estava deitada acordada na cama, e foi perturbada por um som de algo arranhando e batendo no seu quarto. Ao levantar-se e acender a luz, ela, sendo clarividente, viu distintamente um animal preto e peludo, que correu até a lareira, bateu nos ferros da lareira, e depois desapareceu na cavidade da mesma. Depois disso, a despeito da luz forte, os barulhos continuaram e um quadro batia persistentemente contra a parede.

A Sra. X apagou a luz e foi novamente para cama, e então os barulhos cessaram. Pois bem, embora ela não tivesse qualquer razão material para me relacionar com essas manifestações, ela disse que podia sentir minha presença no quarto e acreditava que os fenômenos foram causados por uma força emanando de mim. Ela me fez a declaração acima, minha esposa estando presente, *antes* de eu ter mencionado meu sonho e o animal.

Abril 10, 1916.

Foundry Lane, Southampton

Antes do amanhecer eu experimentei o Falso Despertar. Ilusões de sons e uma grande sensação de medo me fizeram consciente de que eu estava realmente na Condição de Transe. Sabendo disso, meu medo passou e decidi experimentar. Concentrei-me na tentativa de sair do corpo, e o resultado foi dos mais interessantes. Senti meu ser incorpóreo correndo para frente e sendo condensado dentro da glândula pineal – pelo menos, essa era a sensação – e ao mesmo tempo a luz astral dourada

cintilou para cima e tornou-se muito brilhante; então meu corpo me puxou para trás, e a luz astral apagou outra vez, a sensação sendo precisamente o reverso da anterior – isto é, meu ser incorpóreo correu para trás, longe da glândula pineal e expandindo, até que coincidiu com o corpo físico mais uma vez. Concentrei novamente e a mesma coisa aconteceu, mas na terceira tentativa fui bem sucedido em alcançar a descoincidência. Uma vez que isso foi conseguido, a luz astral tornou-se normal novamente.

Sai então da cama e tentei com minha mão astral sentir meu corpo físico deitado em transe, mas eu não consegui nem senti-lo e nem vê-lo. Nesse ponto uma voz, aparentemente vinda de minha esposa, que eu podia ver, me implorava para que não experimentasse mais. Sabendo de experiência anterior que essa voz – com relação ao corpo físico de minha esposa – era muito provavelmente somente uma ilusão, optei por descartá-la. Caminhei então através do quarto e fui surpreendido ao me sentir de encontro à parede, que parecia tão sólida quanto na vida comum desperta. Agora, geralmente, nas minhas aventuras fora-do-corpo, eu consigo passar através de paredes sem estar consciente de qualquer esforço considerável; mas desta vez, por alguma razão desconhecida, as condições pareciam estar alteradas. Fiquei parado olhando para a parede, suavemente pressionando contra ela, e firmemente decidido a passar através dela. Fui bem sucedido, e a sensação foi das mais curiosas. Mantendo total consciência, passei como se fosse um gás – numa condição volátil – através dos interstícios entre as moléculas da parede, voltando às minhas proporções normais do outro lado.

Eu então quis viajar até certo templo, que me disseram que existiu uma vez em Allahabad. Decolei em grande velocidade e cheguei num quarto moderno brilhantemente iluminado. Aqui um homem e uma mulher estavam sentados à mesa, fazendo uma refeição. Eles aparentemente não me viram. Novamente repeti meu desejo: “Templo – Allahabad – Índia – no passado”. E agora me pareceu que se formou uma espécie de buraco ou rachadura na continuação da matéria astral; e através dele, na distância – como se visto através de um longo túnel – eu podia ver alguma coisa indistinta que poderia ser uma entrada para um templo, com uma estátua ainda mais longe aparecendo através dele. Movimentei-me então para diante, mas para meu desapontamento parei quase que imediatamente em outro quarto, onde três mulheres estavam sentadas a uma mesa que também continha os restos de uma refeição. Uma quarta mulher – bonita, com cabelos loiros e olhos azuis – estava em pé no momento de deixar a mesa. Aparentemente, nenhuma delas podia me ver.

Firme no meu objetivo, mais uma vez repeti: “Templo – Allahabad – Índia – no passado”. O esquema do túnel estava mais uma vez entrando na minha visão, e então alguma coisa deve ter acontecido que interrompeu o meu transe – embora o que, eu não sei dizer. No mesmo instante fui puxado de volta ao meu corpo e acordei.

NOTA: O incidente da parede é decididamente curioso. Minha esposa sugeriu uma explicação sucinta, baseada na crença da Sra. X de que eu tenho poderes mediúnicos. Minha esposa acredita, então, que eu possa ter, nessa ocasião, realmente materializado até certo ponto o meu ser fora-do-corpo, extraíndo a matéria do meu corpo físico em transe, o qual ela acredita possa explicar a minha dificuldade inesperada em passar através da parede. As partículas físicas teriam que ser desmaterializadas, ou divididas mais finamente, para passar através da parede física. Uma idéia engenhosa, embora meio fantasiosa. A verdade é que eu ainda tenho tanto para aprender sobre as condições obtidas nesse mundo astral ou de sonho.

Existem certas forças desconhecidas trabalhando, e essas podem, às vezes, afetar grandemente os resultados dos meus experimentos. Em algumas ocasiões tudo corre muito suavemente; em outras, obstáculos inesperados ou elementos impeditivos se manifestam. Um ponto para concluir: Se este mundo no qual me encontro nos meus experimentos de projeção existe somente na minha imaginação, conforme o cético

cientista insistiria, porque não alcancei esse templo indiano com o qual eu estava mentalmente familiar? Ao invés, encontrei-me nesses quartos estranhos e totalmente inesperados. Por que?

CAPÍTULO VIII

A Porta se Fecha: Projeção Ainda Possível: Mais Onze Registros

Aquela tentativa de alcançar o templo de Allahabad foi destinada a ser minha última projeção consciente da Porta da Pineal – pelo menos, até o momento de escrever este livro. Conforme veremos mais adiante, ainda sou capaz de conseguir a descoincidência pelo Método Instantâneo. Da próxima vez que tentei induzir a Condição de Transe, descobri que sempre diante dos meus olhos interiores estava uma visão de uma *cruz ansata* preta; e agora minha mágica não funcionava, a “porta do alçapão” *não se abria*. A *cruz ansata* não podia ser afastada. Quando eu fechava meus olhos e me virava para a luz, o símbolo aparecia com clareza, como se pintado em preto no campo vermelho das minhas pálpebras. Com meus olhos abertos, numa luz difusa, eu ainda podia vê-la como se estivesse projetada à minha frente. E por mais que eu tentasse não mais conseguia passar pela Porta da Pineal.

Logo depois disto iniciei uma longa investigação sobre os poderes de um médium extraordinário, que tinha, no entanto, a reputação não muito invejável de ser um mago negro – o “Dhyan” do meu artigo, “Uma Revelação Deva,” publicado no “Occult Review” de Agosto de 1922. Em sua companhia eu participei de várias aventuras astrais – depois de uma quebra na consciência eu me encontraria com ele no plano astral – mas eu não podia mais sair do corpo pela minha própria vontade. E lá eu encontrava e conversava com o grupo de seres espirituais que se manifestavam através do meu amigo. Seus ensinamentos eram extraordinários, e seu grau espiritual parecia muito elevado. Eles me contaram que tinham lacrado a minha “Porta” porque eu estava me tornando sintonizado com forças psíquicas que poderiam me levar embora antes que meu trabalho na terra fosse completado.

Eu posso sugerir outra explicação que poderia agradar mais às pessoas que não têm tempo para *cruzes ansatas* e seres espirituais de elevado grau. Eu nunca me importei em fazer as projeções instantâneas, mas é um fato que sempre estava meio amedrontado sobre o método da Porta da Pineal. Veja só, as sensações relativas ao processo de atravessar a “Porta” eram realmente tão extremamente desagradáveis, embora uma vez que a separação fosse alcançada eu me sentia muito bem. Depois da tempestade, a pessoa passava para águas calmas e ensolaradas. Como já disse antes, eu acreditava que estava no encalço de alguma coisa “grande”. Portanto, quando as condições permitiam, era impelido a continuar minha pesquisa e forçar essa misteriosa “Porta”; mas eu assim fazia com sentimentos semelhantes aos que uma pessoa experimenta quando se aproxima da cadeira do dentista. Esse medo represado pode ter se acumulado na minha mente inconsciente e, reforçado pelo medo de Extensão da minha infância, criado uma inibição, manifestando-se como uma sugestão auto-hipnótica de que eu teria perdido meu poder e que não conseguiria mais alcançar a separação pelo temido método da Porta da Pineal. A perda do meu poder seria, portanto, um desejo inconsciente de realização. Da mesma maneira, durante a Guerra, havia muitos casos onde o desejo reprimido de fugir produzia cegueira ou paralisia e salvava o soldado de ser mandado de volta para o front.

De qualquer maneira, no que se refere à minha parte consciente, sempre lamentei muito que esse método de projeção não fosse mais possível para mim, e ainda tenho esperanças de recuperá-lo algum dia. Já ouvi falar que se um projetor uma vez perde seu poder, ele nunca mais poderá recuperá-lo, mas mesmo assim, isso é apenas uma meia-verdade no meu próprio caso.

Em 1915 o pessoal do Exército recusara meus serviços: mas em Março de 1917, eles mudaram de opinião e generosamente me recrutaram com uma picareta e uma pá – mais tarde, um rifle também. Durante dois anos e meio de Serviço Ativo minha CRUZ

ANSATA preta me fez companhia, e eu permaneci prisioneiro dentro do meu corpo. Parece que os deuses têm um senso de humor; pois quando eu estava inválido em casa depois de uma grave operação, a cicatriz no meu abdome tinha um formato parecido ao ANKH egípcio. O símbolo visionário ainda permanece diante de meus olhos interiores, mas agora está muito pálido e difícil de ser visto. Eu não me senti muito feliz em Cologne na véspera dessa operação, que foi realizada devido a um apêndice gangrenoso e peritonite. Minha maior preocupação, é claro, era pela minha esposa, mas eu tinha outros arrependimentos menores também.

Sentia-me toleravelmente certo de que se eu “fosse para o além” eu me encontraria numa condição com a qual já estava bem familiarizado, mas a minha “grande descoberta” nunca seria revelada a um mundo mal-agradecido. Pensei nos meus cadernos e nas esperanças dos meus dias de Colégio, e senti uma sensação de “desperdício”, que machucava um pouco. Sim, se eu me salvasse, eu não poderia mais adiar. Alguma coisa realmente teria que ser feita sobre certas coisas.

Quando deixei o Exército em Outubro de 1919, ainda estava muito interessado por todos os assuntos relacionados com o Oculto, mas não queria mais escrever histórias para as revistas. Vendi oito no decorrer dos próximos dois anos e depois parei de escrevê-las. Logo no início de 1920 arrumei um emprego como Funcionário Civil, passando subseqüentemente pelo primeiro exame de Lytton e tornando-me devidamente estabelecido. Portanto agora o leitor vai sem dúvidas me imaginar de dedos cruzados, lendo os jornais, resolvendo palavras-cruzadas e fazendo chá. Mas, por Deus, isso não é verdade! E realmente consigo fazer uma quantidade razoável de trabalho no decorrer do dia, com aumentos de produção e “médias”, e pouco tempo sobra para entregar-me ao ócio – mesmo se eu assim quisesse.

Foi fácil deixar meu uniforme e entrar nas minhas antigas roupas; mas não foi tão fácil retomar os fios da vida civil outra vez. Durante vários meses o mundo para o qual havia retornado parecia estranho. Eu me sentia tão rude e desajeitado e levemente ofuscado. Então, quando já havia me assentado um pouco, lembrando de certa noite em Cologne, tirei meus cadernos da gaveta, escrevi “O Portal da Pineal”, e mandei-o para o Hon. Ralph Shirley, fundador e editor do “Occult Review”. Alguns dias depois recebi as provas, e o artigo apareceu em Abril de 1920. “Além do Portal da Pineal” seguiu no próximo número, e um terceiro artigo, “Viajando no Sonho”, foi publicado em Dezembro de 1923.

Hoje em dia esses artigos parecem somente uma pequena contribuição para a literatura sobre o assunto, mas tudo indica, a despeito de ter adiado por tanto tempo, que eu fui o primeiro nesse campo na Inglaterra; pois no editorial do “Occult Review” de Abril de 1929 eu encontrei esta declaração: “Praticamente as únicas anotações, e em primeira-mão, sobre projeção voluntária do duplo até hoje disponíveis na língua inglesa foram aquelas de Oliver Fox . . .” O primeiro livro sobre projeção foi o do Sr. Sylvan J. Muldoon “A Projeção do Corpo Astral” (The Projection of the Astral Body), publicado pelos Srs. Rider & Co. em 1929. Talvez eu deva explicar aqui que eu não me proponho a dar qualquer informação sobre os métodos de outros projetores ou de comparar suas experiências com as minhas, não porque eu não aprecie seus trabalhos, mas porque isso já foi feito – e bem mais habilmente do que eu poderia fazer – pelo Sr. Shirley em seu “O Mistério do Duplo Humano” (The Mystery of the Human Double), ao qual foi feita uma referência no meu capítulo de abertura.

Desde que perdi meu poder de forçar a Porta da Pineal, minha posição tornou-se muito parecida com a que eu tinha nos dias quando iniciei minha pesquisa: isto é, tenho que depender ou do Sonho de Conhecimento ou do Falso Despertar, levando-me ao reconhecimento do fato de que eu estar na Condição de Transe. É verdade que ainda posso induzir os sintomas preliminares do transe através da vontade; mas é somente em raras ocasiões, quando as condições são excepcionalmente favoráveis, que posso alcançar um transe suficientemente profundo para permitir uma projeção

instantânea. Creio que talvez possa ser de ajuda para o estudante sério que pretenda fazer experimentos ele mesmo (ou ela mesma), se eu der agora algumas outras anotações dos meus registros.

Ver-se-á pelas datas que todos esses experimentos foram *depois* que eu perdi meu poder de passar através da “Porta” e eles ilustram os resultados que poderão ser obtidos sem qualquer sintoma muito desagradável ou aterrador. Talvez uma exceção deva ser feita ao segundo registro que parece sobressair numa classe separada dos outros. Para o leitor em geral, alguns desses registros podem parecer desinteressantes, e talvez muito provavelmente, sonhos comuns; mas gostaria de enfatizar o ponto de que eles *não* são comuns e que, mesmo quando a experiência parece trivial e de pouco interesse, é um exemplo de um estado de consciência *anormal*.

Abril 4, 1923
S.W.

Kingswood Road, Merton Park,

Nas primeiras horas da manhã, encontrei-me na Condição de Transe. Consegui a separação inteiramente consciente, pela vontade de estar fora do corpo, e fui levado por uma corrente astral. Descansei num quarto pobremente mobiliado iluminado a gás. Duas jovens estavam sentadas junto a uma mesa, conversando, e eu percebi que ambas pareciam estar sofrendo de uma doença de pele. Elas não me viram. Minha estada foi muito breve e logo fui levado embora outra vez. Desta vez parei no campo, às margens de um rio, e lá encontrei minha esposa. Esqueço como ela estava vestida, mas sei que não estava com roupas de dormir. A lua brilhava, tornando a cena muito linda e pacífica, e nós caminhamos juntos pela margem do rio. Expliquei-lhe que eu estava experimentando sobre projeção, e que nessa condição eu podia levitar. Então decidi tentar levitar com ela e tomei sua mão, mas nesse momento meu corpo me chamou de volta e o transe foi quebrado. A duração foi bastante longa. Minha esposa não teve qualquer lembrança de ter sonhado. A lua brilhava quando acordei.

Junho 11, 1928
Wimbledon

Worple Road, W.

Num sonho preliminar sem lembranças, tomei conhecimento de que estava sonhando. Decidi que iria experimentar e fui imediatamente varrido por alguma corrente astral. Descansei numa faixa de areia ao lado do mar. Estava escuro, com nevoeiro e muito melancólico. Eu estava perfeitamente consciente da minha condição e de que meu corpo físico estava na cama em Worple Road, Wimbledon. Caminhei um pouco através do nevoeiro, notando que as condições pareciam involuntariamente favoráveis. Meu corpo não estava me puxando e não havia mais correntes. Decidi então que tentaria alcançar certo templo em ruínas no Tibet, sobre o qual minha Mestra Azelda havia me falado. Com esse objetivo, concentrei toda a minha vontade num imenso e único esforço, esperando sair em disparada em alguma direção horizontal. O resultado foi absolutamente inesperado. O chão abriu-se debaixo dos meus pés e eu estava caindo, com uma velocidade aparentemente tremenda, para dentro de um túnel estreito e escuro ou um poço de mina. Essa descida para o fundo continuou até que perdi meu senso de tempo e parecia que eu estivera caindo durante horas. Alguma coisa dentro de mim estava ficando com medo, mas consegui me manter calmo dizendo para mim mesmo que eu estava realmente na cama em Wimbledon e que minha Mestra me protegeria. Finalmente acabei descansando suavemente. Escuridão

e silêncio; então, como alguém despertando de um sono profundo, eu me tornei pouco a pouco ciente do meu ambiente.

Meus olhos pareciam desesperadamente fora de foco: eu só podia ver um borrão de cores brilhantes – vermelho e amarelo predominando. Eu estava nu e preso a uma moldura em forma de X numa posição vertical. Alguma coisa estava correndo pela minha pele desnuda. Era sangue de muitas feridas. Eu estava queimando e ardendo por todo o corpo e não podia ver, porque minha visão havia sido quase que completamente destruída por ferros em brasa. Agora as cores estavam se movendo. Poderiam ser túnicas de homens ou mulheres. A cada segundo a dor tornava-se mais lancinante, como se um anestésico estivesse perdendo o efeito. Meu corpo parecia uma massa de feridas e queimaduras e mutilado além de qualquer esperança. Agora era muito difícil não entrar em pânico, a despeito de minhas afirmações de que meu corpo físico estava na cama em Wimbledon, e ponderei se estaria morrendo.

Então ouvi uma voz de homem falando próximo ao meu ouvido direito – calmo, mas com uma insistência horrível: “*nãoe sois Teseu!*”

Eu parecia quase não poder falar, mas com um grande esforço respondi: “Eu *não* sou Teseu. Eu sou Oliver Fox, um criado de Azelda!”

Minhas palavras produziram um efeito como o de uma explosão de bomba. O mundo pareceu desmoronar à minha volta: um caos de luzes cegantes, sons terríveis e uma tempestade como um furacão. Meu retorno foi instantâneo, e o transe quebrado. Eu estava tremendo e meu coração batendo violentamente. Era muito bom ver minha esposa dormindo pacificamente ao meu lado. Como ainda estava escuro, esta experiência deve ter acontecido nas primeiras horas da madrugada. Tentei pensar quem era Teseu, mas fiz confusão com “Tadeu de Varsóvia”. Tinha a idéia na minha mente de que eu teria entrado em contato com os registros akáshicos e cambaleei, por assim dizer, sobre o último episódio na vida de um dos predecessores no meu Grupo – ou, em linguagem teosófica, numa encarnação passada de mim mesmo. E se fosse isso mesmo, eu desejava sinceramente que não houvesse outra morte como aquela ainda diante de mim. Mas logo a seguir cai no sono outra vez e dormi sem sonhos pelo restante da noite.

NOTA: Fiquei um pouco balançado internamente durante todo o dia seguinte, mas não houve nenhum efeito posterior negativo. O fato de que Teseu, o matador do Minotauro, foi um dos grandes heróis da Mitologia parece apontar para uma vaidade colossal por parte do meu ser subconsciente, e eu devo admitir que essa experiência teria sido mais convincente se o nome tivesse sido um pouco mais comum. Existe, porém, a possibilidade de que esse grande nome possa ter se tornado bastante comum em algum período – até mesmo hoje em dia bebês desventurados são batizados como Hércules! – e poderia bem ter sido o nome verdadeiro de algum antepassado meu que se meteu em algum desacordo político e estava sendo forçado a confessar sua identidade. Pode parecer estranho que eu pudesse pegar novamente no sono quase que em seguida depois de um susto tão grande, mas às vezes uma moleza geral pode se seguir ao retorno para o corpo. Essa experiência teve todo o “sentir” de uma verdadeira projeção da Porta da Pineal; e eu acho que é bem possível que nessa única ocasião, a despeito da perda do meu poder, eu possa ter passado através da “Porta” enquanto meu ser físico estava inconsciente. Presumivelmente a lembrança do Sonho do Conhecimento preliminar foi eliminada durante o tempestuoso retorno.

Novembro 3, 1929.

Worple Road, West Wimbledon

Sonhei que minha esposa e eu estávamos na cama num quarto estranho. Uma luz elétrica estava pendurada sobre a cama, e minha esposa estava brilhantemente iluminada por ela. De repente ela desapareceu de minha vista; parecia ter-se dissolvido

em uma nuvem e sumido. Isso me alertou de que eu estava sonhando, e decidi experimentar um prolongamento do sonho e explorar. O ambiente do sonho então mudou sutilmente, e eu experimentei aquele maravilhoso senso de clareza mental e bem estar que resulta de um estado de consciência anormal produzido pelo conhecimento, num sonho, de que se está sonhando. Eu sabia que estava funcionando no meu veículo astral enquanto que meu corpo físico estava numa condição de transe em Worple Road. Levantei-me da cama e tomei nota do estranho ambiente que me rodeava. Este quarto era um enorme apartamento, e as paredes desde o chão até o teto eram de laca vermelha, ricamente ornamentada com cenas orientais. A cama e toda a mobília eram da mesma linda cor e acabamento. Em particular, lembro de um enorme armário. A cama tinha lençóis de seda e uma colcha de seda laranja e acolchoado.

Passei para uma longa passagem, que tinha muitas portas. Uma estava aberta, e eu vi um banheiro fracamente iluminado pelo luar que entrava através da janela. De um quarto perto do final dessa passagem vozes chegavam até mim, e eu pensei que podia detectar a de uma mulher. Decidi que entraria nesse quarto, mas naquele instante fui agarrado por alguma corrente astral e levado embora. Encontrei-me então em pé num parapeito no telhado desse grande palácio, que era construído de pedras brancas brilhantes, e muito imponente. Abaixo, podia divisar um mar de telhados de casas, e em alguns pontos uma luz piscando. Eu estava na iminência de me jogar ao espaço, quando me dei conta de um jovem rapaz em pé ao meu lado, mas não consigo lembrar de sua aparência.

Ele pegou meu pulso esquerdo. “Leve-me com você, Irmão,” implorou; “pois eu não posso ir sozinho.” Eu consenti, embora temendo que pudesse encurtar o meu experimento. Pisei fora do parapeito e com um esforço mental disparei para diante em grande velocidade, levando meu companheiro comigo. Passamos juntos sobre os telhados das casas. Lembro de um brilho dourado saindo através de alguma janela de sótão, e uma vez passamos próximos de uma chaminé que despejou uma chuva de faíscas e uma densa coluna de fumaça e fuligem.

Como eu havia imaginado, o peso do meu acompanhante em breve começou a me incomodar. Comecei a afundar, e o chamado do meu corpo físico (que eu bem sabia que estava dormindo em Worple Road, Wimbledon) lutou ainda mais forte com meu esforço para prolongar o sonho. Muito suavemente descemos para a rua. Tive uma impressão breve e confusa do meu acompanhante deitado no chão e de pessoas movimentando-se em volta de nós, então fui puxado de volta ao meu corpo quase que instantaneamente e o transe foi quebrado.

Dezembro 8, 1929.

Worple Road, West Wimbledon

Bem cedo pela manhã eu experimentei o Falso Despertar. Sai da cama e tentei ligar a luz elétrica, mas não funcionava. Isso me alertou de que eu estava sonhando, e então percebi que havia ocorrido a descoincidência e que eu estava de fato fora-do-meu-corpo, tendo-o deixado quando sai da cama. Nesse ponto eu vi uma forma nebulosa – de uma mulher – em pé ao lado da cama perto da minha esposa. Essa forma pareceu cair para trás e sumiu conforme cheguei mais perto dela. Então, lancei-me para fora através da janela dentro de uma noite de temporal, e podia me sentir passando através das vidraças. Eu queria alcançar aquele antigo templo tibetano sobre o qual minha Mestra Azelda tinha falado. Com a senha bem guardada em minha mente, eu viajei em grande velocidade numa direção horizontal. No que parecia ser um espaço de tempo muito curto, foi clareando, e eu podia distinguir o que pareciam ser as ruínas parcialmente escavadas de algum poderoso edifício ou templo construído de

rocha marrom ou pedra. Então, para meu desapontamento, meu corpo me chamou de volta e o transe foi quebrado.

Mais tarde eu fui bem sucedido ao entrar novamente na Condição de Transe. Sai do corpo pela minha própria vontade e passei para o quarto da frente. Estava brilhantemente iluminado por uma luz dourada, e eu vi, para minha surpresa, que algumas peças do mobiliário e objetos eram estranhos e muito lindos. Em particular, notei um pequeno gabinete oriental. Os móveis do outro lado do quarto, no entanto, estavam como realmente são. A lareira parecia ter sido empurrada para um canto. Ocorreu-me que essas mudanças poderiam possivelmente ter sido produzidas por correntes de pensamento colidindo sobre minha consciência e causando uma visão. Decidi que faria uma nova tentativa para alcançar o templo, aproximando-me dele da mesma direção da anterior. Atravessando o corredor, retornei ao meu dormitório, que estava normal na aparência; mas justo no momento que eu ia passar através da janela, minha esposa deu um pulo nervoso durante o seu sono e tocou no meu corpo físico. Isso quebrou o transe, e meu retorno foi tão rápido que pareceu quase coincidir com o movimento dela.

Fevereiro 27, 1930.

Worple Road, West Wimbledon

Sonhei que estava caminhando, durante o dia, através de uma rua desconhecida ladeada de belos edifícios. Havia muitas pessoas vestidas de maneira comum. Algum incidente ou detalhe incongruente, o qual não consigo me lembrar, alertou-me de que eu estava sonhando, e decidi tentar prolongar o sonho. Continuei caminhando, como um visitante em uma cidade estranha. Percebi que estava vestido com o uniforme de um oficial do Exército; portanto quando passei por um lindo Memorial de Guerra, fiz meu papel de “olhos à esquerda” e bati continência. Também retribui a continência de um soldado que casualmente passou por mim. O uniforme era marrom, mas não tenho certeza se era britânico. No entanto, eu tinha a consciência perfeita de minha verdadeira condição física. Eu sabia que era um Oficial do Clérigo no Depto. _ e que meu corpo estava dormindo em minha casa em Worple Road. Sabia também que nos meus dias de Exército eu tinha sido apenas um soldado raso.

Um pouco mais tarde deixei a rua e encontrei-me numa estrada bonita campestre. As sebes e as árvores estavam totalmente copadas, e o céu azul e iluminado pelo sol. Sentia-me como de costume (nesses experimentos) em perfeita saúde e vitalidade, e o ambiente estava cheio de beleza e de senso de aventura iminente. De fato, muito charmoso; mas o esforço de prolongar o sonho estava causando uma pressão na minha cabeça, e a experiência teve um final de lugar-comum. Justo quando eu estava observando dois garotos com um burro vindo na minha direção por essa estrada campestre, meu corpo de repente me chamou de volta e o transe foi quebrado.

NOTA: Se um lugar terreno formou a cena da minha aventura fora-do-corpo, foi obviamente num país onde as estações estão adiante das nossas; mas meu uniforme de oficial, e o fato de que o soldado podia me ver, fazem com que seja mais provável que esta experiência fosse puramente astral na sua localização. Seria esta uma realização de um desejo inconsciente? Não, eu acho que não! Eu sempre tenho me esquivado de responsabilidade e sou por demais um andarilho para desejar confusão com um Oficial.

Setembro 7, 1930

Worple Road, West Wimbledon

Sonhei que tinha acordado durante a noite em nosso quarto em Worple Road. Eu tinha uma enorme vontade de comer chocolate, mas sabia que não havia nenhum em casa. Portanto, me vesti, sem acordar minha esposa, e caminhei até a estação ferroviária do Parque Raynes, imaginando que poderia arranjar algum chocolate de uma máquina na plataforma. Não havia ninguém por perto e eu fui até lá direitinho, mas não havia nenhum chocolate nas máquinas. Pensei então em dar uma volta. Ao deixar a estação, logo cheguei numa loja – uma casa de chá e doceira – que estava aberta, embora já estivesse no meio da noite. Nos fundos dessa loja tinha um grande jardim de inverno, e eu me sentei numa mesa redonda com tampo de mármore. Percebi, para minha surpresa, uma dúzia ou mais de papagaios verdes pousados nos galhos de algumas árvores que estavam plantadas em tonéis. Os papagaios me olhavam curiosamente com seus olhos rodeados da cor laranja, mas não fizeram nenhum som. Numa mesa próxima, três ou quatro crianças estavam enroladas juntas dormindo profundamente. Não demorou muito e uma mulher gorda de meia-idade veio me atender. Ela não tinha chocolate, mas tinha um nougat muito gostoso – se eu não me importasse de esperar um pouco, pois ela não tinha certeza de onde estava. Eu assenti e ela foi embora. Ocorreu-me então, que eu já havia saído de casa há algum tempo e que se minha esposa acordasse, iria pensar que alguma coisa me acontecera. Por estranho que pareça, eu não havia pensado nisso antes.

Apressadamente deixei a loja e comecei a voltar para casa. E então, de repente, a razão ridícula do meu comportamento – saindo no meio da noite por causa do chocolate – veio à minha mente. Como é que eu fui me comportar com tanta idiotice? E aquela loja estranha com todos aqueles papagaios silenciosos e acordados e as crianças dormindo – Mas, é claro! Não precisava me preocupar com minha esposa. Eu estava sonhando; e agora sabia, eu estava livre para experimentar. Decidi então, que tentaria alcançar minha Mestra Azelda. Fiz um grande esforço mental e imediatamente comecei a deslizar rapidamente – mas *para trás*. Em disparada, através de edifícios e campos numa velocidade crescente, e enquanto eu viajava nessa maneira estranha estava me concentrando sobre a Mestra. Não me pareceu, no entanto, que eu tivesse deslizado por muito tempo, e nada de interessante acontecera, quando meu corpo me chamou de volta e acordei, muito desapontado.

Numa firme concentração fui bem sucedido em voltar ao estado de transe e me projetei para fora do corpo por um esforço mental. Uma vez mais eu estava disparando através da noite, mas desta vez meu movimento era para diante. E então, infelizmente, minha esposa moveu-se e me tocou. Isso quebrou o transe, e eu não consegui voltar novamente.

NOTA: O movimento para trás é muito interessante; pois é o único exemplo que tenho no momento, de viajar dessa maneira no início de uma flutuação, embora o *retorno* para o corpo muitas vezes ocorra dessa maneira. De fato, isso sugere fortemente que, embora a cena de minha aventura parecesse ser bem próxima de minha casa, era na verdade uma experiência astral e que meu corpo estava me puxando de volta desde o momento em que tentei alcançar minha Mestra. Assim, quando eu pensei que estava iniciando uma nova jornada, estava na verdade sendo puxado de volta. Meu sonho de despertar era, penso eu, o Falso Despertar que denota a Condição de Transe. A descoincidência foi feita quando me levantei para me vestir, mas eu não estava consciente do meu estado fora-do-corpo. Provavelmente eu tenha de fato visitado a estação do Parque Raynes; pois a Rua Worple e a estação pareciam bem normais. Mais tarde uma mudança de vibração parece ter acontecido, e quando entrei naquela fantástica loja, que não tinha nenhuma contraparte física que eu saiba, a experiência tornou-se definitivamente de natureza astral.

Sonhei que acordara em plena luz do dia, sai da cama e caminhei pelo corredor até nossa sala de visitas. Olhei para fora na Worple Road. Todos os detalhes da rua e da sala estavam muito reais e vívidos, especialmente o novo papel de parede azul e os quadros e as louças. Notei então uma discrepância: um gabinete de laca oriental estava encostado perto da mesinha que sustentava nossos jardins chineses em miniatura. Nós não temos nenhum gabinete, e isso me certificou de que estava sonhando. Caminhei então de volta ao dormitório e vi minha esposa deitada na cama e parecendo acordada. Eu lhe contei que nós estávamos sonhando e beijei-a. Isso terminou com o sonho e eu acordei. Era de fato dia claro, mas minha esposa estava dormindo.

NOTA: Outro exemplo do Falso Despertar. A descoincidência provavelmente aconteceu quando eu sonhei que sai da cama. Mesmo quando eu sabia que estava sonhando, não estava totalmente consciente da minha condição fora-do-corpo, pois não me ocorreu experimentar mais e deixar a casa. Beijar minha esposa foi um erro; pois a emoção provocada interrompeu meu controle mental e quebrou o transe.

Novembro 17, 1931.
Wimbledon

Worple Road, West

De alguma maneira, da qual não consigo me recordar, tive a certeza de que estava sonhando e então experimentei prolongar o sonho. Era dia claro, e eu me surpreendi caminhando através de uma rua estreita com lojas dos dois lados. Logo em seguida cheguei até uns campos, que atravessei. Estes levavam até um morro, pelo qual subi e depois descí. Vi, então que estava nos subúrbios de uma cidade que o morro escondia. As lojas estavam abertas e as pessoas estavam por lá. Percebi o cavalo e a carroça de um leiteiro. No momento em que passava por um açougue, meu corpo me puxou de volta e o experimento terminou. Infelizmente eu não anotei os nomes acima das lojas, mas a indumentária das pessoas parecia ser bem comum.

NOTA: Eu estava totalmente consciente de que meu corpo físico estava dormindo em Worple Road, e a experiência tinha o encanto peculiar e a vivacidade que já descrevi tantas vezes; mas na viagem de retorno, que pareceu praticamente instantânea, minhas lembranças tinham ficado borradas. Como ainda estava escuro quando acordei, esta experiência deve ter sido ou puramente astral ou em algum lugar terreno, adiante de nós no tempo.

Novembro 27, 1932.
S.W.20

Rothesay Avenue, Merton Park,

Durante a noite experimentei o Falso Despertar e pensei que estivesse conversando com minha esposa. Embora estivesse num estado de transe com sintomas muito dolorosos – uma grande pressão na cabeça e o que parecia rigidez muscular – eu não me dei conta da minha condição verdadeira. Mesmo quando duas mulheres, uma morena e a outra loira, entraram no nosso quarto e começaram a conversar conosco, ainda assim não me dei conta de que elas eram ilusões do ponto de vista físico, mas fiquei surpreso com a inesperada invasão delas. Nesse ponto experimentei uma transição repentina para um salão de baile profusamente iluminado onde muitas pessoas estavam dançando. Eu sabia que momentos antes eu estivera no meu quarto na Avenida Rothesay e isto, junto com a lembrança das dores e das duas mulheres, me certificava de que eu estava realmente funcionando fora do meu corpo

físico. Fui varrido para fora do salão de baile por alguma corrente e levado embora para outras aventuras, mas a lembrança dessas ficou perdida na viagem de retorno.

Maio 17, 1936.
S.W.20

Rothsay Avenue, Merton Park,

Depois de tomar uma xícara de chá bem cedo, cochilei novamente e pouco depois me dei conta de que estava da Condição de Transe. Fui bem sucedido em sair do corpo pela minha própria vontade. Fui levado embora em alta velocidade e parei no chão em alguma estrada no campo. Caminhei por talvez uns duzentos metros e cheguei até um cavalo comendo grama ao lado da estrada. Passei a mão sobre ele e pude distintamente sentir seu pelo quente, um pouco áspero, mas ele não parecia estar ciente da minha presença. Isso, todavia, foi um erro; pois distrai minha atenção do experimento, e meu corpo me puxou de volta. A duração desta experiência foi, portanto, bem curta.

Março 1, 1938.
S.W.20

Rothsay Avenue, Merton Park

Sonhei que estava caminhando numa rua estranha, era noite. Algum incidente ou observação, de que não consigo me lembrar, deu-me a certeza de que eu estava sonhando. Decidi experimentar. As condições eram especialmente favoráveis para levitação. Elevei-me com facilidade até uma altura de várias centenas de metros (uma altura excepcional para alcançar, pois eu não estava SKRYING) e então flutuei horizontalmente com velocidade crescente. Passei da noite para o dia, testemunhando um nascer do sol glorioso. O movimento horizontal gradualmente diminuiu e eu me encontrei flutuando bem alto sobre uma cidade. Passei por uma estação ferroviária com um nome mais ou menos de Ipswich, mas obviamente não poderia ter sido a nossa Ipswich. Decidi descender e explorar. Desci suavemente num pequeno jardim público ou parque e vi um canteiro de lobélias azuis. Parecia ser verão nesse lugar e também de manhã cedo, pois poucas pessoas estavam por ali e não tomaram conhecimento de mim. Caminhei por uma rua de edifícios curiosos; as lojas ainda não tinham sido abertas.

Pouco depois cheguei a um lago em frente a uma casa antiga e pitoresca. Percebi uma mulher olhando pela janela e alguns patos nadando no lago. A água tinha subido e inundou uma alameda orlada de árvores. Caminhei uma curta distância por essa alameda, mas não sentia a água embora esta estivesse quase até meus joelhos, e então meu corpo me puxou de volta. O retorno foi quase instantâneo. Esta foi uma experiência muito agradável: muito encantadora. Eu estava perfeitamente consciente o tempo todo de minha identidade, de que meu corpo estava na cama na Avenida Rothsay, etc. A duração aproximada deve ter sido de mais ou menos vinte minutos.

CAPÍTULO IX

As Duas Maneiras de Abordagem: Algumas Dicas Práticas

Eu agora cheguei num ponto da minha narrativa onde uma recapitulação dos sintomas e dos fenômenos tratando dos meus dois métodos de alcançar a descoincidência poderão ser tentados. Receio que certa quantidade de repetição, que possa, talvez, ser um pouco tediosa para o leitor em geral, seja inevitável; mas este capítulo é intencionado principalmente para o estudante que pretende experimentar por si mesmo, e eu espero que possa ser útil para ele. É essencialmente um assunto sutil, e é difícil expressar pela palavra escrita a *realidade* do resultado obtido. De fato, descobri para minha surpresa que algumas pessoas, muito inteligentes em muitas maneiras, parecem fundamentalmente incapazes de entender as idéias que eu tenho procurado passar. Para elas, só existem dois estados de consciência: desperto ou dormindo. Um sonho é só um sonho e não pode ser qualquer outra coisa – e é isso aí! Maior progresso torna-se impossível com esta atitude. E esta é a minha justificativa pela elaboração que faço sobre certos pontos de minhas anotações de alguns dos registros que tenho dado e neste somatório dos fenômenos.

Seria bom considerar agora quais os riscos, se é que existem, que estão envolvidos ao fazer tais experimentos. Aqui não me sinto pisando em terra firme; pois embora eu *saiba* que alguns dos sintomas feitos pelo método da Porta da Pineal sejam dolorosos e extremamente desagradáveis, não tenho nenhuma evidência de que eles sejam realmente tão perigosos como são sentidos ou prejudiciais para a saúde do experimentador. Penso, no entanto, que pelo menos alguma coisa pode ser dita com certeza: ninguém com um coração fraco deveria tentar uma convivência prática com os fenômenos da descoincidência; e pessoas muito excitáveis e nervosas fariam melhor se deixassem esse assunto de lado. Estamos lidando com o que é essencialmente um exercício ou processo *mental*, e é fácil de entender que uma mente desequilibrada, carecendo de autocontrole, poderia tornar-se temporariamente ou até permanentemente transtornada.

Os perigos possíveis, incluindo aqueles de descrição oculta, podem ser enumerados como seguem:

- (1) Parada cardíaca, ou insanidade, proveniente do choque.
- (2) Sepultamento prematuro. (Veja Capítulo III.)
- (3) Transtorno temporário causado pela descoincidência do corpo etérico com o corpo físico, depois do experimento. Isso poderia tornar o experimentador temporariamente incapaz de distinguir entre a vida desperta e a vida nos sonhos. Embora realmente acordado, ele se comportaria como se age nos sonhos e, portanto, mentalmente transtornado – como de fato ele estaria por um tempo. No caso de uma pessoa com um veículo etérico “solto” fora do comum, o efeito poderia ser produzido por uma expulsão puramente involuntária do duplo etérico durante o sono ou na condição de sonolência que o precede.
- (4) Hemorragia cerebral. Já me disseram que uma concentração intensa demais pode levar à ruptura de um vaso sanguíneo no cérebro.
- (5) Rompimento do Cordão, que significa “morte”.
- (6) Efeitos de repercussão sobre o veículo físico causados por ferimentos ao astral. Tais resultados são extremamente raros e são semelhantes aos fenômenos de stigmata e da produção de marcas de nascença por ansiedades e sustos.
- (7) Obsessão. Acho que não devemos descartar esta possibilidade com muita pressa, especialmente no caso de uma pessoa com tendências mediúnicas comprovadas. Embora eu não tenha nenhuma experiência disso, não me surpreenderia nada se esse perigo fosse mesmo muito verdadeiro.

Parece uma lista formidável, e eu achei conveniente dá-la; mas eu não dissuadiria qualquer investigador sério com paixão pela verdade. Ele será protegido, eu creio, pelas inteligências ocultas que guiam nossos esforços atabalhoados pela busca divina, e o curioso meramente leviano logo será afastado com medo pelas experiências iniciais estranhas. Certamente esses experimentos não são mais perigosos do que dirigir carro; mas devo confessar que eu não compreendo de verdade o que estive fazendo. É fácil dizer, “A Alma deixa o corpo e retorna para ele”; mas este enigma sobre projeção – do que realmente acontece – é na verdade um assunto muito profundo e cercado por muitos problemas sutis.

Espero que esteja claro a esta altura, que existem duas vias abertas para o aspirante a projetor: o Caminho dos Sonhos e o Caminho do Transe Auto Induzido, isto é, ou um sonho ou vida desperta pode ser o seu ponto de partida. Há pouca escolha com relação à dificuldade entre os dois métodos de abordagem; mas o primeiro é sem dúvida mais prazeroso e poderá ser também menos perigoso.

Eu recomendaria aos “sonhadores de sonhos estranhos”, que são capazes de lembrar de suas perambulações noturnas, para tentar este método em primeiro lugar.

Algumas pessoas gostariam que nós acreditássemos que elas nunca sonharam – exceto pelo pesadelo depois de um jantar imprudente – mas é difícil dar crédito a essa declaração. Eles não *lembram* de seus sonhos, provavelmente porque o assunto não tem qualquer interesse para eles. Suspeito, também, que muitas vezes um medo reprimido do Desconhecido esteja na raiz de sua incapacidade para lembrar – outro caso de realização do desejo inconsciente. Mas a verdade seja dita: quanto maior o interesse que tivermos sobre nossos sonhos, mais facilmente nos lembraremos deles.

Um conselho perfeito é de anotar o sonho imediatamente ao acordar; mas para pessoas que precisam se levantar cedo e ir para o trabalho, este método possui a séria desvantagem de interromper gravemente o descanso da noite. Todavia, é sempre bom ter lápis e papel ao lado da cama, prontos para anotar qualquer coisa de realmente excepcional interesse antes de voltar a dormir; pois é o único método *certo* de preservar a experiência. Um plano muito bom é fazer um resumo mental do sonho, anotando os pontos principais ou etapas com talvez uma única palavra, e depois memorizar essa cadeia de palavras antes de voltar a dormir. Com a prática, o processo não leva muito tempo e não é nem um pouco perturbador como sentar-se e acender a luz, etc.

Algumas vezes podemos ser infelizes e incapazes de lembrar nossas “pistas”, mas geralmente nós relembremos os pontos salientes que eles representavam, mesmo que muitos dos detalhes associados sejam perdidos. Pessoas que encontram dificuldade em lembrar seus sonhos devem anotar cada fragmento que possam recordar – não importa quão ínfimo ou absurdo – pois o ato de anotar sonhos certamente estimula a capacidade para relembrá-los. Também, os acontecimentos poderão provar que o que poderia parecer para o iniciado sem qualquer importância, poderá, na verdade, ter grande significado. O fato de que os lados longos das pedras da calçada estavam paralelas ao meio-fio faria pouca diferença para um quadro de cena de rua, porém observando isso num sonho foi repleto de conseqüências surpreendentes para mim.

Tendo adquirido alguma facilidade em lembrar sonhos – com o resultado de que os sonhos parecem aparecer com freqüência maior – o próximo passo é despertar a faculdade crítica (normalmente dormente nos sonhos) e em anotar algum acontecimento incongruente, ou anacronismo, ou detalhe inconsistente, para obter o conhecimento (no sonho) de que a pessoa está sonhando. Graus de consciência e os fenômenos tratando do Sonho de Conhecimento – o senso requintado de liberdade, bem-estar, clareza mental, poderes aumentados, flutuação, levitação, etc. – foram descritos no Capítulo III e em alguns dos meus registros.

O estudante descobrirá que a tensão mental de prolongar o sonho induz estas sensações curiosas: seus pés se sentem mais e mais pesados, ele se movimenta como se lutando contra o puxão cada vez mais forte de uma corda de elástico poderosa que parece estar anexada entre as escápulas, e finalmente ele desenvolve uma dor, leve no início, mas rapidamente tornando-se mais aguda, no topo da cabeça e no centro da testa.

Ao sentir o aviso dessa dor, ele deve terminar o experimento ao cessar sua resistência, e disposto a despertar. Terá, então, a sensação de estar sendo puxado para trás a uma velocidade incrível por este cordão de elástico que parece prendê-lo ao seu corpo físico. Ele deve então ser capaz de quebrar o transe com facilidade e não sentir quaisquer sintomas desagradáveis.

Creio que em alguns casos, ignorar esse aviso de dor poderia ser muito perigoso. Se, no entanto, o temerário experimentador decidir continuar prolongando o sonho desafiando a dor, o que eu definitivamente não recomendo, ele provavelmente experimentará uma fase de dupla consciência, de perder a dor, ouvir um “clic” em seu cérebro, e encontrará muita dificuldade para terminar o sonho e despertar.

Ao retornar ao seu corpo físico ele o encontrará num estado cataléptico, e agora eu penso que a melhor coisa que poderia fazer seria simplesmente voltar a dormir, ao invés de ficar lutando para quebrar o transe. Seu corpo com toda a certeza estará normal quando ele acordar. Este conselho deve ficar guardado na mente; pois eu já ouvi sobre vários casos onde uma pessoa despertou nessa condição e ficou muito angustiada, nada sabendo sobre projeção e com medo de ter ficado paralisada.

Quando o estudante já tiver obtido sucesso em alcançar alguns Sonhos de Conhecimento, provavelmente não demorará muito para que ele conheça o Falso Despertar. Ele acreditará que está acordado – embora sentindo-se estranhamente sem nenhuma vontade de se movimentar – até que um curioso senso de tensão atmosférica, os sons peculiares (veja Capítulo V), mãos invisíveis tocando-o, ou talvez até uma aparição, tudo combinado para certifi-cá-lo de que ele *não* está acordado, mas em Estado de Transe. Se ele não gostar dessa experiência, poderá facilmente interrompê-la ao se movimentar e quebrar o transe, que é geralmente bem leve no Falso Despertar; mas quando ele já tiver se acostumado com esse estado, o momento estará certo para ensaiar uma projeção consciente.

Deixe-o tentar primeiro sentar-se *fora do seu corpo*: isto é, ele não tentará mover seu corpo físico por um esforço muscular, mas fazer uma tentativa puramente mental. A não ser que aconteça de ser um daqueles casos onde ele passou pela Porta da Pineal enquanto estava inconsciente, ele certamente falhará e nada irá acontecer. Deixe-o agora concentrar toda a sua vontade na idéia de pular ou arremessar-se para fora do seu corpo, e com todas as probabilidades, será bem sucedido em fazer a sua primeira projeção instantânea. Ele descobrir-se-á passando como um raio através das paredes da casa; e depois disso qualquer coisa poderá parecer acontecer, até que algo ocorra para quebrar o transe. Não haverá nenhuma dificuldade quanto ao seu retorno, pois ele retornará ao seu corpo tão rápido como quando partiu, e sua condição voltará ao normal quase que imediatamente.

É claro, quando o estudante já aprendeu a reconhecer a Condição de Transe, ele sempre poderá tentar uma projeção da Porta da Pineal, uma vez que tenha se convencido pela falha do teste suave do “sentar-se” de que a “Porta” ainda não foi ultrapassada.

Eu tenho dito que o Caminho dos Sonhos é uma via mais prazerosa e provavelmente menos perigosa, mas ela tem duas desvantagens: (1) as oportunidades para experimentar são limitadas às comparativamente raras ocasiões quando a pessoa é capaz de alcançar o Sonho de Conhecimento, ou acaba encontrando-se numa Condição de Transe com o trabalho preliminar já feito; (2) via de regra – embora de nenhum modo invariavelmente – a experiência é um pouco inferior em qualidade,

apenas um tom menos vívido, e a pessoa tem muito pouco controle sobre os seus movimentos, estando quase que completamente à mercê daquelas misteriosas correntes astrais. No entanto, como espero que meus registros tenham demonstrado, o método Instantâneo não deve de jeito nenhum ser desprezado. De qualquer modo é uma experiência extraordinária, que merece todos os esforços preliminares, e poderá levar a resultados muito surpreendentes.

Vamos então considerar o Caminho do Transe Auto Induzido, onde nosso ponto de partida não é de um sonho, mas da vida desperta. Eu temo que esta seja a única maneira para pessoas que não fazem nenhum progresso em lembrar de seus sonhos. Resumindo, o problema diante do experimentador é este: mandar o *corpo* dormir, enquanto que a mente é mantida *desperta*. Momentos favoráveis para experimentar são após uma refeição substancial ou quando acordamos pela manhã sentindo-nos muito relutantes para sair da cama; pois o corpo está então naturalmente disposto a entrar no estado de transe. Falando por mim, não importa se eu deito de costas ou de lado; e alguns dos meus melhores resultados foram conseguidos nesta última posição, a despeito do fato de um projetor ter declarado que a descoincidência somente pode ocorrer quando se está deitado de costas.

Tendo escolhido essa posição, o estudante deve se concentrar num alçapão dentro do seu cérebro. Sua respiração deve ser profunda e rítmica, seus olhos fechados, mas virados para cima e levemente vesgos. Dentro em pouco ele sentirá uma dormência, começando a partir dos seus pés e viajando pelas suas pernas até eventualmente espalhar-se por todo o corpo. Essa dormência se aprofunda em uma sensação de rigidez muscular, que pode se tornar bem dolorida, especialmente nos músculos da mandíbula, e há uma sensação de grande pressão na cabeça. Nesse estágio, ele sentirá um efeito de ser capaz de ver através das pálpebras fechadas, e o quarto parecerá estar iluminado por uma pálida radiação dourada. Poderão ocorrer clarões de luzes, aparições, e (é quase certo) ruídos aterrorizantes. Poderá também ter a ilusão de que alguém está tentando acordá-lo ou dissuadi-lo de fazer a aventura. Ele deve dizer a si mesmo que tais aparições estão sujeitas à sua vontade e impotentes para lhe fazer mal; e deve descartar qualquer influência de interrupção – mesmo que pareça vir de sua esposa! – pois eu creio que é praticamente uma certeza que se houvesse qualquer pessoa realmente lá e tentando acordá-lo, o transe seria quebrado no ato.

E agora o estudante estará experimentando a muito peculiar sensação de ter *dois* corpos: o dolorido corpo físico e, preso dentro dele, um corpo fluídico. Ele está pronto para o próximo passo, que é, por um supremo esforço de vontade, forçar o seu veículo sutil a passar através do alçapão imaginário em seu cérebro. Isso parecerá como se o seu ser incorpóreo, que era coincidente com sua prisão física, agora dispara para cima em seu corpo e torna-se condensado naquele ponto da pineal dentro do seu cérebro e bate contra a porta, enquanto a luz pálida dourada vai aumentando até uma chama de glória e um verdadeiro inferno de sons estranhos ataca seus ouvidos. Se a tentativa falhar, as sensações são revertidas. O ser incorpóreo acalma-se e torna-se novamente coincidente com o corpo físico, enquanto a luz diminui e os sons diminuem de intensidade.

Se a tentativa for bem sucedida, ele terá a extraordinária sensação de passar através da porta em seu cérebro e de ouvi-la fazer “clic” atrás dele; mas parecerá *não* estar fora do corpo ainda. E terá a sensação de que o seu ser fluídico mais uma vez mergulhou para dentro do seu corpo físico; mas os sons apavorantes e as aparições não mais existem, e o quarto estará inteiramente iluminado por uma pálida e dourada radiação. Há uma abençoada sensação de calma depois da tempestade, e o medo dá lugar à exaltação triunfante; pois a fase do terror, com suas sugestões de morte próxima ou loucura, acabou. Ele passou através da Porta da Pineal. Se a primeira

tentativa falhar, será bom fortalecer o transe pela continuação da concentração durante algum tempo antes de fazer a próxima.

Fora, o estudante ainda se sentirá como se estivesse dentro do seu corpo físico; mas agora ele poderá sair da cama vagorosamente e caminhar, *deixando seu corpo em transe atrás dele na cama*. Ele poderá ser capaz de vê-lo, segundo a evidência de outros projetores, mas eu não conseguia ver o meu. A experiência é tão extremamente real que ele poderá imaginar-se caminhando durante o sono – caso não possa ver seu corpo sobre a cama. Suas dúvidas rapidamente serão respondidas quando descobrir-se passando através da parede. E terá sem dúvida a dupla consciência que já descrevi tantas vezes enquanto próximo do seu corpo, mas essa sensação será completamente perdida ao sair do quarto ou da casa. Caso ele se sinta nervoso durante sua primeira investida, talvez seja melhor não sair do quarto, mas sentar-se numa cadeira – que o agüentará muito bem contanto que ele acredite que sim – e apenas pensar sobre tudo isto. Ele poderá abrir a porta – ou apenas caminhar através dela sem tentar abri-la. Poderá passar através da parede; mas se duvidar de sua capacidade de fazer isso, provavelmente descobrirá que ela o trava, assim como faria na vida desperta.

Uma vez fora de casa – e especialmente se ele não tiver nenhuma idéia de ação planejada anteriormente – as chances são de que será agarrado por alguma força invisível e levado embora, disparando através de casas, árvores, etc., até finalmente parar num lugar totalmente inesperado. Algumas vezes a velocidade parece ser tão tremenda que a pessoa sente o efeito de estatelar-se através de um buraco para dentro de uma nova esfera. Não há nada para se amedrontar e também *nenhum aviso de dor*. Acredito que seja bem seguro ficar fora pelo maior tempo possível; pois mais cedo ou mais tarde a experiência terminará por alguma força fora do seu controle. Eu já vi o corpo no qual eu viajo (etérico, astral ou talvez mental) parecendo vestido de várias maneiras, mas nunca desnudo – exceto na última fase da aventura de Teseu, e mesmo então, eu somente *senti* que estava nu, pois estava quase cego. Ocasionalmente eu não fui capaz de ver qualquer corpo astral quando procurei por ele – nem pernas, nem braços, nem corpo! – uma sensação extraordinária – apenas uma *consciência*, um homem invisível até para si mesmo, passando por ruas agitadas ou disparando através do espaço.

Existe uma coisa que com certeza vai incomodar o estudante mais cedo ou mais tarde nas suas excursões fora-do-corpo: ele vai perder sua noção de tempo quase que completamente. E estará bem consciente de sua identidade e terá uma lembrança perfeita dos eventos do dia até o momento de fazer seu experimento; ele saberá muito bem que o seu corpo físico está em casa na cama; mas *não* saberá por quanto tempo esteve fora, quanto tempo o experimento realmente durou. Se o ambiente parece ser de natureza puramente astral, não há como dizer; mas se o cenário de sua aventura parece estar na terra, e não há nenhuma mudança confusa da noite para o dia ou vice-versa, a aparência do céu e a posição da Lua, estrelas ou Sol formarão um guia bastante confiável quanto à duração do transe.

Quanto aos seus poderes de locomoção, ele poderá caminhar, deslizar, levitar e depois deslizar a grande altura, ou tentar sua sorte com o SKRYING – o qual, eu repito, é perigoso. Em resumo, ele pode comportar-se como um homem comum, se lhe aprouver, ou como um super-homem tanto quanto as correntes astrais o permitirem. Se o experimento for interrompido involuntariamente, ele simplesmente voltará para casa num piscar de olhos e entrará dentro do seu corpo quase que instantaneamente. Geralmente o transe será quebrado em seguida; mas às vezes pode haver um toque de catalepsia, e talvez a ilusão de alguém angustiado, tentando reanimá-lo. Se o retorno for voluntário – conseguido caminhando para casa ou voltando pela própria vontade – a aproximação com o corpo deve ser bem suave. Ele pode caminhar até a cama e se deitar, e sentir-se-á mergulhando para dentro do seu corpo, tornando-se uno com ele – uma sensação estranha. O transe provavelmente não será quebrado quando

o retorno for suave. Ele poderá ou fortalecê-lo com mais concentração, e daí sair novamente do corpo para novas aventuras, ou poderá quebrar o transe pela vontade de despertar. Uma vez que a Porta da Pineal for ultrapassada, não será necessário passar através dela outra vez – e eu creio que seria impossível fazê-lo – enquanto o transe for mantido intacto.

Eu recomendo veementemente ao estudante entusiasmado para não correr nenhum risco com suas lembranças, mas acender a luz e escrever seu registro logo em seguida; pois se esperar até a manhã, muitos detalhes terão sumido ou se tornado difusos ou borrados – qualquer que seja o processo – especialmente se ele tiver mais alguns sonhos antes de se levantar. Como eu disse antes, por alguma razão além do meu conhecimento essas lembranças das experiências desencarnadas são peculiarmente evanescentes, mais fugazes mesmo do que os sonhos comuns. Ele sentirá que é bem seguro deixar o registro até a manhã seguinte, mas não é. E correndo o risco de parecer cansativo vou repetir mais uma vez: o lema do projetor deve ser, “Eu posso olhar, mas não posso me interessar – muito menos tocar!” O fato de que realmente é muito engraçado eu estar aconselhando as pessoas a não protelarem ou serem muito – digamos – perguntadoras, não altera a sabedoria das minhas palavras.

Acredito que a arte da projeção *consciente* seja puramente mental. Desde o começo até o fim a Vontade deve ser o mestre, e quando ela perde o seu controle, o experimento acaba chegando a uma conclusão aparentemente prematura. Talvez isso não seja tão evidente na minha aventura “Trancado para fora”, quando por algum tempo eu não fui capaz de terminar a experiência fora-do-corpo, mas mesmo então foi através do exercício da vontade que eu consegui finalmente retornar. Mas que fique bem entendido que eu não reivindico possuir um poder de vontade excepcional. Suponho que tenho sido muito preguiçoso e pacato. Ocasionalmente nas minhas jornadas astrais consigo chegar onde quero; mas via de regra eu não consigo – as correntes são muito fortes para mim – portanto, no conjunto, meus registros são os de uma leitura pobre.

O leitor sem qualquer experiência prática de projeção, mesmo que ele seja tão bondoso a ponto de não duvidar da minha veracidade, talvez se sinta inclinado à visão que os meus métodos levam somente a um novo estado de consciência, que a projeção somente *parece ser*, e que a questão: se um homem possui ou não uma alma ou espírito, capaz de funcionar separado do seu corpo, permanece sem resposta. Nem tenho a menor objeção a que ele adote essa atitude. Mas permita que ele siga meus métodos e que alcance duas ou três projeções bem sucedidas da Porta da Pineal, ou mesmo algumas do tipo Instantâneo, e eu creio que ele ficará convencido de que tem uma alma e que ela sai do corpo durante esses experimentos. Embora eu tenha declarado a visão alternativa uma ou duas vezes neste livro, eu não estou sentado em cima do muro. Eu definitivamente desço quando se trata de projeção; mas é justo acrescentar que minha crença foi grandemente fortalecida pela experiência de “Elsie” e minhas pesquisas em outras direções do ocultismo.

Sim, eu tenho uma alma. Eu saí do corpo muitas vezes, estando totalmente consciente da minha dualidade. Ainda posso fazê-lo pelo método Instantâneo quando as condições o permitem; mas, por favor, não me peça para fazer um teste de demonstração! Eu poderia até talvez ter feito isso antes de perder meu poder, mas agora não posso. Voltarei a este assunto mais adiante.

CAPÍTULO X

Alguns Problemas e Comparações.

Pseudo Projeções (?)

É certo que um novo estado de consciência resulta dos métodos que eu tenho empregado, e eu já disse que acredito que minha alma realmente sai do meu corpo, mas também confessei que não compreendo a verdadeira natureza do meu *modus operandi*. Eu fiz experimentos e (algumas vezes) anotei os resultados, mas sinto que um cérebro muito melhor do que o meu seria necessário para confrontar os extremamente obscuros problemas envolvidos e formular uma explicação satisfatória do processo implícito mental ou espiritual. Eu tento escrever claramente; no entanto, quando fico longe dos meus registros e tento elaborar sobre eles, me convenço que o trabalho é grande demais para mim. Espero ter feito algum trabalho básico (ou trabalho de pedreiro) e ajudado a construir as fundações, mas a construção da casa eu deixo para os outros. Portanto se este capítulo induzir no leitor um sentimento enevoado, saiba que ele é totalmente compartilhado pelo autor.

Os vários exemplos que dei no decorrer desta narrativa mostram que a separação poderá ser obtida ou pelo método Instantâneo ou pelo método da Porta da Pineal, e nós agora poderemos tentar uma classificação adicional:-

(1) Projeção feita do Sonho de Conhecimento. Algumas vezes isso aparenta ser de natureza similar a uma verdadeira projeção da Porta da Pineal, mas a consciência não tem lembrança de ter passado através da “Porta”.

(2) A projeção feita após o Falso Despertar tem levado o experimentador a se dar conta de que ele está na Condição de Transe. Isso pode ser ou uma projeção Instantânea, ou uma descoincidência suave – aparentemente a Porta da Pineal tendo sido ultrapassada enquanto o experimentador estava inconsciente.

(3) O experimentador tem a sorte de encontrar-se na Condição de Transe de pronto, e não tem nenhuma lembrança de qualquer Sonho de Conhecimento preliminar ou de um Falso Despertar. A separação poderá ser ou Instantânea, ou suave (veja acima), ou (se a “Porta” ainda não tiver sido ultrapassada) uma verdadeira projeção da Porta da Pineal pode ser tentada.

(4) Projeção Instantânea feita quando num estado de transe auto-induzido; sem nenhum sonho preliminar, e nenhuma quebra na consciência.

(5) Como no (4), mas uma projeção da Porta da Pineal. Esta é a mais difícil de ser conseguida.

E agora para anotar só alguns, mas de nenhum modo todos, dos problemas que me vêm à mente.

PROBLEMA I. Pode uma projeção *consciente* ser feita a partir da vida desperta sem a Condição de Transe?

Eu coloquei “consciente” em itálico porque pareceria que de vários casos citados pelo Sr. Shirley e outras autoridades, que projeções inconscientes têm sido feitas sem nenhum grau de transe sendo manifestado na pessoa, cujo duplo foi visto. Poderia ser, no entanto, que nesses casos uma explicação telepática fosse a mais provável. Nos dias iniciais da minha pesquisa eu teria dito que a resposta para o Problema I era definitivamente “Não”; mas agora eu temo ser dogmático, pelo seguinte motivo:

O meu grande amigo, Sr. G. Murray Nash (Paul Black), estava caminhando para casa na volta do escritório durante o dia, pela rua movimentada. Repentinamente todas as casas e as pessoas sumiram. Ele estava em pé num lindo campo aberto. Ele caminhou por alguns metros e chegou até um lance de velhos degraus de pedra, descendo até a margem de um riacho. Um barco de desenho lindo, mas muito antigo, estava ancorado lá. Sobre a popa, uma rica túnica de cor púrpura tinha sido jogada descuidadamente. Não havia ninguém à vista em nenhum lugar. O Sr. Nash estava prestes a descer os degraus, quando a visão desapareceu e ele viu-se caminhando pela rua familiar, e aparentemente, não tinha parado de andar. Esta experiência pareceu-lhe durar por uns dois ou três minutos; mas a julgar pela posição em que

estava quando voltou à consciência normal, ele não havia dado mais do que meia dúzia de passos pela rua.

Tal excursão, claro, é extremamente rara e é muito provavelmente de natureza diferente das projeções que eu tenho feito. É mais como uma projeção dentro do Passado e lembra a famosa aventura de Versalhes. E isso me lembra: Já me disseram que era possível viajar daqui até, digamos, a China, sem que a projeção astral, como é entendida neste livro, seja envolvida. Existe um outro método que poderia ser coloquialmente descrito como “caindo por um buraco dentro de si mesmo, para dentro da Quarta Dimensão”. Não é necessário dizer que eu não entendo como isso é feito, nem tive nenhum sucesso ao tentar fazê-lo; mas tem relação com aqueles estranhos casos de pessoas “levadas pelas fadas”.

PROBLEMA 2. O Sonho de Conhecimento induz à Condição de Transe? Ou será que o despertar da faculdade crítica normalmente adormecida num sonho é possível *somente* quando, por alguma razão desconhecida, o corpo físico adormecido entrou em estado de transe de modo anormal?

Se a alternativa anterior for verdadeira, o Sonho de Conhecimento é o verdadeiro ponto de partida do experimento da projeção; mas se o último for verdadeiro, então o Sonho de Conhecimento é apenas um dispositivo que permite que nos tornemos conscientes de que o corpo físico está nesse estado incomum de transe profundo.

Deve-se lembrar do exemplo que dei da senhora do sonho com quatro olhos, que graus de consciência são encontrados nos sonhos, de maneira que uma pessoa poderá hesitar mesmo na iminência de alcançar o Sonho de Conhecimento, e depois falhar. Na maneira usual nenhuma atenção é dada ao corpo físico num sonho, porque o sonhador não está ciente de que o corpo no qual ele parece estar funcionando não é o seu corpo terreno; e parece que esse despertar da faculdade crítica no sonho era necessário para chamar nossa atenção para o corpo físico e assim nos certificarmos de nossa aparente dualidade, para nos darmos conta de que estamos “fora”. Os cientistas do tipo mente aberta, hesitam agora em afirmar que a memória (a lembrança) é meramente uma função do cérebro físico, e eu acho que é bem certo de que o lugar verdadeiro da faculdade crítica – aliada como está com o princípio em nós que assevera “Eu sou Eu. Eu existo” – também não será encontrado dentro da matéria do cérebro. A compreensão da dualidade causa à Alma (de maneira bem rude) a se retirar para uma extensão incomum do corpo adormecido, e então a condição de sono normal deste último aprofunda-se para o transe.

Nós já vimos também que mesmo nas aventuras fora-do-corpo graus de consciência ainda estão manifestados; e quanto mais perfeita a compreensão da nossa dualidade, mais profundo é o transe. Podemos ainda dispensar o Sonho de Conhecimento e ainda assim conseguir a descoincidência, mas como fazemos isso? Começando com a faculdade crítica *desperta* e concentrando sobre a idéia de *dualidade*, e o resultado é que o corpo entra em transe. Portanto, eu creio que o Sonho de Conhecimento induz à Condição de Transe.

PROBLEMA 3. O que é o Aviso da Dor?

No início a pessoa é levada a pensar que é meramente uma dor de cabeça celestial, causada pela tensão de concentrar no prolongamento do sonho, ou que ela resulta da pressão sangüínea e congestão no cérebro físico; porém ao se persistir nessa concentração, a dor cessa repentinamente. Por quê? Talvez seja útil recordar que quando a separação for feita pelo método da Porta da Pineal, o Aviso da Dor não é experimentado. Também, enquanto a dor é sentida, a dupla consciência está operante, e o projetor balança como se fosse entre a cena do sonho e do seu quarto de dormir. A consciência parece dividir-se, funcionando simultaneamente fora e dentro do corpo. As aparentes duas metades estão engajadas numa batalha, e eu sugeriria que o Aviso da Dor resulta desse conflito. O psicanalista poderia considerar esse fenômeno como uma

verdadeira, embora evanescente, manifestação de dupla personalidade: uma luta entre a Vontade Consciente e a Inconsciente, esta última sendo acusada de todos os medos reprimidos do Desconhecido.

PROBLEMA 4. O que é o “clic?”

Não posso responder esta questão. A causa talvez seja encontrada dentro do cérebro físico, ou poderia ser puramente psíquica. Considerada como um “som” é uma ilusão – semelhante aos efeitos de barulhos produzidos pela pressão sanguínea. Eu escutei isso quando lutei com o Aviso da Dor e fiquei “aprisionado” no meu sonho, e tenho freqüentemente experimentado isso no momento de passar através da Porta da Pineal, embora às vezes eu tenha falhado em notá-lo – talvez porque minha atenção estivesse focada em outros acontecimentos. Eu o ouvi também ao interromper um transe de excepcional gravidade. De maneira geral ele não é notado quando se faz uma projeção Instantânea, mas tem havido algumas exceções quando eu estava tentando um método muito difícil, que ainda não cheguei a mencionar. No estado de sonolência que precede o sono, uma imagem mental é formada em cima de uma rua bem conhecida ou um local no campo ou um quarto. A Vontade é então concentrada sobre a idéia de projetar-se para dentro desse quadro. Quando bem sucedida, a coisa acontece num raio: o “clic” é ouvido, e a pessoa está *lá*. Um momento antes, o quadro estava *na* consciência; no momento depois – após o “clic” – a consciência parece funcionar dentro do quadro que forma agora o mundo ao seu redor. A experiência é muito vívida, mas extremamente curta. Nas três ou quatro ocasiões em que tive sucesso, eu não percebi o “clic” na viagem de volta ao meu corpo, que pareceu ser praticamente instantânea. Poderia parecer, então, que esse misterioso “clic” pode ser ouvido quando a consciência muda de um estado para outro, ou quando uma mudança súbita ocorre dentro do alcance das vibrações para as quais a alma é capaz de responder; mas, além disso, eu não posso ir.

PROBLEMA 5. Por que eu experimentei uma dificuldade tão grande em terminar o sonho e retornar ao meu corpo em duas ocasiões quando lutei contra o Aviso da Dor até que ela cessasse?

Eu não sei, nem poderia arriscar uma suposição. Pareceu como um desmoronar da Vontade; porém, via de regra, assim que o controle mental é perdido, o experimento chega a um final abrupto. Foi uma reversão completa do curso normal dos eventos e mais ou menos sugere o mágico inexperiente que se torna a presa do fantasma que ele mesmo evocou. Muitas vezes me senti tentado a ficar “trancado” novamente, e resisti à dor até certo ponto; mas quando a crise parecia estar muito próxima, a prudência (ou covardia?) prevaleceu.

PROBLEMA 6. Os sintomas catalépticos são reais – isto é, físicos – ou somente imaginários?

A julgar pelas minhas próprias experiências, e considerando o fato bem conhecido de que a catalepsia é facilmente induzida sob hipnose, creio que não há dúvida de que esses sintomas são reais.

PROBLEMA 7. Qual é a verdadeira natureza do processo mental, o qual eu chamei de “passando através da Porta da Pineal?”

Do ponto de vista da Pesquisa Psíquica, posso apenas sugerir que a concentração produz uma quebra temporária na personalidade; mas com a ajuda da Teosofia posso ir um pouco mais adiante. O efeito de voltar a sua atenção para dentro, sobre a glândula pineal é para estimular os chacras e aumentar suas rotações, induzindo assim a clarividência e a clariaudiência – daí as ilusões visuais e auditivas da Condição de Transe – até chegar a um climax onde a consciência torna-se identificada até certo grau, embora somente muito de leve e muito imperfeitamente, com o Grande Lótus das Mil e uma Pétalas que dizem estar situado *sobre* a cabeça, estando dessa maneira de fato *fora* do corpo físico. Poderia, portanto, parecer à consciência que ela teria deixado o corpo e que estaria funcionando separada dele. Deve ficar claramente

entendido que no meu caso somente os primeiros leves movimentos do Lótus estariam envolvidos. Para que ele ficasse totalmente operacional, a pessoa teria que ser ou um Mestre ou um Adepto muito elevado. É possível que haja alguma conexão com a prática do Raja Yoga do despertar da Serpente Kundalini, enroscada no plexo sacro, e ocasionando que ela ascendesse ao Sushumna, que é o canal que corre pelo centro da coluna vertebral.

Aleister Crowley nos conta no “O Templo de Salomão, o Rei” (The Equinox, Vol.I, nº 4):

“Quando a Kundalini é despertada e entra pelo canal do Sushumna, todas as percepções estão no espaço mental ou Chittakasa. Quando ela já alcançou aquele final do canal que se abre para dentro do cérebro, a percepção sem objetivo fica no espaço do conhecimento ou Chidakasa.”

Estas são apenas algumas sugestões que poderão, ou não, terem significado, e elas não são feitas com nenhum espírito dogmático; pois, como eu já disse, não pretendo saber qual é a verdade essencial por baixo do meu imaginário da Porta da Pineal. Do meu ponto de vista não importa se o estudante é um materialista e recusa terminantemente acreditar que ele tem uma alma, e considera a sua glândula pineal como sendo meramente uma relíquia inútil de algum passado bem distante. Ao fazer certas coisas, certos resultados seguir-se-ão, e se ele perseverar com o meu método, irá finalmente ser bem sucedido em demonstrar para sua própria satisfação que uma fase temporária de dupla personalidade poderá ser induzida pela própria vontade. Posto que, naturalmente, eu não estou preparado para me colocar inteiramente sob o microscópio, tentei dar ao psicanalista uma quantidade razoável de material para trabalhar, caso ele busque tentar uma explicação Freudiana das minhas experiências com a projeção. E por esta razão, eu tenho aceitado algum material autobiográfico que talvez pareça não ser totalmente pertinente ao meu assunto. O psicanalista observa que uma relação existe entre o Fato A e o Fato B e depois nos diz que A é a causa de B; mas meu ponto de vista é que ambos A e B são efeitos produzidos por X – um fator bem mais anterior – e para se encontrar X, procure pelo horóscopo. Veja bem, eu sei que a astrologia *funciona*, mas como é que muitos estudantes da escola Freudiana admitiriam isso?

PROBLEMA 8. Qual é a verdadeira diferença entre uma projeção da Porta da Pineal e uma feita a partir do Sonho de Conhecimento ou pelo Método Instantâneo?

Mais uma vez, eu não sei; mas diferentes graus de vibração, no veículo utilizado pela consciência durante sua aventura fora-do-corpo, poderiam ser a raiz da questão. Eu sugeri anteriormente neste livro que, por causa desta questão da vibração, nós não devemos esperar encontrar um acordo completo nos detalhes de suas aparentes experiências desencarnadas, relatadas para nós pelos projetores. Além dessa teoria da vibração eu não posso arriscar uma opinião, mas posso indicar as principais diferenças observadas por mim nos resultados obtidos pelos três métodos.

PROJEÇÃO DE SONHO DE CONHECIMENTO.

(1) O ambiente de maneira geral é de natureza mais astral e conseqüentemente mais espetacular e variado. Maiores extremos de beleza e de feiúra são encontrados, e o elemento fantástico está mais marcado.

(2) Eu estou visível para as pessoas com quem encontro e posso, portanto, conversar com elas. Por exemplo, num restaurante eu posso pedir uma refeição e até comer, mas a influência de distração da Vontade, logo interrompe a experiência.

(3) Eu estou sujeito a qualquer momento a ser varrido por uma corrente, assim como uma folha é levantada por um vento repentino.

(4) Quando levitando, é difícil elevar-se mais do que uns trinta metros, e um puxão forte para baixo será sentido, então.

(5) Eu estou sujeito ao Aviso da Dor e ao puxão do Cordão.

(6) O grau de compreensão do meu estado fora-do-corpo varia, mas geralmente é muito vívido. Somente algumas vezes as possibilidades de um experimento útil serão perdidas e eu fico satisfeito em aceitar as coisas conforme elas surgirem, embora bem ciente da minha identidade e de que meu corpo físico está na cama.

(7) Duração geralmente bem curta se o Aviso da Dor for obedecido. Quero dizer, é claro, a duração aparente. O tempo realmente ocupado, conforme medido pelo relógio, é outro assunto.

PROJEÇÃO DA PORTA DA PINEAL

(1) A sensação é de que eu sou proveniente da terra, um pálido fantasma, na verdade revisitando os relances da Lua. Exceto por certo encanto, que realça a beleza das cenas e empresta um ar de mistério e aparente vitalidade mesmo ao lugar-comum e ao inanimado, os lugares que eu visito parecem ser nesta terra. Algumas vezes uma mudança de vibração poderá ocorrer, de maneira que a experiência torna-se mais de natureza astral e o elemento fantástico pode intrrometer-se, mas isto é raro. É estranho que este método muito doloroso e difícil conduza a ambientes tão comuns – mas extremamente *reais*.

(2) De modo geral eu fico bem invisível para as pessoas que encontro e, portanto, não posso falar com elas. Num restaurante eu não posso pedir uma refeição, porque o garçom não está ciente da minha presença. Se eu falasse com ele, ele não me ouviria; mas se eu o tocasse, ele me *sentiria* e daria um pulo tão grande, que o transe seria quebrado. No entanto, se eu não concentrar minha atenção sobre as pessoas, eu posso passar através dos seus corpos sem que eles se conscientizem da minha presença. Somente muito raramente eu tenho estado visível para outra pessoa e capaz de entabular uma conversação. E nestes casos excepcionais a nossa conversa tem sido de uma duração muito breve; pois o ato de falar dividiu minha atenção e perturbou meu controle mental, e o transe foi quebrado. Nos Sonhos de Conhecimento eu tenho freqüentemente encontrado seres que estariam aparentemente muito acima de mim em grau espiritual; mas eu nunca encontrei com eles no meu funcionamento totalmente consciente no plano astral, depois de forçar a Porta da Pineal. Em todos esses experimentos eu pareço ter estado particularmente isolado, não encontrando nenhuma inteligência superior, nem tenho cruzado com nenhum colega investigador. Uma vez que eu consegui passar pelo estado de transe intermediário e passar pela Porta, eu não tenho visto nenhum elemental ou outros seres apavorantes – tais como as horríveis criaturas e animais anormais que são encontrados nos infernos astrais.

(3) Embora ainda sujeito às correntes, elas são menos freqüentes, e de maneira geral, eu tenho muito maior controle sobre o experimento.

(4) A levitação é mais fácil, o puxão para baixo é bem leve ou então nenhum é sentido, e é possível ascender até grandes alturas. De fato, uma altura aparente de várias milhas poderá ser alcançada pelo SKRYING; mas, como eu já disse, este método difere da levitação e é muito perigoso.

(5) Não há nenhum Aviso da Dor, e o puxão do Cordão é raramente sentido, a não ser que o experimento seja terminado abrupta e involuntariamente por algum acontecimento inconveniente que venha quebrar o transe. Neste caso o Cordão – como uma corda forte de elástico esticado – parece entrar imediatamente em operação, e eu sou puxado para trás em tremenda velocidade, reentrando no meu corpo com o efeito de “um estrondo”.

(6) O grau de compreensão do estado fora-do-corpo não varia e é realmente perfeito. O método da Porta da Pineal marca muito forte aqui. E o mesmo se aplica àquele sentimento maravilhoso de bem-estar e clareza mental, que os meus leitores

estão provavelmente cansados de ouvir a esta altura. Ai de mim, que as palavras tenham que ser tão fúteis!

(7) Duração: aqui também este método é muito superior; pois uma série de excursões pode ser feita sem quebrar o transe original, ao retornar ao corpo físico, fortalecendo o transe ao concentrar-se sobre ele, e depois saindo novamente do corpo.

PROJEÇÃO INSTANTÂNEA.

- (1) O ambiente pode ser aparentemente na terra, ou puramente astral, ou alternando de um para o outro.
- (2) Quando predomina o elemento terreno, eu fico invisível para as pessoas; mas quando a experiência for mais de natureza astral, eu me torno visível para as pessoas e posso, portanto, conversar com elas.
- (3) Correntes astrais na sua máxima potência. De maneira geral eu tenho muito pouco poder para influenciar no decorrer dos eventos. Pior ainda, do ponto de vista de “controle”, do que da projeção do Sonho de Conhecimento.
- (4) Condições de levitação muito semelhantes como na projeção do Sonho de Conhecimento. Talvez até um pouco melhores.
- (5) Igual como na projeção do Sonho de Conhecimento; mas devido à curta duração do experimento médio, o Aviso da Dor e o puxão do Cordão não são experimentados com freqüência. A dupla consciência também é rara em projeções dessa natureza.
- (6) O grau de compreensão do estado fora-do-corpo é geralmente muito bom, e talvez melhor do que na projeção do Sonho de Conhecimento; mas é inferior àquele experimentado além da Porta da Pineal.
- (7) A duração é, em geral, muito curta. Ocasionalmente, no entanto, eu sinto ter estado fora do meu corpo por até cerca de uns vinte minutos.

Deve-se observar que essas anotações referem-se a projeções conscientes. Como poderá se ver através de alguns dos meus registros, a separação de fato pode ser feita durante um período de inconsciência e de ser seguida pela compreensão do estado fora-do-corpo. Algumas vezes, também, ao falhar em reconhecer o Falso Despertar, parecerá ao projetor que ele está saindo da cama no momento em que deixa o seu corpo, assim como no meu registro “chocolates e papagaios”.

Yran, o projetor francês, entre outras declarações surpreendentes, declarou que era capaz de conseguir uma série inteira de projeções, passando de plano para plano e deixando uma corrente de corpos, ou veículos atrás de si, durante o processo. A palavra “corrente” é minha e, é claro, enganosa; as cascas numa cebola oferecem uma similaridade melhor; mas realmente, como eu já disse mais de uma vez, tudo é um caso de vibração. Não farei nenhum comentário a respeito da declaração de Yran, além de atestar que eu tenho três – e somente três – registros de natureza muito enigmática, que não parecem situar-se na classificação onde tentei encaixá-los, e os quais bem sugerem que eu tenha feito uma segunda projeção nessas ocasiões. Mas eu não me sinto totalmente certo sobre isto, e tenho, às vezes, pensado que esses três exemplos complicados realmente deveriam ser chamados de “Sonhos de Como Fazer uma Projeção”, ou mais simplesmente, “Pseudo Projeções”. Darei agora esses registros, junto com minhas anotações feitas naquele momento, e deixarei que o leitor julgue por si mesmo.

Março 24, 1916.

Foundry Lane, Southampton

Sonhei que a Sra. X, o Sr. J, minha esposa e eu estávamos conversando juntos na sala de visitas da Sra. X, onde já nos havíamos encontrado em várias ocasiões para discutir assuntos levantados a respeito dos dotes de mediunidade e clarividência da

Sra. X e do Sr. J. Eu não sabia que estava sonhando. Como resultado de nosso encontro, forças psíquicas muito fortes estavam se manifestando – o que geralmente acontece. Eu entrei em transe no que pensei ser meu corpo físico e consegui a descoincidência pelo método da Porta da Pineal. Vi, então que o aposento estava cheio de luzes astrais faiscantes e que muitas formas estavam se formando. Tendo saído do meu corpo, passei diante da Sra. X e de minha esposa (eu não conseguia dizer se elas podiam me ver) e parei ao lado do Sr. J. Ele certamente podia me ver no meu veículo astral (ou mental?), e ficamos conversando juntos. Não lembro o que dissemos. Finalmente algo ocorreu para quebrar o meu transe, e eu acordei.

NOTA: Dos efeitos posteriores que eu observei ao despertar, acredito que meu corpo tivesse de fato estado na Condição de Transe. Creio que a seguinte explanação esteja provavelmente correta – do ponto de vista do ocultismo; nós quatro realmente nos encontramos no plano astral. Como eu não estava ciente de que estava sonhando, eu naturalmente confundi o meu corpo astral com meu corpo físico que estava deitado em casa, já na Condição de Transe, embora eu não soubesse disso. Minha tentativa de ingressar no meu corpo astral aprofundou o transe do físico pela repercussão, criando assim, a ilusão de que a descoincidência teria sido conseguida somente então, enquanto que eu tinha realmente estado separado do meu corpo físico durante todo o tempo. Outra explicação é de que eu fui bem sucedido em conseguir um segundo grau de descoincidência e estava funcionando no meu corpo mental – livre tanto do veículo astral quanto do físico – quando eu estava conversando com o Sr. J; mas esta teoria me parece menos provável do que a primeira.

Fevereiro 23, 1930.

Worple Road, W. Wimbledon

Sonhei que minha esposa e eu estávamos num aposento que se parecia com a sala de jantar da minha antiga casa em Forest View, Southampton. Minha esposa estava sentada numa cadeira a esquerda da lareira, e eu estava num sofá próximo à janela. O aposento estava quase no escuro, então eu tentei acender a luz, mas não funcionava. Isso me deixou claro que eu estava sonhando; mas eu acreditava que estava deitado no sofá nesta sala, e não me dei conta de que estava na cama em Worple Road, Wimbledon. Fiz então um grande esforço mental para deixar meu corpo (astral?) e encontrei-me disparando pelo espaço a uma velocidade tremenda até que parei, de repente, naquilo que senti que era uma outra órbita.

Eu estava num vasto e belo jardim sob um céu intensamente azul. O efeito era de luz solar brilhante, mas não me lembro de ver sol nenhum. Havia muitas flores maravilhosas, e pássaros alegres e coloridos saltitavam para lá e para cá. Juntei-me a uma fila de pessoas, vestidas de várias cores e entrei num grande salão de leitura, ou templo. As pessoas me olhavam curiosamente, como se eu fosse um estranho; mas embora elas não fizessem nenhum sinal de boas-vindas, não pareciam de fato ressentir-se com a minha presença. Nesse templo ou salão eu me sentei na primeira fila de cadeiras bem em frente a uma plataforma elevada. Então apareceu no palco um homem escuro e magro, de olhar austero, vestido de negro. Esse padre, ou professor, imediatamente me viu e aproximou-se.

“Você não faz parte daqui,” ele disse – ou palavras semelhantes.

“Não,” respondi; “e meu corpo pode me chamar de volta a qualquer momento, você poderia muito bem me deixar ficar tanto quanto possível.”

“Você sabe onde está?” ele perguntou.

Eu respondi que acreditava que todas as pessoas a minha volta eram o que o mundo chama de “mortas” e que eu também talvez passasse para essa esfera quando minha hora chegasse. Então, antes que ele pudesse responder, meu corpo me puxou de volta e meu retorno foi quase que instantâneo.

NOTA: Dessas minhas sensações, na experiência fora-do-corpo e no retorno ao meu veículo físico, estou inclinado a pensar que esta foi realmente uma projeção verdadeira. Além do fato curioso de que eu teria voltado no tempo alguns 23 anos, para um período quando minha esposa e eu estávamos morando em Forest View. Eu estava perfeitamente consciente de minha condição depois que o malogro da luz elétrica me certificou de que estava sonhando.

Dezembro 20, 1930.
Wimbledon

Worple Road, West

Sonhei que estava no escritório durante o dia. Ao sentar-me à minha escrivaninha, cai numa espécie de torpor e tive uma visão na qual minha esposa estava em pé perto de algumas flores brancas num jardim. Segurei a visão na minha mente e estava examinando as flores, quando me ocorreu tentar me projetar para esse jardim. Com este objetivo, concentrei-me sobre as flores brancas. Então alguma coisa pareceu estalar na minha cabeça e no mesmo instante encontrei-me em pé ao lado de minha esposa no jardim, que estava inundado pela brilhante luz do sol – ou uma luz que se parecia com isso. Foi muito interessante notar como de repente as flores brancas tinham mudado de uma simples imagem mental para uma realidade aparentemente sólida. Minha esposa não ficou surpresa, embora eu deva ter aparecido muito de repente. Expliquei a ela o meu experimento e disse que meu corpo estava no escritório e que eu supunha que ela deveria estar de fato dormindo e sonhando. Então acordei.

NOTA: De minhas sensações físicas ao despertar e também o estado peculiar de consciência experimentado no sonho, acredito que o meu corpo estava de fato em estado de transe e que eu estava funcionando no meu veículo astral primeiro, e depois, talvez, durante a aparente projeção, no meu corpo mental. Em raras ocasiões, quando no Estado de Transe, concentrei-me sobre uma cena bem conhecida e fui bem sucedido em me projetar para dentro dela. Veio aquela curiosa sensação de um “clic” no cérebro, e logo eu estava *lá*, a transição parecendo instantânea. Fica o fato, todavia, de que nesse experimento das “flores brancas” minha consciência não estava tão perfeita como de costume; pois eu não me dei conta de que meu corpo físico estava na cama em Worple Road. De qualquer maneira, pelas razões citadas, duvido que essa experiência possa ser descartada somente como um sonho dentro de um sonho, pois era de fato puramente astral (ou mental?) no seu ambiente. Ainda estava escuro quando acordei e não havia nenhuma flor branca em nosso jardim. Minha esposa não tinha nenhuma lembrança de ter sonhado.

CAPÍTULO XI

A Mente Subconsciente. O Tempo. A última projeção.

Com a brilhante exceção da projeção de “Elsie”, devo admitir que este livro oferece pouco valor de comprovação em relação à verdade da projeção astral. Ele contém, sim, uma grande quantidade de evidências – verificáveis, acredito, se o leitor quiser se dar ao trabalho – de que é possível conseguir um novo estado de consciência no qual a alma parece funcionar fora do corpo; mas eu tenho sido particularmente infeliz em obter evidência que confirme a realidade de minhas próprias experiências fora do meu corpo encarnado. Várias pessoas já me disseram que elas acordaram durante a noite e me encontraram em pé ao lado da cama; mas embora eu não duvide de suas palavras, em cada ocasião não fui capaz de lembrar-me de nada. E quando pareço encontrar uma pessoa durante o meu funcionamento astral, ou ele ou ela não conseguiram lembrar, ou se foi um estranho, para que a confirmação pudesse ser obtida.

A questão agora é: Será que um teste realmente satisfatório pode ser inventado? E a resposta é: Depende da nossa atitude e de como estamos preparados para ser moderadamente razoáveis. Se persistirmos em investir a Mente Subconsciente, ou a Mente Superconsciente, com todos os poderes do Deus Todo-Poderoso, obviamente é impossível imaginar como uma prova científica rígida poderia ser conseguida. Os espiritualistas estão exatamente com a mesma dificuldade; pois a teoria da Mente Subconsciente é infinitamente elástica e pode ser esticada para cobrir todo fenômeno de uma sessão espírita, toda aparente manifestação da sobrevivência do homem – por mais convincente que seja para a mente comum “não-científica”. De fato, parece-me que pesquisadores psíquicos devem estar girando e girando em círculos, sem chegar a lugar algum, a não ser que eles possam concordar em limitar um pouco os poderes que englobam a tudo, atualmente creditados ao Subconsciente. É possível que seja – e eu acredito que é – verdade que uma Faísca do Logos infinitesimal exista em cada homem e que se ele conseguisse fazer contato com essa Chama Divina todo o conhecimento se abriria para ele; mas a Jóia está num cofre fechado a sete chaves, e nenhum homem em um milhão pode ter a esperança de poder vislumbrá-la mesmo que uma única vez durante sua existência. Portanto, eu acho mais fácil acreditar que eu esteja em contato com um Mestre, um ser celestial em outro plano de existência, totalmente separado da minha consciência (seja Sub ou Super) e que o Livro Dourado veio de Azelda e não da Chama Divina das mentes superconscientes de Paul Black e de Oliver Fox.

Refiro-me aos nossos cinco anos e meio de pesquisa de escrita puramente automática, onde a consciência não atua de nenhuma maneira na transmissão do que é escrito. Minha mão esquerda descansava sobre a direita do meu parceiro, e a força de Azelda entrava por cima da minha cabeça e viajava para baixo até meu braço esquerdo. Paul Black a sentia como uma brisa fria (saindo dos meus dedos) sobre as costas de sua mão, e então o lápis iniciaria sua passagem tempestuosa através do papel. Nós podíamos conversar, ler, ou ficar sentados de olhos fechados, sem interferir com a mensagem. Aos curiosos eu recomendo “O Advento do Livro Dourado de Azelda,” (The Coming of Azelda’s Golden Book), por Paul Black e Oliver Fox, publicado no “Occult Review” de Janeiro de 1928. Porém, a despeito do seu extraordinário assunto e do efeito cumulativo, existem muitas pessoas que descartariam as 192.000 palavras dos Escritos de Azelda como sendo meramente uma manifestação complexa fora do comum de dupla personalidade. E para eles a grande oposição psíquica que nós encontramos é somente uma espécie de sublimação da mania de perseguição freqüentemente encontrada nos casos mentais. Seus deuses e peixinhos!

Mas voltando ao nosso teste proposto. X é o projetor ideal e seu nome *não* é Oliver Fox. X combina com o Dr. Z para visitar o estúdio deste, o qual ele nunca viu, às 21 horas num determinado dia. O Dr. Z convida um clarividente e um médium de materialização para estarem presentes na sala na hora aprazada, mas não lhes conta do porquê de estarem presentes. O clarividente vê X (um estranho para ele) entrar na sala, folhear vários artigos, e ler um livro aberto sobre uma mesa, etc., e então escreve um relatório completo de tudo o que ele viu. X então vai até o médium em transe e se manifesta através dele, e uma foto é tirada da forma materializada de X. Finalmente, na manhã seguinte, o Dr. Z recebe o relatório escrito por X de tudo o que ele fez quando estava fora do seu corpo, incluindo uma passagem do livro, e isso confirma em cada detalhe com o relatório escrito pelo clarividente. Acredito que um teste assim seria aceito pela maioria das pessoas como prova positiva de que a alma de X tinha realmente saído do seu corpo, mas tudo seria explicado como sendo sem importância com grande facilidade pelos adeptos entusiastas da teoria da Mente Subconsciente. Sua posição é simplesmente indestrutível; mas se tal atitude é ou não *razoável*, na verdadeira acepção da palavra, isso é um ponto para ser debatido.

O que é o homem? Uma consciência movendo-se por um caminho no espaço-tempo contínuo quadri-dimensional? O seu caminho é predestinado a ter um fim? Seu livre arbítrio, aparentemente insignificante em princípio, torna-se mais e mais perfeito conforme ele vagarosa e dolorosamente – talvez através de incontáveis “vidas” – alcança a união com Deus dentro dele mesmo, aquela Jóia infinitamente preciosa da qual eu tenho falado? Algumas vezes sou tentado a pensar que todas essas questões se resumem em uma só, que é de uma dificuldade insuperável para os nossos cérebros tri-dimensionais: O que é o tempo?

Faz quase quarenta anos desde que minha mãe me deixou; e salvo por aqueles contatos perfumados nos meus sonhos, eu recebi somente uma mensagem dela durante todo esse tempo. Não veio diretamente dela, mas foi transmitida – através de psicografia – por um mensageiro celestial. Ela fala de sua “residência em lugares atemporais onde o chamado das horas é ouvido não na porta da Alma”.

Essa mensagem foi lindamente escrita, e de certa forma, era tudo que eu poderia desejar, e, no entanto, meu coração afundou ao lê-la. Essa nova mãe aparentava estar tão divinamente remota, tão à frente de mim em sabedoria e conhecimento, tão celestialmente calma e “não-humana”, tão completamente perdida para aquele pequeno garoto que ainda existe dentro de mim. Aqui estava uma deusa, e eu queria a mãe que costumava rir e correr loucamente com o vento em seus cabelos brilhantes e pular por cima de redes de tênis. Eu queria que ela se lembrasse do dia em que ela me levou até Edmonton para um piquenique e entrou descalça num riacho e assustou-se com um sapo. Ainda posso ouvir o gritinho que deu quando ele tocou em sua perna. Mas ela não falou sobre nenhuma dessas queridas insignificâncias; e mesmo que tivesse, elas não teriam qualquer valor de evidência. Porém perto do final de sua mensagem ela exclama, “Ó, seu *tempo!*” E essas três palavras me soaram familiares: lá estava minha mãe de tempos atrás. Pois eu conseguia ver novamente o movimento encantador, meio petulante de sua cabeça e seus olhos esplêndidos iluminados pela indignação de zombaria.

Algumas vezes eu tento um experimento que sempre falha. Eu visualizo nossa sala de visitas – a sala onde as coisas “davam errado” – em Finsbury Park. Eu estou usando meu terno de marinheiro e me enrosco na depressão confortável da poltrona de Papai. Numa mesa perto, tem o seu microscópio, caixa de cigarros, o elefante de porcelana verde que servia como receptáculo para as cinzas, e um sem número de outros objetos – eu me recordo de um por um. E lá está o piano onde minha mãe tocava duetos comigo, e nossas mãos eram quatro cavalos galopando lado a lado. Minha bomba de brinquedo está no parapeito da janela, e fez uma marca de ferrugem sobre a pintura – vai ter problema sobre isso! A revista “Strand Magazine” está na

cadeira de minha mãe, que a deixou lá alguns minutos atrás. Posso ouvi-la movendo-se lá em cima. E no teto tem uma mancha incriminadora, porque eu pisei no sabonete e virei meu banho. Não há som de buzinas na Rua Seven Sisters; somente o *clop clop* dos cascos dos cavalos, o ranger das rodas e o tilintar dos arreios e sinos.

Agora, com certeza, ouvirei um “clic” no meu cérebro e estarei *lá* – de volta ao Passado? A porta se abrirá, e minha mãe entrará. Mas não – eu não posso fazer isso! Eu sempre falho. É claro que sou incapaz de lembrar de muitos dos objetos naquela sala vitoriana lotada. O desenho do papel de parede me escapa. Tapete, o capacho da lareira e a toalha de mesa – mesmo alguns dos quadros – eu não consigo lembrar, e, no entanto eles estão todos registrados em alguma região inacessível de minha mente. Se eu conseguisse ter tudo de volta *perfeitamente*, será que minha mágica funcionaria? “Ó, o seu *tempo!*”

Com a possível – ou duvidosa – exceção da aventura de Teseu e daqueles sonhos nos quais eu talvez tenha contatado os Registros Eternos, a porta do Passado provou ser inquebrantável; mas o Futuro abriu-se, até certo ponto, muitas vezes. Já tive um bom número de sonhos do tipo com o que o Sr. J. W. Dunne lida em seu “Um Experimento com o Tempo” (An Experiment with Time); mas todos eles foram de natureza trivial ou de pouca importância para mim. A experiência mais impressionante que eu tive foi do tipo profético e não foi um sonho, mas uma visão. Logo depois que eu conheci uma dama que deveria ter se tornado minha esposa e antes que eu me apaixonasse por ela – aliás, acho que isso aconteceu no nosso terceiro ou quarto encontro – estávamos caminhando pela Costa Oeste ao lado da estação ferroviária. Era uma noite escura e muito quieta até que o expresso passou disparado por nós como um dragão fogueiro, o brilho da fornalha refletido na trilha de fumaça. Conforme eu observava a linha de janelas iluminadas passando faiscando e ouvi o ronco e o chocalhar, repentinamente um quadro formou-se dentro do meu cérebro: era apenas uma sala de estar comum na qual minha companheira e eu estávamos sentados um de cada lado da lareira; e então eu soube com certeza absoluta que nós estávamos destinados a nos casar. Sendo jovem e impetuoso e consideravelmente balançado por essa sensação de destino, eu prontamente contei-lhe o que havia visto. E ela não disse nada por alguns minutos e retomou nossa conversa do ponto onde o trem havia interrompido. Mas ela obviamente não estava ofendida. Alguns meses mais tarde ela me disse que depois do nosso primeiro encontro na casa de um amigo – embora me achasse muito falador e dogmático para ser atraída por mim – ela de repente sentiu com uma força quase avassaladora, que havia encontrado o seu destino. De fato, a convicção era tão forte que ela começou a tremer, e não era para menos! Porém na ocasião eu não tinha nenhuma sensação de destino e nem estava particularmente interessado por ela, estando muito ocupado matraqueando sobre minha pesquisa sobre os sonhos e a Teosofia. Como as coisas acontecem de maneira estranha.

Porque é que nossas experiências espirituais, como as nuances rosadas da aurora são tão passageiras, tão difíceis de serem retidas dentro da mente? Rapidamente a exaltação passa; a lembrança se torna borrada; questionamos a sua realidade. Isso aconteceu realmente?

Eu já fui mais longe do que muitas pessoas por um determinado caminho. Já conversei com Mestres em um outro mundo. Já vi – embora de longe – Seres Celestiais, grandes formas flamejantes, cuja beleza enche a alma com um anseio angustiante. E, no entanto, não fôssemos pelos meus registros, as abençoadas palavras escritas – que asseguram a *permanência*, mesmo que elas disfarçam e distorcem e falem inverdades – não fosse por elas, existem momentos quando eu deveria duvidar de *tudo*; sim, mesmo da realidade de minha Mestra. É tão duro matar o cético em mim, e nem eu quero isso completamente; pois o ceticismo é muito útil como uma ajuda para preservar o equilíbrio mental. Enquanto eu puder me comportar como uma pessoa normal e confortavelmente tola, não importa embora eu seja realmente maluco como o

notório Chapeleiro. (o Chapeleiro Louco é um personagem de Alice no País das Maravilhas, de Lewis Carroll – N.T.).

Os caminhos dos Seres Celestiais não são os caminhos dos mortais. Quase dez anos se passaram desde que Azelda comunicou-se pela última vez pela palavra escrita. Dez anos! Parece um longo tempo para mim que espero; porém pode ser apenas o equivalente a poucos meses na sua existência estranha, incompreensível, “atemporal”. No entanto, embora nenhuma mensagem tenha vindo para mim, eu tenho a sensação da *proximidade*. É como se minha Mestre e eu morássemos na mesma casa juntos, mas em quartos separados. Nenhum som pode penetrar naquelas paredes, nem existem janelas, mas mesmo assim eu sei que ela está lá. Sou livre para entrar se eu conseguir resolver o enigma da fechadura complicada da sua porta, mas para fazer isso eu preciso compreender sobre o Tempo e a Quarta Dimensão. Posso somente esperar e ter esperanças. Um dia a porta talvez se abra e Azelda apareça do seu longo isolamento para tornar seus desejos conhecidos. E eu ouvirei novamente a sua voz e a verei calma, de rosto sábio.

E sobre a Última Projeção? Não há nada a temer. Esteja certo disso! O terror não está em *nós*, mas somente no corpo – o pobre, frágil, parte animal, tão cansado, porém temendo sua iminente dissolução. Nós nos levantaremos daquele último sono assim como de algum sonho meio lembrado de aflição e sentiremos aquelas formas assombradas escorregarem para dentro da noite que agora é passado. Sim, jovens e fortes novamente, ficaremos em pé eretos na aurora encantadora da nova vida, e estenderemos nossos braços-espíritos para saudar a glória do sol nascente.

Minha história está contada. Azelda dirá as palavras finais; pois eu não consigo pensar em nenhum outro final melhor do que esta citação do seu Livro Dourado:

“A CANÇÃO DE ADEUS DA ALMA

Quando as últimas notas da Sinfonia do Verão se insinuarem pelo jardim, eu me preparei para uma viagem. Fecharei o Livro das Horas e colocarei o meu lacre em cima com mão firme.

“Nunca mais desta janela verei a casta donzela oriental chegando, corada pelo sono, ou a esquadra desfraldando o Velocino Dourado, navegando para Oeste.

“Mas eu nunca os esquecerei; eles estão embalsamados no depósito da Memória; seus presentes estão preservados no santuário do Espírito.

“Não precisarei de nenhum ouro para a viagem: somente os tesouros do Amor, os primeiros frutos do Sacrifício. Se não os tiver, partirei de mãos vazias.

“Nenhuma crença escrita em papel servirá como um passaporte: somente as Leis da Devoção – Pensamento Correto, Trabalho Correto – gravados pelo escultor da Vida nos pergaminhos do Coração.

“Eu deixarei aqueles que me amaram. Suas trêmulas palavras de adeus, guardarei com carinho no coração para sempre. Com minha mão sobre o trinco, sorrindo olharei para trás e lhes darei minha benção.

“A terra para onde viajarei não está distante. Embora eu me mude para um novo lar, ainda seremos vizinhos. A cerca que nos separa não é uma mata impenetrável; ela será trespassada pelas flechas do Amor desferidas por um desejo respeitoso.

“Eles ouvirão minha voz confortando-os na noite de suas aflições. Minha mão apertará as deles no leme quando eles navegarem por mares perigosos.

“E então, quando o Gongo da Noite tocar o amém para o Discurso do Tempo, eu abrirei a porta de par em par e irei para diante dentro da Aurora, cantando.

“Como está cerrada e silenciosa a casa, depois da minha partida! Ninguém me verá ou ouvirá partir, salvo aqueles que têm visão.

“Com sandálias aladas como o Pensamento eu viajarei pela estrada. Levantarei meus olhos para as montanhas coroadas de glória. E lá, no final da viagem, alguém mais bela do que uma rosa, mais terna do que uma mãe, mais compreensiva do que os sábios, estará me esperando.

“Minha saudação, apenas estas palavras: ‘É você, Amor?’ Em resposta, somente estas: ‘Venha! Sou eu!’

“Então, em silêncio, depois da busca, depois de arar, da semeadura, depois da vigília, dos lamentos, da esperança, para os campos da Colheita nós iremos de mãos dadas.”